

## Dados pessoais

Sou neta de imigrantes italianos, de mãe mineira e pai do interior paulista; nascida e criada na Mooca. Há trinta anos estou casada com o Nelson e sou mãe do Danilo, agora com 18 anos.

(...) Tempo Tempo Tempo Tempo  
És um senhor tão bonito quanto a cara do meu filho  
Tempo Tempo Tempo Tempo,  
vou te fazer um pedido  
Peço-te o prazer legítimo e o movimento preciso  
Tempo Tempo Tempo Tempo  
quando o tempo for propício  
Tempo Tempo Tempo Tempo  
De modo que o meu espírito ganhe um brilho definido  
Tempo Tempo Tempo Tempo  
e eu espalhe benefícios  
O que usaremos pra isso fica guardado em sigilo  
Tempo Tempo Tempo Tempo  
apenas contigo e migo  
(...)

*(Caetano Veloso)*

## Apresentação

Voltando o olhar para meu passado de estudante e professora, fico feliz por ter conseguido atingir meu objetivo profissional, tornar-me professora e pesquisadora do departamento de lingüística da Universidade de São Paulo, mas não é uma felicidade alegre, fácil, é apenas uma sensação de ter conseguido, ao longo de tantos anos, construir algo, um núcleo de pesquisa em lingüística africana. Ao refletir sobre a direção que dei ao meu trajeto, sinto alguma tristeza por não ter sido melhor no que me propus fazer. Percebo que o tempo passou rápido na minha fase de estudante. Aos dezessete anos era estudante da USP; em 1971, aos 21 anos, estava formada em Letras, lecionava há três anos e meio, e já colecionava outros diplomas: secretária executiva, datilógrafa, taquígrafa (sem contar o primeiro diploma, aos nove meses, de robustez infantil!).

Depois de concluir o curso de Letras, fiquei dez anos longe da USP, trabalhando no ensino fundamental e médio. Quando retornei à universidade, entrando no curso de pós-graduação, tive a oportunidade de ir para a África, fui ao encontro do tempo africano, fruído em Abidjan, na Costa do Marfim, de 1981 a 1987, como leitora de língua portuguesa. Foi o momento de trabalhar, estudar e vivenciar experiências que marcariam definitivamente minha vida e minha carreira acadêmica. Em 1990 ingresso como professora na USP; em 1992 defendo meu doutorado e, ao refletir sobre esse percurso, confirmo a certeza de que meu caminho foi demarcado pela passagem pela África, que separou etapas

de minha vida e de meu desenvolvimento profissional: antes, durante e depois de Abidjan. São os fatos e feitos desses três momentos que constituem este memorial. Antes de Abidjan, corresponde ao período de minha formação, de minha atuação como professora de português e francês no secundário. O tempo que passei em Abidjan, de 1981 a 1987, é o momento de minha formação de lingüista, do ensino de português para estrangeiros e das experiências que orientaram minha vida e carreira futuras. Depois de Abidjan, é o momento em que volto à USP, em 1990, ingresso na carreira universitária e concluo o doutorado. Tempo longo, em que lentamente vou amadurecendo até chegar a este momento, em que busco um sentido para todas as ações ou omissões, tentando entender e justificar o que puder ser explicado.

As partes que compõem este memorial delineiam os aspectos mais importantes de cada período. Nos comentários destaco fatos do passado que marcaram minha carreira, repercutindo no presente e apontando para o futuro. Na seqüência das três etapas, ao final do relato, relaciono as atividades documentadas deste percurso: as publicações, as participações em eventos científicos, as participações em bancas examinadoras e em comissões julgadoras de concursos e processos seletivos.

## I – Antes de Abidjan

### Tempo de estudar

Fui educada em escola pública a partir da quarta série do antigo ginásio (equivalente da oitava série do curso fundamental), antes tinha estudado na escola da igreja São Paulo Apóstolo. Da primeira infância guardo a lembrança de uma lousa verde que ganhei de meus pais. Pendurada num quartinho dos fundos da casa, ela foi meu brinquedo favorito; servia para eu dar minhas aulas a alunos reais e imaginários.

Desde a primeira série (quinta, hoje) me apaixonei pela língua francesa e decidi que seria professora de francês e de português também, porque gostava de ler – prazer despertado pela obra infantil de Monteiro Lobato, que descobri aos nove anos – e de fazer análise sintática (até pouco tempo guardava um caderno de 200 folhas só de exercícios de análise de períodos compostos). Já no segundo ano do ginásio decidi que faria o curso de Letras-Português e Francês. A partir daí fui caminhando nos estudos, sem nenhuma reprovação; era boa aluna, lia bastante e tinha boas notas em todas as matérias. Mas fiquei de segunda época em inglês, no primeiro ano do antigo clássico, cursado no tradicional Colégio Estadual de São Paulo, no Parque D. Pedro. Foi um grande sofrimento ter de passar as férias estudando sozinha, por não ter obtido média seis e não sete, o mínimo exigido para “passar direto” naquela escola. Eram os anos do “imperialismo americano”, do acordo MEC-USAID. Era moda não gostar de americano e eu, por azar e tolice, resolvi também não gostar muito da língua inglesa.

Entre na USP, em Letras Neolatinas, já na primeira tentativa, logo após terminar o terceiro ano do clássico, tendo cursado dois meses do cursinho do Grêmio, onde fui aluna de Rodolfo Ilari, professor de latim, e de Marisa Lajolo, professora de literatura. Foi na universidade que descobri que no estudo de línguas havia algo mais, além de interpretar textos, recortar períodos e identificar orações coordenadas e subordinadas. Foram as aulas de lingüística do Prof. Izidoro Blikstein que me fascinaram pela novidade, pelo jeito diferente de tratar a língua e os textos. A leitura de trabalhos de Jakobson, especialmente o artigo “Lingüística e Poética”, me mostrou que o objeto da lingüística é a língua em todos seus usos, expressos tanto na oralidade quanto na escrita literária. Só não conseguia

entender o porquê das aulas de filologia. Minha turma chegou até a fazer um movimento questionando a pertinência desse curso e do modo como ele era dado. O Prof. Dino Pretti teve, também, papel importante nas minhas descobertas linguísticas. Seu curso sobre níveis de linguagem, precursor do que é hoje a disciplina sociolinguística, foi um bom começo para entender a língua como um objeto intrinsecamente heterogêneo, reconhecimento importante para quem se dedicaria ao ensino de português, em regiões bem desfavorecidas de São Paulo. O curso de francês foi ótimo. Consegui realizar o sonho de falar francês e ouvir falantes nativos dessa língua com frequência. Tínhamos seis aulas semanais e sempre havia conferências, cursos e ocasiões de estar em contato com a língua. Havia até uma aula optativa com a professora Maria de Lourdes, aos sábados, em que tentávamos transcrever as letras de canções francesas. O curso de italiano, obrigatório no início do curso, tornou-se optativo. Decidi fazer só as habilitações em francês e português, e deixar o italiano, porque o curso não era compatível com minhas expectativas; as aulas eram desinteressantes, preparadas para principiantes.

O tempo de estudar, exclusivamente, foi curto, na avaliação que hoje faço; durou até meados do primeiro ano do curso de graduação, quando eu tinha dezoito anos. Na época, no entanto, estava ansiosa para lecionar e achava que já era tardia minha entrada no magistério.

### Tempo de trabalhar

No final do primeiro ano do curso de Letras comecei a lecionar português e francês em escolas públicas. As aulas de português não trouxeram grande problema, eram turmas do primeiro grau; as de francês, para alunos do clássico, necessitaram da orientação da professora Maria Sabina, sempre muito solícita e competente. A partir do segundo ano de Letras, eu dava aulas à tarde e à noite. Era pouco o tempo para o estudo, porque eu precisava trabalhar para manter meus estudos e ajudar minha família. Estudava nos finais de semana e passava noites em claro, muitas vezes fazendo trabalhos em grupo. Não podia imaginar que alguns desses colegas de grupo se tornariam professores da USP – a Neide González e o Alcides Villaça – muito menos que eu seria colega deles hoje.

Pouco a pouco foram desaparecendo as aulas de francês nas escolas públicas e tornei-me professora de português, exclusivamente. Em 1971 já havia terminado o curso e prossegui minha carreira em escolas da rede pública estadual, trabalhando nos três períodos.

Com tantas aulas, não pensava em seguir a carreira universitária. Se fizesse pós-graduação, um sonho que se mostrava distante, porque eu precisava mesmo de trabalhar, seria apenas para melhorar meu desempenho como professora do curso secundário, tarefa a que sempre me dediquei com empenho.

Dei aulas de português e francês no Ginásio Estadual de Vila Santa Clara, de setembro de 1968 até dezembro de 1971. Ali aprendi a trabalhar em grupo, com os colegas da área e também a usar essa estratégia didática durante as aulas. Os conteúdos avançavam lentamente, mas os alunos aprendiam a ler e entender um texto. O fato mais marcante desse período foi quando resolvemos trazer um grupo de teatro para fazer uma apresentação na quadra da escola. Conseguimos lotar o espaço improvisado em teatro, tal a curiosidade dos alunos e da comunidade para assistir à peça “O Rei do Samba”. Tudo correu bem durante a apresentação, apesar de não sabermos se todos estavam conseguindo ver e ouvir o que se passava em cena, um tablado montado no fundo da quadra. Alguns dias depois da apresentação, um colega e eu fomos chamados ao DEOPS (Departamento de Ordem Política e Social) para depor. Levamos um susto. Lembro que saímos imediatamente após receber a intimação, pois o diretor nos liberou das aulas. Lá chegando, tivemos que responder, separadamente, a uma série de questões sobre o conteúdo da peça e seus atores. Dissemos que não tivemos muito tempo de prestar atenção à apresentação, porque estávamos preocupados com a disciplina e a superlotação do ambiente. Saímos ilesos da conversa de meia hora numa sala super-refrigerada. Alguns dias depois soubemos que “eles” queriam informações sobre uma das atrizes, que acabou sendo presa por suspeita de participar de grupos terroristas. Os *anos difíceis* não interferiram diretamente em minha vida. Percebia a gravidade da situação política, mas não tive nenhuma participação ativa em nenhum tipo de movimento. Só participava de reuniões quando havia segurança.

De janeiro de 1972 a julho de 1977 lecionei português na E.E.P.S.G. Prof. Mário Marques de Oliveria. Essa escola foi criada como extensão da de Vila Santa Clara e depois se tornou um núcleo de ensino de segundo grau. Aí passei a dar aulas somente para os alunos desse nível e resolvi formar com eles um grupo de teatro. Dessa vez não houve

nenhum sobressalto. Fazíamos ensaios aos sábados, com o auxílio de um dos alunos que participava de um teatro amador. Depois de um ano e meio de trabalho, os alunos escreveram um texto e resolveram encená-lo para a comunidade. Nesse momento eu já estava mais esclarecida e tomei todas as providências para evitar contratempos. Datilografei todo o texto, uma comédia leve sobre uma viagem de avião, e levei para a censura. Após alguns dias o texto foi liberado e pôde ser encenado sem nenhum problema. Se havia espões no dia da apresentação, não se pôde saber, mas ninguém foi chamado para dar esclarecimentos.

Em julho de 1977 ingressei como professora efetiva de português na E.E.P.G. Valentim Gentil, onde permaneci até setembro de 1981. Já se disse que *a vida é a arte do encontro*. Penso que ela é, também, o resultado da imprevisibilidade das circunstâncias, que provoca encontros definitivos e decisivos, ou provisórios e incertos. O que poderia ser um ponto de chegada, com a garantia de emprego público pela efetivação no cargo de professora de nível III, tornou-se um ponto de partida. Foi no Valentim Gentil que conheci o José Luiz Fiorin, que entrava, também como professor efetivo, naquela escola. Não posso me esquecer de dizer que havia outra colega, a Vanda Bartallini, que começou a carreira de professora efetiva no mesmo momento. Ambos estavam no mestrado, ela na PUC e ele na USP. Havia também outra colega, a Teresinha, de quem pouco me lembro. Vanda, Fiorin e eu fizemos uma boa parceria, na escola e fora dela. Recentemente a Vanda defendeu seu doutorado orientada pelo Fiorin.

O convívio com o Fiorin me trouxe de volta à universidade, ao reencontro do professor Izidoro Blikstein, na pós-graduação, e propiciou minha ida para a África. A relação entre os fatos pode não parecer tão evidente, mas os acontecimentos se encadearam de forma muito natural: o Fiorin não podia aceitar o convite do professor Izidoro Blikstein para substituir o professor Fábio Leite, leitor que estava há quatro anos em Abidjan, e me consultou para saber se eu e meu marido nos interessávamos pela idéia de ir para um país africano, de língua oficial francesa, lecionar português. O fato de eu ter estudado francês, ser casada com um professor de português e inglês, não ter filhos na época, deve ter incentivado o Fiorin a sugerir nosso nome ao professor Izidoro. Com muita curiosidade e um pouco ansiosos, respondemos afirmativamente à consulta do colega. Em setembro de 1981 partimos para o quase desconhecido – só encontramos poucas informações nos livros

sobre aquele país (não havia internet...) – com uma imensa vontade de ver, ouvir, aprender, mais do que ensinar.

Na preparação da viagem, fomos apresentados ao professor Fábio Leite, do departamento de Sociologia, leitor de português na Universidade de Abidjan. O professor Fábio tornou-se nosso *grand frère* ('irmão mais velho', em francês marfinense), que nos mostrou como conhecer a África. Nessa ocasião já estava matriculada na pós-graduação. Devo ao professor Izidoro Blikstein toda a orientação de minha pesquisa na África, foi ele que me sugeriu estudar línguas africanas e de trazer para o Brasil conhecimentos de lingüística africana. Viajei, portanto, entendendo que devia estudar línguas africanas e cursar todas as disciplinas de lingüística africana que fossem oferecidas no ILA – Instituto de Lingüística Aplicada da Universidade de Abidjan, esperando que esses cursos fossem reconhecidos na USP para obtenção de créditos. O professor Izidoro conhecia esse centro de estudos, por ter sido convidado pelo professor Fábio para fazer palestras naquela universidade. Ao propor-me a substituição do leitor que retornava ao Brasil, meu orientador já sabia que este trabalho seria, também, uma forma de poder estudar lingüística africana, visto que não havia nada nessa área no Brasil. Meu projeto era, portanto, bastante amplo: ver o que havia em lingüística africana e tentar descobrir um tema para pesquisa em nível de mestrado.



## II - Em Abidjan

Mon peuple...  
Quand donc cesseras-tu d'être le jouet sombre  
Au carnaval des autres  
Ou dans les champs d'autrui  
L'épouvantail désuet...  
(Aimé Césaire, *Ferrements*)

A experiência africana foi definitiva e exemplar. O distanciamento do Brasil permitiu o auto-reconhecimento de uma identidade brasileira, latino-americana e *terceiro-mundista* (adjetivo que denuncia antigüidade, mas era assim que se identificavam os países emergentes, hoje). “O preconceito de não ter preconceito”, posto à prova a cada dia, ao assumir o lugar do outro, mostrou o quanto temos de aprender se desejamos alcançar o convívio igualitário. O primeiro choque ocorreu com a leitura quase obrigatória do livro, escrito por um francês, *Petits blancs, vous serez tous mangés*. Não posso dizer que senti o drama do racismo e nem vi casos explícitos de intolerância. É bem verdade que, como brasileiros, tínhamos sempre um álibi infalível, éramos primos de Pelé, nossa senha e passaporte para muitas aventuras em terrenos proibidos para *petits blancs*.

Aprendi mais do que ensinei, seja nos bancos escolares – nos cursos de mestrado em lingüística africana e sociolingüística e no DEA (Diploma de Estudos Aprofundados) – seja nas pequenas descobertas do dia-a-dia, no contato com povos diúlas, baulês, anhis, senufos; muçulmanos e animistas; polígamos e monógamos; homens, mulheres e crianças vivendo numa sociedade com valores tão diferentes dos nossos, mas tão acolhedora quanto a nossa.

Os seis anos de permanência na África operaram uma das transformações mais significativas de minha vida, só comparável à do casamento e à da maternidade. Muitos que passaram pela experiência africana já disseram melhor do que eu como é impossível sair indiferente desse encontro. Para mim o conhecimento de Abidjan me levou à curiosidade de desvendar todo o país, tarefa que foi facilitada pelas pesquisas de campo que fazíamos nos cursos de lingüística africana, e depois toda a África. Hoje, são os congressos de lingüística africana que me têm proporcionado a oportunidade de descobrir outros países do continente africano. Conheço o lado ocidental, do Senegal ao Togo. Do lado oriental, só estive em Adis-Abeba, na Etiópia, onde estive no último congresso, em 2006. Falta visitar o norte, o

centro e o sul do continente. Quero ver, ouvir, entender a complexa africanidade, que não está no ruído e no colorido, como se pensa, mas se encontra numa compreensão profunda da humanidade.

Fomos para Abidjan como professores de português e leitores junto à embaixada do Brasil. Como havia iniciado a pós-graduação, sob orientação do professor Izidoro, procurei na Universidade de Abidjan cursos especializados em lingüística africana. Essa área de estudos estava concentrada no ILA, Instituto de Lingüística Aplicada. Seus professores e pesquisadores ministravam as aulas de lingüística obrigatórias para os alunos da Faculdade de Letras, faziam pesquisa sobre as línguas africanas, ofereciam cursos de licenciatura, mestrado e DEA e ministravam cursos extracurriculares de quatro línguas nacionais: diúla, baulê, betê e senufo. Encontrei mais do que esperava. Comecei fazendo o curso de diúla, que tinha a duração de dois semestres. Essa língua me interessou porque era a que mais se ouvia na cidade. Ela é uma das sessenta (ou oitenta) línguas faladas na Costa do Marfim, utilizada como língua veicular nesse e noutros países vizinhos, como o Mali e o Burkina-Faso.

Paralelamente às atividades docentes, doze aulas semanais de português, obrigatórias para alunos de espanhol e optativas para os demais estudantes de Letras, fiz o curso de diúla e as disciplinas que me permitiram obter o certificado de mestrado (*maîtrise*) em Lingüística, com habilitação em Lingüística Africana e Sociolingüística, e o certificado de Diploma de Estudos Aprofundados (DEA).

Procuro, apesar do forte componente emocional herdado da vivência africana, ter um olhar crítico sobre certos afrocentrismos, como aqueles que pretendem colocar no primeiro plano a anterioridade das civilizações africanas sobre as outras civilizações, defendendo o primado da influência africana no mundo e a profunda dicotomia cultural e biológica entre brancos e negros.

Retornamos definitivamente ao Brasil, em julho de 1987, reatando laços de família e de identidade brasileira, bastante afrouxados pelo afeto dos africanos.

## Cursos realizados

As disciplinas cursadas na Faculdade de Letras e de Ciências Humanas de Abidjan faziam parte de dois certificados, identificados como C2 (*certificat 2*), que me pareceram os mais interessantes entre as possibilidades oferecidas: Sociolingüística e Lingüística Africana. Os cursos: *Fonologia Estrutural e Gerativa*, no primeiro semestre do ano letivo 1982-1983, com os professores Zakari Tchagabale e Pascal Kokora, e *Lexicologia e Semântica*, no segundo semestre do ano letivo 1982-1983, com a professora Simone Lafage, permitiram-me obter uma licenciatura em Lingüística, necessária para prosseguir os estudos de mestrado.

Para o certificado de *Lingüística Africana*, cursei as disciplinas: *Estrutura das línguas africanas*, no primeiro semestre do ano letivo 1982-1983, com o professor Georges Herault; *Métodos e técnicas de pesquisa*, no segundo semestre de 1982-1983, com o professor Mel Gbamba; *Cartilhas de alfabetização*, no segundo semestre de 1983-1984, com o professor Mel Gbamba; *Lexicologia das línguas africanas*, no segundo semestre do ano letivo 1983-1984, com o professor Nazam Halaoui. Para o certificado em *Sociolingüística*, cursei a disciplina *Sociolingüística*, no primeiro semestre do ano letivo 1983-1984, com a professora Simone Lafage; *Planejamento lingüístico*, no primeiro semestre do ano letivo 1983-1984, com a professora Simone Lafage e *Informática e Ciências Humanas*, no segundo semestre de 1983-1984, com o professor Georges Vidal.

### 1. O Mestrado

Decidi fazer o trabalho final (*Minimémoire*) em Sociolingüística, sob a orientação da professora Simone Lafage. A monografia tinha por título “Profil sociolinguistique et réalisations linguistiques des élèves du CM2” (198 / 216)<sup>1</sup>.

O objetivo desse trabalho era determinar, num meio tão homogêneo quanto possível, o impacto da língua materna e do quadro sociocultural sobre a aprendizagem do francês nos alunos do CM2, equivalente da quarta série do nosso curso fundamental. A opção de analisar as realizações lingüísticas desse grupo se devia ao fato de que, para muitos

---

<sup>1</sup>A partir dessa referência, os números entre parênteses correspondem à numeração das páginas das pastas de documentos e das publicações.

marfinenses, os estudos regulares se interrompiam nessa série, o que nos permitiria supor que a aquisição do francês padrão também se encerraria nesse momento.

A análise fundamentou-se em três tipos de questionários:

- dados biográficos e perfil sociolingüístico dos alunos;
- dados biográficos dos pais;
- testes de avaliação de produções escritas em francês.

Apesar da grande diversidade lingüística da Costa do Marfim, caracterizada por uma superposição e interpenetração de línguas, podem-se distinguir quatro grandes áreas lingüísticas: kru, cuá, gur e mandê. Como o objetivo da pesquisa era oferecer um quadro geral da situação do francês naquele país, cada um dos cinco estudantes de Sociolingüística encarregou-se de aplicar os testes e avaliar os resultados obtidos em cada uma das áreas lingüísticas.

Atendendo ao critério de buscar uma homogeneidade mais ou menos clara para a aplicação da pesquisa, foram escolhidas as regiões de Ferkessédougou (área gur), Odienné (área mandê norte), Bouaflé (área mandê sul), Guiglo (área kru) e Adzopé (área cuá). Tendo em vista meu interesse pelo diúla, língua do grupo mandê norte, apliquei a pesquisa em Odienné, em duas escolas públicas, uma na cidade e outra no meio rural, interrogando cento e vinte alunos, no total.

A pesquisa sociolingüística foi elaborada para verificar três hipóteses:

- a) o aluno tem dificuldades na escola porque não utiliza e não ouve falar o francês padrão fora do meio escolar;
- b) as dificuldades de aquisição do francês pelo aluno marfinense estão ligadas às características de sua língua materna;
- c) o meio sociocultural onde a criança evolui é determinante para a formação de sua competência lingüística.

Essas hipóteses orientaram a elaboração dos questionários e o processamento dos dados obtidos. Para tabular os resultados da pesquisa foram utilizados os recursos do programa SPSS.

A análise dos resultados permitiu confirmar as hipóteses iniciais: a freqüência do emprego do francês varia segundo a categoria sócio-profissional do pai; os alunos que empregam mais constantemente o francês têm um melhor desempenho nessa língua. Foi

difícil mensurar o impacto da língua materna, porque esta não aparecia de forma evidente, nem no léxico nem nas estruturas sintáticas divergentes.

Da experiência de campo em Odienné e do contato com as crianças, que me cercavam querendo falar e ser gravadas – eu andava com um gravador enorme, cedido pelo ILA –, guardo a resposta de uma menina. Ao lhe indagar se ela gostaria de aprender a escrever em sua língua materna, ela me perguntou: “mais ça peut s’écrire?” Na sua simplicidade ela resumia o que muitos africanos pensavam e devem pensar ainda; suas línguas só servem para falar, onde elas circulam não se precisa escrever. Daí decorre a apreciação de que as línguas africanas não têm a mesma importância de uma língua que se escreve, mesmo que essa escrita reflita uma língua que não se fala. Só alguns sábios africanos, como Tierno Bokar, reconhecem que a “escrita não é o saber, mas a fotografia do saber”.

O exame dos dados oferecidos pela pesquisa ressaltou o problema da inclusão de línguas africanas no ensino e da escolha do momento oportuno para introduzir-se a língua oficial, o francês. Todos os alunos entrevistados tinham sido alfabetizados em francês, uma língua que não falavam quando entravam na escola e que continuava sendo um meio de comunicação restrito ao ambiente escolar, porque a família e a comunidade usavam preferencialmente o diúla. Todas as pesquisas demonstram que o rendimento escolar é melhor quando a criança é introduzida no mundo da escrita por meio de uma língua que a criança fale, mesmo que seja como língua veicular, por exemplo. Infelizmente, ainda hoje é um desafio para muitos países africanos oferecer a escolarização inicial em língua materna, para, paulatinamente, após dois ou três anos de estudos, introduzir a língua oficial do país, que passará a ser a língua utilizada no ensino de todas as outras disciplinas.

## 2. O Diploma de Estudos Aprofundados

Após concluir o mestrado, prossegui os estudos de DEA, que incluíam a participação em seminários sobre temas de lingüística africana e geral, entrega de trabalhos, provas escritas, apresentação de seminários e defesa pública de um relatório final de pesquisa. Tivemos a sorte de ter ótimos seminários, como os do professor Denis Creissels, lingüista africanista que já estava se tornando o grande especialista na tipologia de línguas africanas.

Muitos pesquisadores do ILA estavam envolvidos na elaboração de léxicos especializados das quatro línguas nacionais: diúla, baulê, senufo e betê. Em comum acordo com meu orientador, professor Nazam Halaoui, que depois foi substituído pelo professor Dramane Koné, decidi pesquisar o léxico do vestuário, em diúla. Em meu trabalho: *Fàni: éléments du lexique de l'habillement* (217) apresentei uma análise morfológica e semântica do léxico do vestuário em diúla. A delimitação das unidades constituintes do campo lexical do vestuário orientou-se por critérios objetivos da pesquisa lingüística e etnográfica que realizei em Abidjan. O léxico recenseado incluiu as etapas de fabricação do tecido – fiação, tintura, tecelagem; confecção do traje e modelos; acessórios e a comercialização. Esse trabalho foi parte do *corpus* que analisei na minha tese de doutorado, defendida em São Paulo.

### Atividades docentes

De outubro de 1981 a julho de 1987, fui leitora de Língua Portuguesa e Civilização Brasileiras, na Universidade de Abidjan.

Ministrei aulas para os alunos dos cursos de licenciatura em espanhol, inglês e alemão. Os estudantes de espanhol tinham o português como segunda língua obrigatória. Todos deveriam cursar essa disciplina por dois anos, no mínimo, mesmo os de outras áreas que faziam o português por opção.

No primeiro ano dávamos um curso de introdução ao português. Usávamos, no início, um livro audiovisual, feito pelo professor Mário Laranjeira. Após um ano, descobrimos material mais atualizado e mudamos para o método de português para estrangeiros, da professora Samira Yunes, bem mais interessante, porque continha diálogos que reproduziam situações reais de fala.

O segundo ano de estudos consistia num curso de tradução de textos do português para o francês. O objetivo era capacitar o estudante a ler um texto em português. Esse era o curso mais trabalhoso, porque utilizávamos uma tipologia bem ampla de textos e tínhamos que não só explicar, levar o aluno a entender o que lia, mas era necessário verter o texto para o francês escrito.

O terceiro ano foi criado após a chegada de mais dois colegas brasileiros, que dividiam comigo e com meu marido as disciplinas ministradas. O curso destinava-se aos alunos que desejavam obter um certificado C1, de estudos brasileiros. Os alunos interessados em prosseguir seus estudos no Brasil deveriam fazer esse curso, onde dávamos aulas de literatura, língua, geografia e história do Brasil. Nesse curso eu dava as aulas de literatura brasileira.

A criação desse certificado em estudos brasileiros foi um importante meio de formação dos estudantes que vieram a candidatar-se a uma bolsa de mestrado no Brasil, nas áreas de língua, literatura e sociologia, na FFLCH/USP. O Nelson e eu fomos os responsáveis por ter trazido o primeiro estudante marfinense que fez mestrado em lingüística na USP, orientado pelo professor Izidoro Blikstein. A partir de então, o convênio entre nossa universidade e a de Abidjan dinamizou-se. A cada ano os departamentos de Lingüística, de Letras Clássicas e Vernáculos, Letras Modernas e Sociologia vêm recebendo regularmente estudantes de mestrado e doutorado. Desde o ano passado, infelizmente, o convênio está suspenso, aguardando a confirmação do interesse da universidade africana em sua renovação.

### III - Depois de Abidjan

#### 1. A pós-graduação

Interrompi duas vezes minha estada em Abidjan: nos segundos semestres dos anos de 1985 e 1986, para acompanhar os cursos previstos para a pós-graduação da FFLCH-USP: “Aspectos da Etnolingüística”, com o professor Erasmo D’Almeida Magalhães; “Análise do discurso”, com a professora Diana Luz Pessoa de Barros; “Poder e Política na África Negra”, com o professor Fernando A.A. Mourão; “A linguagem afetiva”, com a professora Nilce Sant’Anna Martins; “O elemento não-verbal na comunicação”, com a professora Martha Steinberg e “Estudos de Problemas Brasileiros”, disciplina obrigatória, na época, para qualquer curso de pós-graduação da USP, ministrada por diversos professores.

Em agosto de 1987, reinstalamo-nos no Brasil, em São Paulo, no mesmo apartamento da Vila Mariana onde moramos por seis anos, antes de ir para a África. Continuei na escola pública e na pós-graduação. O tempo passou rápido e os prazos da pós-graduação na USP estavam se esgotando. Assim, no final daquele ano, entreguei meu relatório final de cursos e atividades para o Exame de Qualificação ao nível de doutorado. Por solicitação de meu orientador, o estimado professor Izidoro Blikstein, os trabalhos de pós-graduação, as pesquisas e a monografia produzida na Universidade de Abidjan foram considerados como atividades de mestrado. Os cursos realizados em Abidjan foram reconhecidos e renderam treze créditos que, somados aos das disciplinas cursadas na USP, perfizeram o total de quarenta e cinco créditos, satisfazendo plenamente as exigências para o doutorado.

Em maio de 1992, defendi a tese de doutorado *A construção do significado de fàni, ‘pano e vestuário’, em diúla*, baseada no levantamento lexical efetuado para o relatório de DEA, em Abidjan, enriquecido com pesquisas semióticas, lingüísticas e etnológicas, que permitiram situar o campo léxico-semântico de *fàni* dentro do universo lingüístico, cultural e semiótico da comunidade mandinga (*mandenka*), complexo cultural que inclui os povos diúlas, bambarás e malenquês.



## 2. O ensino secundário e o francês

Retornei ao secundário em fevereiro de 1988, como monitora de língua portuguesa, da 6ª Delegacia de Ensino da Capital, função que ocupei até 1990.

Depois de seis anos fora do país, fui surpreendida com as mudanças no ensino de português, após a “nova” proposta curricular, que buscava articular os conhecimentos lingüísticos ao ensino de língua. Como monitora, tinha a função de multiplicar os cursos que a Secretaria de Educação oferecia. Havia, na delegacia de ensino em que trabalhei, monitores de todas as disciplinas do antigo primeiro grau. Tive de me reciclar, ler muitos textos, acompanhar os cursos oferecidos pela Secretaria de Educação; cheguei até a fazer um curso na USP, oferecido por colegas do DL. Fiz vários cursos interessantes de literatura infantil. Eu me entusiasmava na hora de repassar os conteúdos para os professores, mas estes nem sempre recebiam muito bem nosso esforço. Reclamavam de tudo, da dificuldade de acesso aos livros até aos insolúveis problemas salariais. Concordo que, às vezes, nossos cursos eram um pouco teóricos. Procurávamos discutir idéias, convencer os professores da necessidade de mudar, mas muitos não queriam refletir, esperavam as receitas prontas para serem reproduzidas. Era um pouco desanimador perceber que, apesar de tanto esforço, nosso e dos próprios professores que se deslocavam para o local dos cursos, os alunos continuavam recebendo as mesmas aulas.

De outubro de 1987 a maio de 1990 fui professora de francês na Aliança Francesa.

Sempre quis ser aluna da Aliança, mas não pude; consegui ser professora. Quando voltei da África, fui até a sede desse centro de ensino ver se precisavam de professores. Fiz uma entrevista com o diretor, M. Martin, que se surpreendeu com o fato de eu não ter assimilado o sotaque africano e prometeu me chamar assim que houvesse uma vaga. Não demorou nem um mês e ele me chamou para substituir uma professora que estava viajando para a França. Antes de começar a dar aulas passei por um estágio para me familiarizar com o método adotado. Foi uma experiência muito boa, que me deixou boas lembranças de colegas e de alunos.

Meu vínculo com a língua francesa, que de certa forma me abriu o caminho para a África e para outros contatos, continua até hoje. Há três anos seguidos sou convidada pela Associação dos Professores de Francês para proferir uma conferência, no mês da francofonia, sobre a diversidade do francês na África (180, 183).

Apesar de estar sempre nos planos do professor Izidoro e de outros colegas minha entrada na USP, eu não acreditava muito nessa possibilidade. Achava que já tinha ido longe demais, para quem simplesmente queria ser professora de português e francês. Só deixei a Aliança e o secundário em 1990, quando entrei na FFLCH-USP como professora auxiliar de ensino de Filologia e Lingüística Românica, no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.

### 3. O Doutorado

Quando já era docente do Departamento de Clássicas e Vernáculas, em maio de 1992, sob a orientação do professor Izidoro Blikstein, defendi a tese de doutorado *A construção do significado de fàni, 'pano e vestuário', em diúla* (196 / 218). A banca, constituída pelos professores doutores: Alceu Dias Lima, Eni Pulcinelli Orlandi, Fábio Rubens da Rocha Leite, Diana Luz Pessoa de Barros e Izidoro Blikstein, concedeu ao trabalho a nota dez, “com distinção”.

A tese, como já mencionei, baseou-se numa pesquisa sobre o léxico de *fàni*, ‘pano e vestuário’, em diúla, realizada em Abidjan. Situa-se numa área interdisciplinar – semiótica, lingüística e antropológica – com o objetivo de avaliar em maior profundidade o universo de *fàni*, cuja significação é analisada em suas manifestações:

- a) na língua – pelo exame da organização léxico-semântica dos termos que nomeiam o vestuário;
- b) no mundo – pela observação de sua fabricação, de suas repercussões sociais e de sua significação simbólica;
- c) na fotografia – pelo estudo de sua representação visual numa publicidade de Nescafé.

Esses três aspectos inspiram-se nos “três vestuários” apontados por Barthes, no *Sistema da moda* (1979). O modelo barthiano de “matriz significante”, constituída de um suporte de significação e uma variante, ofereceu o fundamento para compreender-se como as unidades léxicas selecionadas se manifestam e como se dá a criação lexical no campo do vestuário. Normalmente o sentido novo é informado pela alteração da variante, como em *saia justa*, em que *saia* é a matriz e *justa* é a variante.

Tendo em vista a amplitude da proposta, analisei uma direção possível para essa investigação: parti da hipótese de que o léxico do vestuário não é apenas uma lista de palavras, uma nomenclatura, mas um conjunto organizado lingüística e semanticamente – um campo léxico-semântico – que, pela articulação de seus elementos, manifesta a significação de *fàni*.

Num primeiro momento abordei o conjunto do universo africano, os valores que permitem identificar uma “africanidade” – síntese da grande diversidade sociocultural observada naquele continente. Simultaneamente, procurei revelar, de forma diferenciada, como a sociedade mandinga atualiza esses valores e qual sua incidência no vestuário. A seguir, examinando mais detidamente a oralidade dos povos mandingas, busquei contextualizar, nos textos da tradição oral já transcritos, o campo léxico-semântico do vestuário.

À análise dos pontos de vista revelados pela observação etnográfica acrescenta-se o ponto de vista lingüístico, pelo exame da estruturação lingüística do léxico vestimentar em diúla, que evidencia um largo emprego dos recursos de derivação e composição como procedimentos de criação lexical.

Os pontos de vista apreendidos pela prática social (tecido, confecção, traje, acessório e comercialização) tornaram-se paradigmas para o exame das relações de sentido e dos traços semânticos das unidades lexicais. Para essa análise colaboraram os trabalhos de Coseriu, Geckeler e Lyons.

A última etapa do percurso em busca da significação de *fàni* foi realizada pelo estudo de sua manifestação na foto publicitária. Essa análise fundamentou-se nos trabalhos de Greimas e, mais especificamente, nos estudos desenvolvidos por Floch (1986) e Landowski (1986) sobre semiótica plástica e semiótica sincrética. A imagem verbal, inteligível, do significado de *fàni* foi completada pela imagem plástica, visível, da fotografia de publicidade, que integrou o vestuário no contexto dos meios de comunicação de massa. A análise do anúncio de Nescafé, pela força expressiva do sincretismo (linguagem verbal e linguagem plástica), ofereceu uma leitura da transformação do vestuário africano, não enquanto forma, mas enquanto dimensão simbólica. O sistema de significação de *fàni* apareceu folclorizado no anúncio publicitário, que se utilizou do

vestuário africano para criar uma ilusão de realidade, de africanidade, e impor o consumo do produto.

Na dimensão simbólica, o pássaro *n'guma*, que remete à palavra, ao vestuário e à dança, sincretiza a função semiótica de *fãni*. O vestuário é palavra, linguagem, pois manifesta significados: uma identidade social e uma individualidade; é dança, pois, colado ao corpo, ganha vida pelos movimentos ritmados deste; enfim, é traje, plumagem, pela noção de adorno e proteção que lhe são imanentes.

### Conseqüências da tese

Depois da defesa, a repercussão do trabalho foi maior fora da faculdade de Letras. No mesmo ano, em agosto, fui convidada pela rádio USP a dar uma entrevista sobre a tese, acompanhada pelos professores Fábio Leite e Emilio Bonvini.

Em novembro de 1992 participei do Workshop “Modos da Moda – 1890 a 1990”, um evento organizado pelo SESC-SENAC. Apresentei dois seminários, nos dias 05 e 06, sobre “Pano, Vestuário e Sociedade na África”. Minha exposição seguiu-se à da professora Lux Vidal, que tratou do grafismo nas sociedades indígenas. Esses encontros tiveram como objetivo mostrar o sentido étnico da moda e da indumentária, em geral.

Cheguei até a participar de programas esportivos, mesmo antes de defender a tese. A TV Cultura de São Paulo convidou-me para “explicar” a cerimônia de abertura da Copa Africana de Seleções, transmitida ao vivo de Dacar, no dia 12 de janeiro de 1992. Não sei como souberam que eu conhecia aquela região africana. Fiz os comentários ao vivo, mas depois fui convidada a gravar descrições mais detalhadas sobre as manifestações artísticas que não puderam ser bem exploradas no dia do evento. Essa gravação foi editada e o programa foi reproduzido diversas vezes pela emissora. A gravação foi mais difícil do que o programa ao vivo, porque eu devia dizer algo sobre cada imagem selecionada. Muitas vezes não achava nada para dizer, além do óbvio. Encerrei já no início minha carreira de comentarista na televisão.

Em meados de 1993, o SENAC me convidou para fazer uma palestra em Salvador, no lançamento do livro *África: moda, cultura e tradição*, que reunia textos de Fábio Ávila e Fábio Leite (e algumas citações de minha tese) (219), sobre as fotos do vestuário africano feitas por Maureen Bisilliat em Abidjan. Usando *slides* das fotos da tese, apresentei, para

uma platéia heterogênea composta de pais e mães-de-santo, pessoas do povo e políticos, o tecido e o traje africano, buscando explicar sua função e significado para o povo diúla. Penso que perceberam o caráter complementar entre a efemeridade da moda e a permanência dinâmica de valores socioculturais africanos nas diferentes formas do vestuário diúla.

Ainda em outubro de 1996, foi a última exposição da tese. Fiz uma palestra na Maria Antonia, no evento “Trilhas da pesquisa na faculdade de filosofia”, organizado pela Comissão de Cultura e Extensão Universitária da USP (177).

Todas as atividades de que participei em decorrência de meu doutorado me agradaram muito, mas me deixaram uma grande desconfiança sobre o caráter lingüístico do trabalho, que foi ofuscado pela exuberância de cores, formas e simbologias do vestuário diúla. Alguns professores da banca aconselharam a publicação do trabalho, mas não quis fazê-lo porque penso ser necessário fazer uma boa reformulação. Relendo hoje esse texto percebo que há muitas teses não resolvidas no estudo em que eu pretendia alcançar a inatingível completude. Acho que não soube explorar com clareza o caráter etnolingüístico do tema, mas ainda tenho a esperança de dar continuidade à pesquisa etnolingüística, que ficou abandonada após as apresentações que mencionei.

#### 4. A Docência na USP

##### No Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Em 1990, após um concurso, em que eu era a única candidata, para preencher a vaga aberta pela aposentadoria do professor Francisco Borba, entrei na FFLCH-USP, como professora auxiliar de ensino de Filologia e Lingüística Românica, no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Para quem desejava ser africanista, parecia estranho começar como romanista, mas o professor Izidoro incentivou-me a fazer o concurso, porque ele dizia ser possível mudar, depois do ingresso na universidade, a área de pesquisa. Confiando no apoio amigo de meu orientador aceitei o desafio. Comecei a dar aulas em agosto daquele ano, porque no primeiro semestre estive em licença-maternidade.

Fui professora de lingüística românica por um ano e meio, período em que também redigia minha tese. No DLCV, passei a fazer parte do grupo chamado “lingüística do B”, de Blikstein, que incluía professores que faziam uma filologia e lingüística românica um pouco diferentes e que, em janeiro de 1992, deixou o Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e integrou-se ao atual Departamento de Lingüística. Só um professor daquele grupo não aceitou a proposta de união oferecida pelo DL. A transferência foi bastante discutida, em várias reuniões com professores do DL e os colegas do grupo do “B”, em que avaliávamos as vantagens e desvantagens da mudança. Como estivera muito tempo longe da universidade não conheci as ‘estórias’ do DL, mas logo entendi que só nesse departamento poderia desenvolver minha pesquisa em lingüística africana.

Em 1992, já no atual departamento, defendi minha tese e prestei o concurso para provimento de cargo de professor assistente. No mesmo concurso estavam colegas mais experientes e ex-professores: Diana Luz Pessoa de Barros, José Luiz Fiorin, Leonor Lopes Fávero, Maria Adélia de Mauro e Edgard Casaes. Fui aprovada em penúltimo lugar, felizmente, porque não se poderia esperar nada melhor, diante de tais concorrentes.

## No Departamento de Lingüística

### A Graduação

De 1992 a 1998, ministrei na graduação os cursos introdutórios à lingüística, do I ao IV, obrigatórios para todos os estudantes de Letras. Esses cursos eram dados em quatro semestres, oferecendo uma introdução a todas as áreas das ciências da linguagem, tendo como objetivo não só apresentar ao aluno a pesquisa lingüística, mas também fornecer os conhecimentos indispensáveis para um futuro professor de línguas. Fonética, fonologia, morfologia, semântica, sociolingüística e estudos de texto, eram os temas tratados ao longo dos quatro semestres. Também ministrei os cursos de Morfologia e Sociolingüística, para os alunos do bacharelado em lingüística.

Com a reforma do curso de Letras e a implantação do curso básico, a partir de 1999, tenho ministrado os cursos de Elementos de Lingüística I e II, com quatro aulas semanais, que se destinam, como os antigos cursos introdutórios, a todos os estudantes de Letras. O

Departamento de Lingüística envolveu-se de modo claro nessa reestruturação, não só rediscutindo e reformulando o programa dos cursos introdutórios a essa disciplina, mas também introduzindo uma prática bastante salutar entre os professores ministrantes: discussão dos textos, da metodologia e dos critérios de avaliação do curso. Mesmo que não haja unanimidade em torno dessa prática, todos os colegas sentem-se responsáveis pelo cumprimento das metas propostas. Organizou-se um programa único com uma bibliografia, reavaliada a cada novo semestre, que tem a função de apoiar as aulas e oferecer a possibilidade para que o estudante possa ir além dos conteúdos estudados em aula. As avaliações unificadas, preparadas pelo grupo de professores ministrantes, colaboram decisivamente para que se acertem eventuais divergências na apresentação dos conteúdos.

Após uma experiência de dois anos, com reuniões frequentes em que discutíamos os textos, conteúdos a ministrar e formas de avaliação, sentíamos-nos seguros para enfrentar o desafio de fazer o estudante compreender o que é a linguagem, do ponto de vista da ciência lingüística. O Fiorin percebeu logo a necessidade de passar para o papel essa experiência e sugeriu que fizéssemos um livro, primeiramente para o curso de Elementos I e no ano seguinte para o curso II. Com a competência e o pulso firme do colega, conseguimos publicar o primeiro e depois o segundo volume, dos livros *Introdução à lingüística I* e *Introdução à lingüística II*, que vieram a tornar-se manual básico para muitas universidades. Para nós, os livros continuam uma referência, mas vêm se tornando a cada ano que passa apenas um dos materiais de estudo, porque insistimos sempre na importância da leitura dos textos originais, fundadores da nossa ciência. Contribuí com o primeiro capítulo do livro *Introdução à lingüística I*, “Língua, linguagem, lingüística” (220), e com o capítulo “Morfologia” (221), do *Introdução à lingüística II*.

A experiência de ministrar essas duas disciplinas é muito gratificante, porque se tem a possibilidade de discutir o curso com os colegas a cada semestre, tentando sempre melhorar a apresentação dos conteúdos e a escolha dos textos.

Em 1998, o Departamento de Lingüística alterou seu currículo e introduziu a disciplina Língua não-indo-européia I e II, a ser ministrada em dois semestres letivos. Essa disciplina tem como objetivo proporcionar ao futuro lingüista o conhecimento de sistemas lingüísticos não-indo-europeus, que são pouco estudados em nossa universidade. A proposta do curso é aberta a todas as línguas fora daquele universo, mas até 2003 foi

desenvolvida com o conteúdo de Línguas Africanas, a disciplina que ministro para os alunos de Lingüística e para os que a escolhem como optativa. A partir de 2004, com a entrada no departamento da colega Luciana Storto, oferecemos duas disciplinas, em anos alternados: nos anos pares ela dá aulas de Línguas Indígenas; nos ímpares, dou aula de Línguas Africanas. No primeiro semestre do curso apresento a situação lingüística africana e desenvolvo alguns tópicos de fonologia e morfologia. No segundo semestre estudamos o diúla. Fazemos duas unidades do curso audiovisual de língua (aquele que fiz em Abidjan) e estudamos, a seguir, textos teóricos sobre a fonologia e a morfossintaxe da língua.

A introdução de Língua não-indo-européia no currículo de Lingüística ofereceu-me a oportunidade de apresentar minha pesquisa em línguas africanas e divulgar esses conhecimentos para os alunos da graduação. Alguns deles tornaram-se meus orientandos de iniciação científica, de mestrado e de doutorado.

### A Iniciação Científica

Comecei por orientar alunos em nível de Iniciação Científica logo que me transferei para o Departamento de Lingüística. Foram nove orientações concluídas, oito de dois anos e uma de um ano. Cinco orientandos trabalharam no projeto de “Descrição da Linguagem de Comunidades Negras Rurais”, dois trabalharam com o léxico de origem africana no português brasileiro, um estudante pesquisou a linguagem ritual do candomblé de nação jeje e uma estudante dedicou-se ao levantamento de descrições da língua dogon. Minha primeira orientanda, Ana Stela de Almeida Cunha, que me acompanhou nas primeiras viagens de campo ao Cafundó, prosseguiu na pesquisa, fez mestrado e doutorado comigo, foi leitora na Universidade de Havana e atualmente está fazendo um pós-doutorado na Universidade de Lisboa. Dois outros, Antonio Carlos Santana de Souza e Francisco da Silva Xavier são doutorandos, e uma estudante, Dafne Zanoni, está cursando o mestrado. Quatro alunos transferiram-se para outra área e um outro continua fazendo mestrado sob a orientação de outra colega africanista, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, a professora Márcia dos Santos Duarte de Oliveira.

A iniciação científica foi um aprendizado para mim. A primeira pesquisa de campo que fiz no Brasil, em 1995, contou com o auxílio de dois estudantes, Ana Stela de Almeida Cunha e João Nemi Neto, com o apoio da FAPESP. Fomos ao Cafundó para coletar dados



para uma pesquisa a que me associara, coordenada por Alan Baxter, sobre os *Vestígios de dialetos crioulos em comunidades afro-brasileiras isoladas*. Os dois estudantes apresentaram no XVII Seminários do GEL, em 1995, em Ribeirão Preto, numa sessão de que coordenei, denominação “Estudos de língua oral: trabalhos de Iniciação Científica”, as primeiras observações sobre a pesquisa de campo no Cafundó. Esse trabalho, “A linguagem do Cafundó”, bastante incipiente ainda, foi publicado nos *Estudos Lingüísticos – XXV Anais de Seminários do GEL* (222).

Investigamos, na linguagem da comunidade cafundoense, a variação da concordância de gênero, na perspectiva da sociolingüística laboviana. Obtivemos resultados de não concordância semelhantes aos encontrados por Baxter e Lucchesi em comunidades da Bahia: 5% de dados em que falantes mais idosos não realizavam a concordância esperada, indicando claramente um processo de mudança na direção da aplicação categórica da regra de concordância do português padrão. Ana Stela e Antonio Carlos (que substituíra João Nemi Neto) apresentaram, em sessão de comunicações que coordenei, no XLIV Seminários do GEL, em Taubaté, o resultado desse trabalho: “A variação da concordância em gênero na linguagem do Cafundó”. Esse texto foi publicado em *Estudos Lingüísticos – XXVI Anais de Seminários do GEL* (223).

Os dois estudantes continuaram na pesquisa sobre comunidades quilombolas. Ana Stela concluiu mestrado e doutorado sobre comunidades do Maranhão, e Antonio Carlos fez o mestrado sobre uma comunidade paulista, a Caçandoca, e agora está concluindo o doutorado sobre quilombos do Mato Grosso do Sul. Atualmente ele é professor da UEMES.

Ainda com o mesmo objetivo de verificar a marcação do gênero, tópico considerado crucial para indicar eventuais processos de criouliização e descriouliização no português brasileiro, realizei pesquisas na comunidade do Cangume, em Itaoca, perto de Apiaí, no Vale do Ribeira, acompanhada por uma estudante de iniciação científica. Fizemos uma visita durante as férias, permanecendo no local por duas semanas. Posteriormente, a estudante foi sozinha para concluir as gravações. Documentamos dois fatos inéditos nas comunidades do sul paulista: (i) no nível fonético, os mais idosos pronunciavam o [ʃ] como uma africada, em ca[tʃ]orro, co[tʃ]a, por exemplo; (ii) no nível morfossintático, observava-se a variação na realização do pronome de terceira pessoa plural, *eles*, realizado [ejzi], [ezi],

[eje], [ejsze], [elizi], [es]. Apresentamos os resultados dessa investigação em encontros do GEL e da ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística). O *Boletim da ABRALIN*, 26, número especial publicou o trabalho “A fala da comunidade do Cangume: alguns traços fonéticos específicos”, que havia sido apresentado no II Congresso Internacional da ABRALIN, realizado em março de 2001, e publicado em 2003 (224).

Como ainda estava comprometida com a investigação do gênero, os dados coletados naquela pesquisa foram utilizados por outra estudante, Dafne Zanoni, que retornou ao Cangume para completar a coleta de dados e desenvolveu sua pesquisa procurando associar a variação de gênero à de número. Apresentamos o resultado dessa análise em encontro da ABCEC - Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, em 2004. O texto foi publicado na revista *Papia*, 15, em 2005, sob o título “Quilombos do Vale do Ribeira: variação e mudança na concordância de gênero e número” (225).. Nessa ocasião já estava distante da pesquisa sobre criouliização, pois havia constatado que eram muito tênues os vestígios desse processo. A pesquisa que realizávamos estava agora focalizando a eventualidade de encontrar marcas da presença de línguas africanas no léxico e na morfossintaxe.

Desde agosto de 2006 não tenho mais orientado em nível de iniciação científica, porque as tarefas de orientação de pós tomam muito tempo. Pretendo, no entanto, voltar a trabalhar com a pesquisa de estudantes de graduação, porque é importante começar cedo a formação dos pesquisadores, tendo em vista, também, os prazos curtos da pós-graduação.

### A Pós-Graduação

Iniciei na pós-graduação ministrando o curso *Aspectos da tipologia das línguas negro-africanas* no segundo semestre de 1994. Normalmente, a primeira disciplina de pós que se oferece está diretamente vinculada à tese de doutorado. Não foi o meu caso. Julguei que seria mais importante tratar dos sistemas lingüísticos africanos, deixando o aspecto etnolingüístico para outra ocasião. Assim, o curso foi organizado pensando na necessidade de apresentar aos estudantes as línguas africanas, mostrando, primeiramente, que elas fazem parte de um conjunto geneticamente relacionado, para depois descrever, do ponto de vista tipológico, aspectos de seus sistemas fonológico e morfológico. Venho ministrando essa disciplina anualmente, atendendo os meus orientandos, prioritariamente, mas também

tenho recebido estudantes de outras áreas da lingüística e interessados em estudos africanos, em geral.

Em março de 1996, convidei o professor Emilio Bonvini para dar um curso de “Lingüística Africana”, na pós-graduação, durante três semanas. Os tópicos ministrados pelo professor foram os seguintes: 1. Introdução à lingüística africana: a) Breve histórico da lingüística africana: das primeiras descobertas do século XVI até a atualidade; b) as línguas africanas atuais: número e classificações; 2. Traços tipológicos por famílias; 3. Fonética e fonologia; 4. O constituinte nominal: o sistema das classes nominais; 5. O sistema nominal: nome, sintagma nominal, pronome, numeral; 6. O sistema verbal: constituinte verbal e especificativos verbais; 7. O enunciado; 8. Semântica africana; 9. Línguas africanas no Brasil?

O contato que havia estabelecido com o professor Bonvini em 1992, durante o congresso da ABRALIN, foi estreitado depois desse curso. O conhecimento específico da lingüística africana e da realidade brasileira aproximaram também os estudantes do professor, que a partir dessa data foi convidado em outras ocasiões a proferir conferências na USP e em outras universidades brasileiras. O professor passou, desde então, a colaborar comigo na orientação dos estudantes. Iniciou-se nessa época uma parceria importante, que contou sempre com a grande generosidade do competente professor.

Em 1997, no âmbito do acordo entre a USP e a Universidade de Cocody (antiga Universidade de Abidjan), retornei à Costa do Marfim, para ministrar um curso de língua portuguesa, para estudantes que faziam a licenciatura em português, curso que há pouco se iniciara sob a iniciativa da leitora brasileira na ocasião, a professora Maria José dos Santos.

No segundo semestre de 2002, convidei o professor Jérémie Kouadio N’Guessan, da Universidade de Cocody, para ministrar uma disciplina na área de lingüística africana, em nível de pós-graduação. Com o apoio da FAPESP, o professor ofereceu o curso “Tópicos da Sintaxe das Línguas Marfinenses”, abordando os seguintes aspectos: 01. Classificação das línguas marfinenses; 02. Sistemas fonológicos e tonológicos das línguas marfinenses; 03. Morfossintaxe do nome; 04. A determinação nominal; 05. A noção de classes nominais em algumas línguas marfinenses; 06. A construção genitival; 07. A frase simples; 08. A expressão das relações actanciais no enunciado; 09. Tematização e focalização do verbo; 10. Uma característica sintático-enunciativa de algumas línguas marfinenses: a construção

serial; 11. As partículas dicto-modais (de final de frase) e valores enunciativos; 12. Esquemas de predicação não verbal.

O professor Kouadio atuou no quadro do acordo que a Universidade de São Paulo mantém com a Universidade de Cocody, que prevê intercâmbio de estudantes e professores. Ele foi o primeiro e o único professor a vir ao nosso departamento no âmbito desse convênio. Seu curso foi bem recebido e estávamos programando outras atividades, no entanto, a situação política instável da Costa do Marfim, com reflexos inevitáveis na vida universitária, impediu que nossos projetos tivessem continuidade.

No segundo semestre de 2003, convidei o professor Bernard Caron, do LLACAN – Langage, langues et cultures d’Afrique Noire – laboratório do CNRS de Paris, para ministrar o curso “Tópicos de Lingüística da Enunciação”. A vinda do professor também se tornou possível graças ao apoio da FAPESP. A disciplina foi dada em nível de pós-graduação, com duas semanas de duração. O objetivo do curso era apresentar aos estudantes a teoria da enunciação na sintaxe, a partir da proposta de Antoine Culioli, com destaque para fatos observados em línguas africanas. Foram tratados os seguintes conteúdos: 01. Introdução à lingüística da enunciação; 02. O domínio nocional; 03. Determinação Nominal; 04. Determinação Verbal: tempo e aspecto; 05. Modalidade; 06. Tópico e Foco.

A vinda do professor Caron foi um passo importante para o futuro acordo CAPES/COFECUB, que seria estabelecido entre o Departamento de Lingüística e o laboratório de pesquisas francês, em 2005, pois o professor teve a oportunidade de apreciar *in loco* o trabalho desenvolvido em nosso departamento e constatar o bom nível de nossos estudantes, que acompanharam muito bem seu curso. Sua passagem pelo nosso departamento foi registrada numa entrevista que fiz com o professor e que foi publicada em:

Petter, Margarida Maria Taddoni (2004). Entrevista com Bernard Caron. *Revista da ANPOLL*. São Paulo: Humanitas, 17, p. 381-401 (226).

Em 2007, juntamente com a professora Esmeralda Vailati Negrão e Márcia Santos Duarte de Oliveira, credenciamos e ministramos o primeiro curso, com a duração de um semestre letivo, decorrente de nossas pesquisas no quadro do projeto CAPES/COFECUB – *A participação das línguas africanas na constituição do português brasileiro*. O curso

recebeu a denominação de “Línguas Africanas e os Estudos sobre suas Participações na Constituição do Português Brasileiro”. Na primeira edição do curso, tivemos a colaboração do professor Okon Etim Akpan Essien (“University of Calabar” – Nigéria), que veio como professor visitante, com auxílio da FAPESP, para ministrar o tópico sobre línguas africanas. O professor nigeriano permaneceu na USP durante um mês. Suas aulas trataram da classificação das línguas africanas e de aspectos da fonologia e da sintaxe das línguas da África Ocidental, e da Nigéria, principalmente. Sua participação enquanto especialista africano valorizou sobremaneira o curso, que teve alunos até da graduação, interessados em conhecer o trabalho do africanista. As professoras Esmeralda, Márcia e eu abordamos em nossas aulas os aspectos do contato do português com as línguas africanas que estudamos dentro do projeto. Nas primeiras aulas abordei a questão das línguas africanas no Brasil, destacando os estudos produzidos sobre essa temática; nas seguintes tratei dos estudos sobre o léxico de origem africana. A professora Márcia tratou de questões sobre tempo e aspecto em ibíbio e a professora Esmeralda concentrou-se no estudo de certas estratégias de impessoalização e de reorganização dos argumentos nas sentenças, que constituem uma grande diferença entre o português brasileiro e o português europeu, levantando a hipótese de que os fenômenos observados se assemelham às propriedades de sentenças formadoras de passivas em quimbundo.

Pretendemos neste ano reeditar esse curso, com a participação de outros professores africanos convidados. Tenciono, também, apresentar uma proposta de curso de Etnolingüística, animada pelos desenvolvimentos do projeto CAPES/COFECUB. De certa forma, pretendo voltar um pouco às origens de minha pesquisa na África, que teve como resultado minha tese de doutorado.

## A Orientação

Após ministrar o primeiro curso, em 1994, fui credenciada para orientar em nível de mestrado, em 1995. Após a defesa da dissertação de minha primeira orientanda, em 1999, credenciei-me para orientar em nível de doutorado. Até hoje são dezesseis orientações concluídas (dois doutorados e catorze mestrados) e oito em andamento (dois mestrados e seis doutorados), como se pode observar nos quadros abaixo:

## Orientações concluídas

1	(Juliana França Macek) Aspectos da polidez lingüística em sheng	Mestrado	2007
2	(Cristiane Benjamim Santos) Aspectos morfossintáticos dos pronomes pessoais em anaan	Mestrado	2007
3	(Elizabeth Umbelino de Barros) Línguas e linguagens nos candomblés de nação angola	Doutorado	2007
4	(Rafael Ferreira Coelho) É nós na fita! Duas variáveis lingüísticas numa vizinhança da periferia paulistana	Mestrado	2006
5	(Francisco da Silva Xavier) Adaptação fonológica dos empréstimos do quimbundo no português brasileiro: abordagem em teoria da otimidade	Mestrado	2005
6	(Dayane Cristina Pal) "Aí fui inu, fui inu, aí peguei arrumei uma casa no capoava lá". Construções seriais em português brasileiro: estudo com dados da comunidade negra de Pedro Cubas, Vale do Ribeira/SP	Mestrado	2005
7	(Bruno Okoudowa) Descrição preliminar de aspectos da fonologia e da morfologia do lembaama	Mestrado	2005
8	(Assouan Léa Honorine Wadja) Análise contrastiva dos pronomes de tratamento do português falado em São Paulo e do baulê falado em Kokumbo (Costa do Marfim)	Mestrado	2004
9	(Ana Stela de Almeida Cunha) A atuação do 'Parâmetro do Sujeito Nulo' na variedade popular do português falado nos quilombos do Maranhão	Doutorado	2003
10	(Rafael Ferreira Coelho) Variação lingüística	Mestrado	2003
11	(Sílvia Margarete Cunha de Souza) A predicação na língua "geral de mina": uma proposta de descrição	Mestrado	2001
12	(Sidnei Barreto Nogueira) A reconstrução do significado dos cânticos entoados em homenagem a Xangô, nos candomblés de origem iorubá, em São Paulo	Mestrado	2001
13	(Elizabeth Umbelino de Barros) Traços do kimbindu numa casa de candomblé angola	Mestrado	2001
14	(Antonio Carlos Santana de Souza) A concordância de gênero entre o sujeito e o predicativo na fala da comunidade quilombola da Caçandoca	Mestrado	2000
15	(Renné Panduro Alegria) A construção de uma língua oficial africana: o suaíli na Tanzânia	Mestrado	2000
16	(Ana Stela de Almeida Cunha) Processos de topicalização e correfencialidade de sujeito no português popular falado em duas comunidades negras rurais do Maranhão	Mestrado	1999

## Orientações em andamento

			Início
1	(Dafne Zanoni) Provérbios em ibíbio	Mestrado	2007
2	(Paulo Jeferson Pilar Araújo) Variação no uso das preposições em comunidades maranhenses	Mestrado	2007
3	(Bruno Okoudowa) Morfologia verbal do lembaama	Doutorado	2006
4	(Dayane Cristina Pal) Séries verbais em baulê	Doutorado	2006
5	(Francisco da Silva Xavier) Tom e acento em quimbundo	Doutorado	2006
6	(Antonio Carlos Santana de Souza) Descrição da linguagem de comunidades negras rurais	Doutorado	2004
7	(Cleonice Cândida Gomes) Morfologia verbal do balanta	Doutorado	2004
8	(Sidnei Barreto Nogueira) O canto e a fala no candomblé nagô-queto	Doutorado	2004

As atividades de orientação têm tomado grande tempo de minhas preocupações, porque, além de buscar a qualidade dos trabalhos, tenho insistido no respeito aos prazos do departamento. Na maior parte dos casos tenho conseguido conscientizar os estudantes da importância de utilizar bem o tempo. Em agosto deste ano, três estudantes devem depositar suas teses de doutorado.

Desde 2000, constituímos um grupo de estudos, que passou a denominar-se GELA – Grupo de Estudos de Línguas Africanas – com o objetivo de reunir os orientandos da área para discutir temas de interesse comum. Nos encontros, que se realizam quinzenalmente, procuramos tratar de tópicos da pesquisa dos orientandos e também estudamos tópicos de lingüística africana. O grupo hoje é constituído por estudantes, professores e até pesquisadores de outras universidades. No primeiro semestre de reuniões do GELA estudamos a obra de Thomason e Kaufman, *Language Contact, Creolization and Genetic Linguistics*. Na ocasião, muitos estudantes estavam desenvolvendo trabalhos sobre a linguagem de comunidades negras, sob a perspectiva da sociolingüística variacionista, que nos oferecia uma boa metodologia de coleta e tratamento de dados, mas sentíamos a necessidade de um aparato teórico sobre a questão do contato de línguas. Selecionamos alguns capítulos do livro, que foram apresentados sob forma de seminários. A partir dessa primeira experiência, fomos alternando a discussão de temas da pesquisa individual e tópicos específicos de lingüística africana. O site do GELA – [www.fflch.usp.br/dl/gela](http://www.fflch.usp.br/dl/gela) –, ainda não completamente atualizado, tem sido bastante visitado e tem proporcionado contato com pesquisadores de outras regiões do país e do exterior.

## Pós-doutorando

Desde 2005 supervisiono o estágio de pós-doutorado de André Curiati de Paula Bueno, que desenvolve uma pesquisa sobre “África e Brasil em narrativas e performances com máscaras”, vinculado ao projeto “A participação das línguas africanas na constituição do português brasileiro”, no âmbito do acordo CAPES/COFECUB. Seu trabalho é uma pesquisa sobre narrativas e festejos com personagens de máscara no Brasil e na África, voltada à divulgação de conhecimentos e à comparação entre linguagens e práticas culturais. Envolve levantamento iconográfico, bibliográfico e de campo, no sentido de fortalecer os acervos etnográficos existentes com materiais de apoio audiovisual e documentos vivos de língua. O estudante tem bolsa da FAPESP, que lhe concedeu também um estágio de quatro meses no LLACAN, onde foi acolhido pela professora Paulette Roulon-Doko, lingüista que também participa do projeto.



## 5. A Pesquisa e as publicações

Desde o estágio probatório procuro focalizar duas vertentes da pesquisa africanista: as línguas africanas na África e as línguas africanas no Brasil. Na primeira parte da pesquisa dedico-me ao estudo: (i) das línguas africanas em geral e das línguas bantas, em particular, devido ao interesse que apresentam para a compreensão do contato do português brasileiro com as línguas africanas e (ii) do contato das línguas africanas com o português brasileiro. A investigação sobre as línguas africanas no Brasil desenvolve-se em três direções: (i) na descrição da linguagem das comunidades negras, os quilombos atuais; (ii) no estudo de línguas africanas presentes nos cultos afro-brasileiros e (iii) na análise da presença africana no léxico e na morfossintaxe do português brasileiro. A esses três aspectos está vinculada a maior parte dos projetos de pesquisa de meus orientandos e de minhas publicações.

Meus primeiros trabalhos publicados versavam sobre as línguas africanas na África e resultaram de trabalhos apresentados nos Seminários do GEL (Grupo de Estudos Lingüísticos de Estado de São Paulo). Na primeira participação, no XXXIX Seminário do GEL, realizado em Franca, em 1991, apresentei um trabalho sobre minha pesquisa em línguas africanas. “Léxicos especializados em línguas africanas”. Nesse texto apresento o quadro de pesquisas do ILA, no qual se inseria minha investigação sobre o léxico do vestuário em diúla. Esse trabalho não teve continuidade, porque depois da defesa de minha tese redirecionei minha pesquisa. O texto foi publicado em:

PETTER, Margarida Maria Taddoni (1992). Léxicos especializados em línguas africanas.

*Estudos Lingüísticos- XXI Anais deSeminários do GEL*, Jaú,v. 1, p. 1101-1108 (227).

No XL Seminário do GEL, em 1992, realizado em Jaú, apresentei o trabalho “O texto da literatura oral negro-africana” . Essa comunicação foi apresentada no grupo de trabalho “Descrição e documentação de línguas de tradição oral”, que incluía pesquisadores de línguas indígenas. Nesse trabalho apresento as características do texto da oralidade e discuto os problemas para a sua documentação. O trabalho foi publicado em:

PETTER, Margarida Maria Taddoni (1993). O texto da literatura oral negro-africana. *Estudos Lingüísticos XXII Anais de Seminários do GEL*. Ribeirão Preto, v.1, p. 313-320 (228).

No XLII Seminário do GEL, realizado em Ribeirão Preto, em 1993, dando continuidade aos estudos sobre oralidade e escrita, apresentei o trabalho “Tradição oral, oralidade, memória e escrita”, que foi publicado em:

PETTER, Margarida Maria Taddoni (1994). Tradição oral, oralidade, memória e escrita. *Estudos Lingüísticos- XXIII Anais de Seminários do GEL*, São Paulo, v.1, p.135-142 (229).

Esses textos revelam pesquisa bastante incipiente e sem uma direção teórica definida. São estudos bastante descritivos, em que eu tinha como objetivo dar notícia da realidade africana. Logo abandonei essa linha de trabalhos sobre o texto, porque passei a dedicar-me ao estudo das línguas africanas e de seu contato com o português brasileiro. Sobre as línguas africanas, apresentei dois trabalhos, “O adjetivo em línguas negro-africanas”, no XLIII Seminário do Gel, realizado em Ribeirão Preto, em 1995 (135), e “A negação em algumas línguas do grupo banto”, apresentado no 51º Seminário do GEL, realizado em Taubaté, em 2003. Esse último estudo foi publicado em:

PETTER, Margarida Maria Taddoni (2004). A negação em algumas línguas do grupo banto. *Estudos Lingüísticos- XXXIII Seminários do GEL*, Taubaté, p.268-273.

O direcionamento de minha pesquisa para o contato das línguas africanas com o português brasileiro é fruto da organização de uma mesa-redonda apresentada no encontro da ABRALIN (Associação Brasileira de Lingüística) realizado em São Paulo, de 12 a 19 de julho de 1992, na USP, durante a 44ª Reunião Anual da SBPC (Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência) (126). A professora Diana Luz Pessoa de Barros, presidente da ABRALIN na época, convidou-me para organizar uma mesa sobre a relação lingüística entre a África e o Brasil. Instigada por esse convite fui ao Centro de Estudos Africanos

perguntar ao seu diretor, o professor Fernando Mourão, se ele conhecia algum pesquisador dessa temática no Brasil. Ele foi enfático ao dizer que, fora do Brasil, a maior autoridade era o professor Emilio Bonvini e, no Brasil, a professora Yeda Pessoa de Castro era a única referência que possuía. Imediatamente entrei em contato com os dois professores, que aceitaram o convite para compor a mesa-redonda “Da África para o Brasil: línguas e tradição oral”. Esse momento foi decisivo para o destino de minha investigação, porque conheci o professor Bonvini, que veio a tornar-se meu guia e parceiro de pesquisas, e porque, ao ser apresentada à professora Yeda, entrei em contato com os estudos sobre línguas africanas no Brasil. Além desses professores, a mesa foi composta por Sílvio Vieira de Andrade, orientando de doutorado do professor Izidoro Blikstein, que desenvolvia um trabalho sobre a linguagem do Cafundó.

Nossa apresentação foi um sucesso, pois a temática e os professores Bonvini e Yeda atraíram um público imenso, que não coube na sala destinada para a sessão. O trabalho que apresentei, “Perspectivas para o estudo das línguas africanas no Brasil”, decorria de minha pesquisa recente. Resenhei dois estudos, um “O falar da comunidade negra de João Ramalho”, escrito por Jeane Marie Sant’Ana Spera e José Roberto Inácio Ribeiro, e outro, um livro de Julieta Andrade, *Cultura Crioula e Lanc-Patuá no norte do Brasil*, publicado em 1998, sobre uma língua falada no Amapá, na fronteira com a Guiana Francesa. Concluí o estudo insistindo na necessidade de tratar a questão lingüística brasileira num contexto mais amplo, “com uma equipe interdisciplinar, formada por lingüistas – conhecedores de línguas africanas, indígenas e européias –, antropólogos, historiadores e arqueólogos – que colaborariam para indicar a localização dos diferentes povos africanos que para cá foram trazidos”. O texto foi publicado em:

PETTER, Margarida Maria Taddoni (1993). Perspectivas para o estudo de línguas africanas no Brasil. *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*, v. 1, p. 325-332 (230).

Depois dessa apresentação, percebi a necessidade de organizar a investigação nessa área e, aproveitando o fato de que a diretoria da ABRALIN estava na USP e no DL, enviei a todos os associados um convite para formar um grupo de estudos de línguas africanas no Brasil, dirigido aos interessados ou aos que já desenvolvessem pesquisa no domínio

africanista. Não obtive nenhuma resposta. Entendi que não havia estudiosos dessa temática e que não havia interessados em começar um novo trabalho. Prossegui minhas pesquisas, dedicando-me às comunidades negras rurais, ao estudo do léxico de origem africana no português brasileiro e a possíveis traços morfossintáticos da presença africana no PB. Esses trabalhos foram apresentados em encontros científicos e muitos deles resultaram em publicações.

A investigação sobre a presença de línguas africanas no léxico do português brasileiro deteve-se principalmente na análise dos registros feitos em dicionários gerais e etimológicos, buscando compreender (i) os critérios e as dificuldades de atribuição da origem africana, e (ii) os conceitos de *africanismo* e *brasileirismo*. As publicações são as seguintes:

PETTER, M. M. T. (2000). Talvez sejam africanismos. *Estudos Lingüísticos do GEL*, v.XXIX, p. 713 – 718 (231).

PETTER, M. M. T. (2001). “Africanismos no Português do Brasil”. In: ORLANDI, Eni P. (org.). *História das Idéias Lingüísticas: Construção do saber metalingüístico e constituição da Língua Nacional*, 1 ed.Campinas: Pontes, Cáceres: UNEMAT Editora, p. 223-234 (232).

PETTER, M. M. T. (2002). Africanismos no dicionário Aurélio século XXI. *Estudos Lingüísticos do GEL*, v.XXXI, p. 76 – 81 (233).

PETTER, M. M. T., HONÓRIO, M. A., FERREIRA, M., NUNES, J. H. (2002). A constituição do léxico nacional - problemas de línguas em contato. *Estudos Lingüísticos*, v. XXXI, p. 106 – 112 (233).

PETTER, M. M. T. (2002). “Termos de origem africana no léxico do português do Brasil”. In: NUNES, J.H. e PETTER, M.M.T. (orgs). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*, 1 ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Pontes, p. 123-146 (234).

PETTER, M. M. T. (2003). Palavras de origem africana nos dicionários Houaiss e Novo Aurélio. *Papia Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, Brasília: UnB, 13, p.107 – 114 (235).

Ainda sobre o léxico, cabe lembrar que venho há algum tempo coletando dados e organizando a análise de termos de origem africana atestados no português brasileiro com vistas à publicação de um dicionário em co-autoria com o professor Emilio Bonvini.

Sobre o contato das línguas africanas com o português brasileiro, a maior parte de minhas publicações, individuais ou em co-autoria, apresentam um quadro geral da questão do contato:

PETTER, M. M. T. (1998). A presença de línguas africanas no português do Brasil. *Estudos lingüísticos do GEL*, v. XXVII, p. 777-783 (236).

BONVINI, E., PETTER, M. M. T. (1998). Langues africaines et portugais du Brésil. *Langages*, 130, p. 68-83 (237).

PETTER, M. M. T. (2004). “Contact des langues au Brésil: les langues africaines et le portugais brésilien”. In: AKINLABI, Akinbiyi e ADESOLA, Oluseye (orgs.). *Proceedings of the 4th World Congress of African Linguistics -New Brunswick 2003*, v.1.Colônia: Rüdiger Köppe Verlag, p. 234-245 (238).

PETTER, M. M. T. (2005). Línguas africanas no Brasil. *Gragoatá*, Niterói: EdUFF, v.19, p. 193 – 227 (239).

PETTER, M. M. T. (2006). “Línguas Africanas no Brasil”. In: CARDOSO, Suzana *et alii* (orgs). *Quinhentos Anos de História Lingüística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, p. 117-142 (240).

Nos dois trabalhos que seguem, trato de questões específicas de contato. No primeiro, estudo aspectos da morfossintaxe do português brasileiro que podem ser atribuídos à presença de línguas africanas no Brasil. No último, abordo a fala dos negros retratada nas charges da *Revista Ilustrada*, publicação quinzenal dos finais do século XIX.

PETTER, M. M. T. (2001). Seriam traços de línguas africanas no português do Brasil. *Estudos Lingüísticos do GEL - Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo*, v.XXX, p.67 - 72.

PETTER, M. M. T. (2007). “Revista Ilustrada: un document sur le langage des Noirs à la fin du XIXe siècle”. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de e GUIMARÃES, Eduardo

(orgs.). *History of Linguistics 2002: selected papers from the Nineth International Conference on the History of the Language Sciences, 27-30 -08- 2002*. São Paulo, Campinas, Amsterdã: John Benjamins, v.110 , p. 87-92 (241).

A pesquisa sobre a linguagem das comunidades do Cafundó e do Vale do Ribeira levou-me a publicar uma série de estudos sob a perspectiva da sociolinguística laboviana, observando a variação na concordância de gênero e de número, dois já mencionados acima, e aqui retomados:

PETTER, M. M. T. (1995). A contribuição das comunidades negras isoladas para a caracterização do português brasileiro. *Estudos Lingüísticos do GEL*, v. XXIV, p. 543 – 549 (242).

PETTER, M. M. T. (1996). Sobre a concordância verbal no Vale do Ribeira. *Atas do I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística*. Salvador: Universidade Federal da Bahia (252).

PETTER, M. M. T. (2003). A fala da comunidade do Cangume: alguns traços fonéticos específicos. *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística (ABRALIN)*, v. 2, p. 359 – 361 (224).

PETTER, M. M. T., ZANONI, D. (2005). Quilombos do Vale do Ribeira: variação e mudança na concordância de gênero e de número. *Papia Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*. Brasília: UnB, 15, p. 61-71 (225).

- um estudo escrito em co-autoria sobre a estrutura negativa na linguagem de comunidades do Vale do Ribeira:

PETTER, M. M. T. e CARENO. M.F. (1994). Observação sobre o uso da estrutura negativa. *Papia Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, 2 (3), p. 98 – 108 (243).

- um texto apresentado em congresso internacional, em que apresento os resultados da pesquisa sobre a concordância de gênero no Cafundó:

PETTER, M. M. T. (1998). “Les communautés afro-brésiliennes isolées: le cas du Cafundó”. In: CARON: Bernard (org.). *Proceedings of the XVth International Congress of Linguistics 20-25 July 1997*. Amsterdã: Pergamon, Optmedia (CD-ROM). (ISBN 08-08-043-438X) (244).

-um estudo comparativo da estrutura lingüística e da função da ‘língua africana’ do Cafundó com uma língua secreta africana, o *làbi*, da República Centro-Africana:

PETTER, M. M. T. (1998). Línguas especiais, línguas secretas: na África e no Brasil. *Revista da ANPOLL*, v. 4, p. 185 – 202 (245).

- um texto em que discuto a pertinência do termo anticrioulo para designar a linguagem do Cafundó, concluindo pela ineficiência dessa nova denominação e ainda acreditando no fato de que essa fala poderia ter sido um crioulo:

PETTER, M. M. T. (1999). “A linguagem do Cafundó: crioulo ou anticrioulo?”. In: ZIMMERMAN, Klaus (org.). *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*. Frankfurt am Main: Vervuert; Madri: Iberoamericana, v. 1, p. 101-118 (246).

Parte do estudo da língua secreta do Cafundó foi apresentada na minha primeira participação no congresso WOCAL (World Congress of African Linguistics), realizado em Lomé, no Togo, em 2000:

PETTER, M. M. T. (2003). “Langues africaines au Brésil: le cas des langues secrètes”. In: LEBIKAZA, Kézié Kyenzi (org.). *Actes du 3e. Congrès Mondial de Linguistique Africaine Lomé 2000*. Colônia: Rüdiger Köppe Verlag. (ISBN 978-3-89645-335-8).

Ainda sobre a comunidade de Salto de Pirapora, fiz uma resenha do livro *Cafundó: a África no Brasil*:

PETTER, M. M. T. (2000). Resenha do livro 'Cafundó: a África no Brasil: língua e sociedade. VOGT, C & FRY, P. *Papia Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*. Brasília: UnB, 10, p. 100 – 103 (247).

Sobre crioulos, fiz a resenha do livro *O crioulo português da Guiné-Bissau*, de Hildo Honório do Couto, que foi publicada na *Revista da ANPOLL*, 2, p. 229-233 (248).



## 6. O Pós-doutorado

Por razões pessoais só pude candidatar-me a um estágio de pós-doutoramento no final de 2001, por quatro meses apenas, de 04 de novembro de 2001 a 28 de fevereiro de 2002. Realizei o estágio em Paris, no laboratório africanista do CNRS, LLACAN (Langage, Langues et Cultures d’Afrique Noire), sob a supervisão do professor Emilio Bonvini, com bolsa da FAPESP.

O estágio concentrou-se, principalmente, no acompanhamento dos trabalhos da equipe do LLACAN. Paralelamente segui, na Universidade de Paris 7 - Jussieu, os seminários promovidos por Sylvain Auroux, que coordenava juntamente com as professoras Diana Luz Pessoa de Barros e Eni Orlandi o projeto de pesquisa “História das Idéias Lingüísticas”, de que eu também participava. Além dessas tarefas centrais, participei do colóquio da Société d’Histoire et d’Epistémologie des Sciences du Langage (SHESL) realizado em Lyon, na École Normale Supérieure bem como de outros seminários e conferências realizados na École de Hautes Études en Sciences Sociales, na Agência da Francofonia e na sede da UNESCO, em Paris.

Tencionava aproveitar esse período em Paris para conhecer o laboratório africanista, realizar pesquisas sobre o contato de línguas, com vistas a uma futura livre-docência, e atualizar meus conhecimentos de lingüística africana, para reformular o curso de pós-graduação que ministrava e para atender melhor os estudantes que descreviam línguas africanas. Eram muitos projetos para pouco tempo, mas creio que consegui realizar uma pequena parte de cada um dos meus propósitos.

### O LLACAN

O LLACAN é um dos laboratórios de pesquisa do CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique) na França, especializado em lingüística africana, com sede em Paris. Tem como parceiro o INALCO – Instituto Nacional de Línguas e Civilizações Orais – e a Universidade Paris 7. Compõe-se de um conselho, com oito membros, um diretor e um diretor-adjunto (desde 1999). Congregava, na época de meu estágio, 30 membros

estatutários (pesquisadores do CNRS, engenheiros especializados em informática, professores pesquisadores), 4 membros não estatutários e 19 doutorandos.

O projeto do laboratório está centrado na articulação entre teoria e descrição das línguas africanas, com o objetivo de afirmar a especificidade e autonomia de cientistas que não são meros fornecedores de dados para os teóricos, mas refletem sobre a natureza de seu objeto, porque são conscientes de que não há observação sem teoria.

A atividade científica está estruturada em duas etapas: (i) coleta e elaboração de dados originais de primeira mão (obtido em pesquisa de campo, durante as missões de trabalho, incluindo gravação, transcrição e análise de fontes), de que participam todos os membros individualmente; (ii) pesquisa coletiva a partir dos dados obtidos. A unidade de trabalho está organizada em torno de três temas que agrupam o conjunto das operações de pesquisa. Cada membro do LLACAN está vinculado a uma ou mais operações de pesquisa, que funcionam na base de reuniões regulares de trabalho. Esses encontros favorecem a reflexão coletiva e permitem a circulação de informações entre os membros da equipe, garantindo a produção e a manutenção de uma competência especializada.

Os três grandes temas ou eixos de pesquisa são:

*Do oral ao escrito:* gramatização das línguas africanas – condições e conseqüências da passagem à escrita e o acesso aos meios de comunicação modernos, tanto do ponto de vista da gramática (dependência e parataxe), quanto do ponto de vista da literatura (línguas, livros, literaturas) e de sua aplicação no desenvolvimento (as línguas na formação e a educação para o desenvolvimento na África);

*Gênese das línguas:* sob a óptica do comparatismo (genealogia e genética) e do ponto de vista dos conflitos de sistemas lingüísticos, nos processos de criouliização, pidginização e veicularização (contatos de línguas: África, Europa, América);

*Diversidade das línguas e categorização:* do ponto de vista da literatura oral (constituição e delimitação do espaço na literatura) e da etnolingüística confrontada aos questionamentos das ciências cognitivas (abordagem etnolingüística e cognitiva da noção de espaço).

O diretor do LLACAN , professor Bernard Caron, autorizou-me a assistir a todas as reuniões das operações de pesquisa e colocou à minha disposição todos os recursos do laboratório, como biblioteca, fotocopadora e computador com acesso à internet. Penso ter

aproveitado satisfatoriamente todas essas facilidades: participei de todas as reuniões de equipe, realizadas às quintas e sextas-feiras, nos períodos da manhã e da tarde; fotocopiei os documentos importantes que não estavam disponíveis nas livrarias e pude ter acesso ao meu correio eletrônico, que permitiu manter o contato com o trabalho na universidade, tanto com os colegas e administração como com meus orientandos.

Apresentei um seminário nas sessões da operação de pesquisa “Contatos de línguas: África, Europa, América”, sob a coordenação de Yves Moñino. O tema de minha apresentação foi “Línguas africanas no Brasil”. A exposição dividiu-se em duas partes: na primeira apresentei a história do contato, as línguas envolvidas pelo tráfico e os documentos históricos sobre a presença africana. Na segunda parte abordei a questão da participação das línguas africanas na constituição do português brasileiro. Na ocasião apresentei meu projeto de pesquisa, que tinha como objetivo reavaliar o contato das línguas africanas com o português no Brasil, numa abordagem metodológica que considerasse o fato lingüístico em relação com a história social dos locutores. Era bastante amplo o objetivo e não via, na época, com clareza, como realizá-lo metodologicamente. Pensava poder atingi-lo pela pesquisa na sincronia e na diacronia. Em sincronia, pela descrição da linguagem das comunidades negras, pela comparação desses dialetos com os dialetos vizinhos, com os crioulos de português e com outras variedades de português na África onde não se tinha desenvolvido uma língua crioula. Em diacronia, faria o levantamento de fontes sobre a fala dos negros e das línguas africanas no Brasil, a fim de situar os fatos lingüísticos na história social brasileira e permitir, se possível, que os fatos observados no tempo aparente pudessem ser apreciados numa perspectiva de tempo real. É bom destacar que eu tinha a consciência de que essa proposta era ambiciosa, para ser desenvolvida ao longo de muitos anos por uma equipe.

Foi bem recebida minha exposição. As pessoas presentes, pesquisadores da operação de pesquisa e estudantes, fizeram-me muitas perguntas, demonstrando interesse em conhecer a situação lingüística brasileira. Depois desse encontro, ficou mais evidente que meu projeto precisaria ser bem recortado, se eu quisesse trabalhar sozinha nele, como um plano de pesquisa para uma tese de livre-docência, por exemplo.

Passei bom tempo na biblioteca do LLACAN, André Georges Haudricourt, consultando o grande acervo de lingüística africana, constituído de livros, periódicos e teses

defendidas na França sobre temas africanistas. Fiz muitas anotações e fotocopiei muitos textos sobre fonologia, morfologia e sintaxe de línguas africanas, mas também comprei as obras disponíveis nas livrarias especializadas, como Harmattan, Khartala e Présence Africaine. Fiquei impressionada com a vitalidade da África em Paris, nas livrarias, museus, galerias de arte, completada pela presença de muitos africanos em quase todos os ambientes.

Descrevo a seguir as demais atividades de que participei durante o período de pós-doutorado.

### Seminários de História e de Epistemologia das Ciências da Linguagem

Esses seminários fazem parte do DEA de Lingüística teórica, descritiva e automática, da Universidade de Paris 7, cujo responsável, na ocasião, era Sylvain Auroux, com a colaboração de Sylvie Archaimbault, Jacqueline Léon e Francine Mazière.

Os seminários aconteciam às segundas-feiras, de 17h às 19h, na Universidade de Paris 7. O tema geral do programa do ano escolar 2001-2002 foi o tempo. Embora o assunto estivesse um pouco distante de minha pesquisa, participei com proveito de nove seminários, durante minha estada em Paris. Os três primeiros seminários: “Histoire des théories linguistiques et théories des temps”, “Conceptions occidentales des temps” e “La théorie des temps verbaux dans la grammaire grecque” foram apresentados por Sylvain Auroux.

Jean Lallot apresentou o quarto seminário “Le temps et les temps chez les grammairiens grecques”. O quinto seminário, “La théorie des temps dans la grammaire française” foi apresentado por Jean-Marie Fournier. Henri Portine apresentou o sexto seminário “Sur quel mode penser le temps dans la représentation linguistique ? Phénoménisme, géométrie et cognition”. O sétimo seminário, “Structure du temps et structure des temps”, foi apresentado por Frédéric Nef, professor de filosofia da Universidade de Rennes; foi o mais complexo, porque o professor apresentou a noção de tempo a partir dos paradigmas da lógica, tentando responder à questão de como a lógica pode contribuir na compreensão do tempo lingüístico.

Os dois últimos seminários a que assisti mostraram situações concretas de análise da noção de tempo em línguas modernas. O primeiro deles, “Temps et verbe dans les langues

africaines: l'exemple du wolof", foi feito por Stéphane Robert, pesquisadora do LLACAN. Logo após apresentar a língua uolofe, da família nigero-congolesa, falada no Senegal, principalmente, por dez milhões de pessoas, a professora mostrou, ilustrando com exemplos, todas as situações em que as determinações temporais estão amalgamadas a outras categorias, destacando que o tempo não é uma categoria "pura". Sylvie Archaimbault apresentou o seminário "Le passage des temps aux aspects dans la grammaire russe". A professora destacou a evolução histórica do tratamento do tempo na gramática russa, evidenciando o fato de que a metalinguagem do grego, que distingue entre espécie e figura, influenciou fortemente a percepção do aspecto em russo, categoria marcada morfologicamente.

### História das Teorias Lingüísticas - Universidade Paris 7

Particpei do encontro do grupo de pesquisa do projeto "História das Idéias Lingüísticas" realizado no dia 15 de dezembro de 2001, quando foi eleita a nova diretora do laboratório, a professora Sylvie Archaimbault. Na ocasião houve uma reunião científica sobre "As línguas universais". A apresentação foi feita pela professora Jacqueline Léon, que explicou o objetivo das pesquisas nessa área. Houve três exposições: 1- Sylvain Auroux – "L'impossibilité des langues universelles"; 2- Roberto Pelleray – "De la langue universelle à la langue de l'univers : une grammaire pour toutes les planètes" e 3- Dan Savatovsky – "Langue universelle, langue internationale et réforme linguistique".

### Colóquio anual da SHESL – ENS Lettres et Sciences Humaines - Lyon

Ainda no âmbito do projeto "História das idéias lingüísticas", particpei do encontro da Sociedade de História e de Epistemologia das Ciências da Linguagem (SHESL), realizado na École Normale Supérieure de Lyon. No período da manhã houve quatro conferências: a primeira, proferida por Salem Chaker – "Le déchiffrement des inscriptions libyco-berbères: problèmes et apports à la connaissance du berbère ancien"; a segunda foi proferida por Simon Battestini, "Présence de l'écrit africain, obstacle épistémologique des

théories linguistiques”; a terceira, por Alessandro Garcea, “César et l’alphabet: *De analogia*” e a quarta, por Elixabeth Grimaldi, “Le lexique: outils, langue, texte”. No período da tarde foram apresentados trabalhos de quatro doutorandos sobre questões de historiografia lingüística.

Todas as apresentações da parte da manhã trouxeram informações relevantes, mas o trabalho que mais me interessou foi o do professor Battestini, pela temática e pela novidade de seus propósitos: uma denúncia do mito de que a África não possui escrita e que, portanto, não possui história nem literatura, visto que vive no reino da oralidade. Essa inconseqüência do discurso científico e literário decorrem, segundo o professor, das percepções européias e americanas da África e de comportamentos de certas elites africanas que conduzem ao fracasso as políticas do continente. Segundo Battestini, uma abordagem interdisciplinar permite revelar novos enunciados sobre uma África cujos modos de conservação da memória e do pensamento, assim como de transmissão à distância de mensagens codificadas, criam a necessidade de uma ciência universal da escrita e do texto, que compreenda todos os sistemas de escrita. A noção de escrita alfabética e o conceito semiótico de escrita como “qualquer traço codificado de um texto”, desenvolvidos pelo autor, despertaram meu interesse em entender melhor a chamada “ausência de escrita” na África. Adquiri seu livro *Écriture et texte-contribution africaine*, que foi posteriormente incluído na bibliografia básica dos meus cursos.

## Seminário sobre o Relativismo Lingüístico – École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS)

Acompanhei quatro seminários que aconteciam às quartas-feiras pela manhã, quinzenalmente, na EHESS, sob a coordenação do Prof. Michel de Fornel. A proposta dos seminários era interdisciplinar, reunindo dois lingüistas e um antropólogo, que estavam presentes a todas as sessões. O conceito de relativismo lingüístico foi discutido no primeiro encontro, lembrando os trabalhos de Sapir, Worf e Lévi-Strauss. Nos demais seminários, foi tratado o problema da classificação das línguas ameríndias dos Estados Unidos, mostrando sua relação com o conceito de relativismo e discutindo os critérios que levaram os pesquisadores a reconhecer atualmente 62 famílias lingüísticas (Godard, 1996),

rejeitando a proposta de Sapir (1924), que identificava 6 famílias. A participação nesses encontros foi muito produtiva, porque tomei conhecimento do problema de classificação lingüística das línguas ameríndias, pude compará-lo à questão africana, e também pude apreciar as discordâncias entre os professores ministrantes, sempre muito instrutivas.

### Seminário Internacional : “Approches prospectives et stratégies en faveur du développement de l’Afrique au XX<sup>ème</sup> siècle”

O seminário realizou-se nos dias 08 e 09 de novembro na sede da UNESCO em Paris. Pela manhã havia uma sessão plenária, e à tarde havia *ateliers* à escolha. Participaram do encontro autoridades políticas e intelectuais africanos e de outros países. A proposta do encontro era identificar de forma prospectiva estratégias e métodos inovadores com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável da África. A reflexão focalizou os seguintes tópicos: (i) a agenda africana da UNESCO: construir uma nova iniciativa africana ; (ii) educação na África: dificuldades e projetos – que estratégias para o futuro?; (iii) ciência e tecnologia para um desenvolvimento sustentável da África ; (iv) direitos humanos, democracia e segurança: perspectivas e ações ; (v) diversidade cultural e pluralismo: saídas para um desenvolvimento sustentável na África; (vi) tecnologias de comunicação na sociedade de conhecimento: capacidade de construir na África; (vii) cooperação pan-africana e parceiros internacionais.

A temática do primeiro dia do encontro concentrou-se nas grandes orientações da política para a África formuladas pela UNESCO: (i) a adoção da declaração universal da diversidade cultural, acompanhada por um plano de ação; (ii) o diálogo das culturas e civilizações, no âmbito do projeto “A rota dos escravos”; (iii) cultura e desenvolvimento: a questão da história da África nos manuais escolares: a indústria cultural; o turismo cultural e as questões sobre o patrimônio, que incluem os sítios arqueológicos e a tradição oral. A discussão foi bastante produtiva; destacou-se o papel relevante das línguas nacionais no ensino e o papel da África na globalização científica.

À tarde acompanhei o encontro sobre “ciência e tecnologia para um desenvolvimento durável para a África”, coordenado pela Ministra do Ensino Superior, da

Ciência e da Tecnologia, de Moçambique, Sra. Lídia Brito. Estavam presentes ministros da Nigéria e da África do Sul. As discussões enfatizaram a necessidade de mudança de atitudes em relação às ciências por parte de políticos e de professores. Foram apresentados projetos bem sucedidos, dos diferentes países presentes, dentre eles destaco a Academia Africana de Ciências. Mas, como sempre, foram lembradas as dificuldades que os africanos encontram para levar adiante suas propostas.

No segundo e último dia do encontro foi discutida a questão de uma nova parceria para o desenvolvimento africano e foram apresentados os relatórios de todas as sessões realizadas na véspera. No período da tarde foi discutido um relatório final, proposto pelo secretário professor Iba Der Thiam. Foi aprovado por unanimidade e os membros da assembléia destacaram que o relatório final não deveria ser apenas um relato, mas um 'plano de ação urgente'.

Esse encontro me proporcionou a oportunidade de estabelecer um contato importante com o presidente da Academia Africana das Línguas, Adama Samassekou, ex-ministro da educação do Mali, que ficou admirado com minha presença naquele encontro e surpreso ao saber da existência de uma pesquisa incipiente de lingüística africana no Brasil. Em 2006 revi o professor Samassekou em Adis-Abeba, no 5º WOCAL (World Congress of African Linguistics). Ele participou como convidado especial para apresentar a Academia Africana das Línguas, com o objetivo de integrá-la aos temas dos lingüistas africanistas. Com tristeza, verifiquei que, cinco anos após a divulgação desse projeto na UNESCO, a proposta ainda não estava plenamente implementada.

Ter participado das discussões na UNESCO proporcionou-me uma percepção atualizada e clara das dificuldades do continente africano. Fiquei positivamente impressionada com a disposição dos próprios africanos de decidir e agir por conta própria, reconhecendo que os maiores entraves ao desenvolvimento da África não estão fora do continente. Infelizmente, os resultados palpáveis do encontro são raros, porque as reuniões de intelectuais e de políticos nem sempre levam a concretizar os projetos esboçados.



## Secondes Rencontres sur l'Afrique Noire

O encontro foi organizado pelo Comitê Francês de Estudos Africanos, uma associação de pesquisadores especializados na África Negra. Foram dois dias de trabalho, 23 e 24 de janeiro de 2002, na sede da Agence Intergouvernementale de la Francophonie. O fórum se realizou sob a forma de mesas-redondas, duas em cada período do dia. Os encontros ocorreram logo após a morte de Léopold Senghor, a quem foram dedicados todos os trabalhos apresentados.

No primeiro dia do encontro discutiu-se, na primeira mesa de trabalhos, o conceito de africanismo, numa acepção diferente daquela em que se usa o termo no Brasil. Referia-se aos estudos sobre a África. A discussão tratou da história do conceito e de sua pertinência. Os debatedores concluíram que o termo é complexo e que está ultrapassado, devendo, portanto, ser abandonado pela pesquisa atual. A segunda mesa-redonda tratou do papel das diásporas africanas na França. Dentre os temas discutidos, estavam os problemas dos migrantes ilegais na França e a questão de saber se os políticos, esportistas, intelectuais fariam parte dessa diáspora.

No período da tarde reencontrei os pesquisadores do LLACAN, Marcel Diki-Kidiri e Paulette Roulon-Doko, que apresentaram seus trabalhos no tópico “Dinâmica das línguas na África”. Marcel Diki-Kidiri discutiu a passagem da África para o mundo da escrita, da transferência de conhecimento e da língua adequada para essa tarefa, o que implica pensar no sistema educativo dentro de uma sociedade multilíngüe. O pesquisador destacou a presença das línguas africanas na internet: há muitos *sites sobre* línguas africanas, sobretudo suaíli, mas nenhum *em* língua africana. Marcel Diki-Kidiri criou um site sobre o sango, língua veicular e nacional da República Centro-Africana. Os demais participantes, Paulette Roulon-Doko, Atibakwa Edema e Mwatha Ngalasso discutiram os problemas do plurilingüismo, da dinâmica das línguas e do ensino do francês na África. O segundo tema da mesa-redonda daquela tarde foi “A canção e a música africana”, com a participação de uma cantora do Mali e de um músico francês.

No segundo dia do encontro, foram realizadas duas mesas-redondas, pela manhã. A primeira concentrou-se na discussão sobre “a história das relações dos homens com o meio-ambiente”. Participaram do debate historiadores, antropólogos e geógrafos. A questão

central foi o conceito de patrimônio e da patrimonialização. Qual seria o critério para a definição de um patrimônio cultural? Foi proposto que se considerasse a herança, a transmissão para a geração futura e o vínculo a um grupo particular. Foi demonstrado que, frequentemente, é o território que as comunidades defendem. Insistiu-se que a noção africana de patrimônio envolve o que vem de seus ancestrais: a terra, antes de tudo, e as práticas culturais, em segundo lugar – o que torna difícil distinguir patrimônio cultural de patrimônio natural. Essa percepção pode ser comprovada no Brasil, onde as comunidades quilombolas e as indígenas defendem sua ancestralidade fundamentada no espaço que ocupam e que desejam preservar.

O segundo debate daquela manhã trouxe escritores africanos e professores de literatura africana. O tema era “Escritores, crítica, editores”. A professora Arlette Chemain, da Universidade de Nice, coordenou a mesa-redonda onde se encontraram os escritores Ahmadou Kourouma e Henri Lopes, além de críticos e editores franceses e africanos. Os escritores revelaram seus propósitos, seu processo criativo e responderam a questões dos críticos e do público. Foi uma sessão muito interessante, em que se evidenciou a individualidade dos autores presentes, que poderia resumir-se em algumas frases proferidas por eles próprios. Kourouma afirmou que seus livros “respondem a um desafio”, derivado da situação socioeconômica e cultural da África. Lopes manifestou o desejo de que seus livros não fossem lidos como pretexto para estudos sociológicos, mas para o prazer, “ler para se construir”. Os dois autores sintetizaram parte do dilema da literatura universal.

No período da tarde foi realizada uma mesa-redonda, cujo tema foi “A contribuição das representações culturais africanas nas nossas práticas quotidianas”. O problema central era de ordem psicopatológica: o sofrimento decorrente do processo migratório. Foi apresentada uma experiência muito interessante, a do Hospital Avicenne, que criou uma clínica transcultural, que analisa o problema dos indivíduos em situação de exílio, procurando trabalhar com os relatos dos pacientes, com o auxílio de intérpretes, para contribuir para uma reelaboração de novas representações que permitam conceber as pessoas de um modo diferente.

A projeção do filme “Bronx-Barbès”, seguida de um debate com sua realizadora, a antropóloga Eliane de Latour, encerrou os trabalhos. Foi uma agradável surpresa para mim rever Abidjan, a cidade onde se passava a história de rivalidade entre grupos de

delinquentes juvenis. Era um filme bastante forte, que tinha feito muito sucesso na África, mas que nunca chegou ao Brasil. A realidade violenta foi tratada com lirismo, mas sem concessões. Embora a cena se desenrolasse na África, ficou patente que os personagens envolvidos refletiam conflitos que são universais.

A participação nesse encontro foi mais uma oportunidade de estar na África e aprender mais um pouco sobre seus povos.

### Conferências

1. 17/11/2001 – Denis Creissels – “Valence verbale et voix em tswana” – realizada na Société Linguistique de Paris.
2. 19/11/2001 – Luiz Felipe de Alencastro – palestra proferida no lançamento do livro *Rio-ville métisse*, realizada na Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris.
3. 30/01/2002 – Luiz Felipe de Alencastro – debate sobre o livro *O Trato dos viventes: a formação do Brasil no Atlântico Sul*, realizado na Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris.
4. 11/02/2002 – Umberto Eco – “En quoi l’usage de l’ordinateur complexifie la genèse d’un texte”, conferência proferida na École Normale Supérieure, em Paris.

Mencionei apenas as conferências que marcaram mais efetivamente minha percepção da linguagem, das línguas africanas e da pesquisa. Foi emocionante rever meu antigo professor em Abidjan, Denis Creisseils, agora estudando línguas de outros países não francófonos, como o tsuana, língua do Botsuana. Já conhecia o trabalho de Luiz Felipe de Alencastro, mas foi na França que me convenci de que deveria buscar na língua a mesma relação que ele encontrou na história, mostrando que o Brasil se formou no contato com a África, com Angola, principalmente. Foi um grande prazer ver e ouvir Umberto Eco, pela primeira vez ao vivo, tratando de um tema inusitado, para mim.

O período que passei em Paris foi tão diversificado e intenso – pela quantidade de eventos relativos à África, pelos contatos com colegas africanistas, pela fartura bibliográfica – que tive a impressão de estar simultaneamente na Europa e no continente africano. Como foi bom o distanciamento da vida universitária, mesmo que por um tempo reduzido! Voltei comprometida em viabilizar uma formação mais completa para meus orientandos, que está sendo agora efetivada pelo acordo CAPES/COFECUB que estabelecemos entre o LLACAN e o departamento de lingüística, desde 2005. Os resultados que estamos começando a observar hoje se devem aos contatos estabelecidos durante meu pós-doutorado: com o diretor do centro de pesquisas, professor Bernard Caron, com professores diretamente envolvidos na problemática que estudo, como Yves Moñino, que estuda o palenquero, crioulo da Colômbia; Nicolas Quint, que trabalha com o cabo-verdiano; Jean-Louis Rougé, especialista do crioulo da Guiné-Bissau, além de grande conhecedor da história social das comunidades crioulas lusófonas. Convém ressaltar que o encontro mais importante foi com o professor Emilio Bonvini, que teve a paciência e a sabedoria de me mostrar os caminhos, mas sempre me deixando a possibilidade de escolher outros atalhos.

## 7. Projetos de Pesquisa

### Projeto História das Idéias Lingüísticas

O projeto História das Idéias Lingüísticas no Brasil desenvolveu-se no âmbito dos acordos CAPES/COFECUB e reuniu três centros de pesquisa: o Departamento de Lingüística da Universidade Estadual de Campinas, o Departamento de Lingüística da Universidade de São Paulo e a École Normale Supérieure Fontenay / Saint-Cloud, no primeiro biênio, e a École Normale Supérieure de Lyon, no segundo biênio. Coordenaram o projeto os professores Eni Orlandi, Diana Luz Pessoa de Barros e Sylvain Auroux. Desse projeto resultaram várias dissertações, teses, publicações em livros e em revistas especializadas.

Particpei do projeto já na sua primeira fase, a convite da professora Eni Orlandi. Minha investigação esteve associada à do professor Emilio Bonvini desde o início. Nossa pesquisa sobre as línguas africanas no Brasil foi publicada no número especial da revista *Langages*, n. 130, (237) que foi organizada por Eni Orlandi e Sylvain Auroux, recebendo o título de *L'hyperlangue brésilienne*. Nosso trabalho, “Portugais du Brésil et langues africaines”, procurou situar historicamente o debate sobre as línguas africanas no Brasil e trouxe elementos novos para a discussão da presença africana no português brasileiro.

Na segunda etapa do projeto, José Horta Nunes e eu organizamos a publicação do livro *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. Essa obra apresentou os resultados do trabalho do subgrupo de pesquisa que se dedicou ao estudo da constituição de um léxico brasileiro e contou também com colaboradores externos ao projeto, como Telmo Verdelho (Universidade de Aveiro, Portugal), Maria Tereza Camargo Biderman (UNESP) e Ieda Maria Alves (USP). Além da organização da obra, participei da publicação com o texto “Termos de origem africana no léxico do português do Brasil” (234), em que faço um levantamento dos registros lexicográficos sobre os vocábulos de origem africana, mostrando como eles são incorporados nesses materiais, por meio das noções de *brasileirismo* e *africanismo*.

## O Laboratório de Estudos sobre a Intolerância (LEI)

O LEI foi constituído em 2002 sob a iniciativa de docentes do Departamento de História da FFCLH/USP, com objetivo de reunir pesquisadores de todos os departamentos da FFLCH. Atualmente o Laboratório de Estudos sobre a Intolerância integra os Institutos do Milênio, do Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Fui convidada a integrar o projeto pela professora Diana Luz Pessoa de Barros, que coordena o grupo de lingüistas que investigam o tema “Preconceito e Intolerância Lingüísticos”. O projeto “A intolerância lingüística contra o negro e formas de resistência” desenvolve-se em duas vertentes: a primeira busca investigar quando e como nasceu o preconceito lingüístico contra o negro brasileiro falante de português, por meio da identificação de comportamentos intolerantes, manifestos em atitudes e discursos. A

segunda vertente procura caracterizar as formas de resistência do negro como falante de português e também herdeiro/depositário de línguas africanas transplantadas para o Brasil.

Na primeira linha de investigação estudo a representação da fala do negro em jornais ilustrados do século XIX. Essa escolha se justifica porque as charges são registros menos formais da fala do negro, já que foram publicados em jornais humorísticos. Buscamos identificar temas e características dessa fala estigmatizada, nos diferentes jornais ilustrados da época, como *Revista Ilustrada*, *Revista Fluminense*, *O Mosquito*.

No âmbito do projeto, participei, de 23 a 31 de outubro de 2004 do seminário “Intolerância e Solidariedade no Mundo Contemporâneo”. Coordenei a mesa-redonda sobre “Intolerância ao intolerável” e escrevi o texto de apresentação dos trabalhos, publicado no livreto de divulgação do evento (249).

No ano de 2005, desenvolvi minha pesquisa sobre as línguas rituais de origem africana presentes nos chamados cultos afro-brasileiros. Essa investigação teve como objetivo constituir a base de dados para análise das formas de resistência. O resultado do trabalho foi sintetizado no texto – *Línguas rituais de origem africana: marca de identidade e foco de resistência*, que apresentei na Sala Temática *Intolerância lingüística: algumas questões*, durante o 11º Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa e 2º Congresso Internacional de Lusofonia do IP-PUC/SP, realizado em São Paulo, na Pontifícia Universidade Católica, de 27 a 29 de abril de 2006 (169).

Em novembro de 2006 participei do I Simpósio Nacional sobre a Intolerância – USP – com a apresentação do trabalho – “Intolerância lingüística e resistência: a questão do negro” (174). Nesse texto abordo o negro enquanto sujeito que assume uma língua, portuguesa ou africana, e que enquanto produtor de discurso manifesta sua identidade e utiliza a língua como uma forma de agir no mundo.

No Brasil, é notória a invisibilidade e o esquecimento a que ficaram relegadas as línguas africanas e a fala do negro. Esta última de difícil apreensão, pela quase total ausência de registros históricos. Trato das duas faces da relação do negro com a linguagem, considerando-o como um sujeito que se manifesta como falante de português e como falante/depositário de línguas africanas. Tento traçar o percurso histórico dos falantes africanos e negros no Brasil, detendo-me em alguns aspectos, apenas, desse itinerário.

Orientei dois trabalhos dentro da temática da intolerância às línguas africanas e formas de resistência, já concluídos. O primeiro, uma tese de doutorado, defendida por Elizabete Umbelino de Barros sobre “Línguas e Linguagens nos Candomblés Angola”. O segundo, uma dissertação de mestrado, defendida por Juliana França Macek, sobre “Aspectos da polidez lingüística em *sheng*, língua urbana de Nairóbi”.

## O Projeto CAPES/COFECUB

Ao retornar do pós-doutorado, voltei entusiasmada com a idéia de estabelecer um convênio entre o Departamento de Lingüística (DL) e o LLACAN. A professora Diana Luz Pessoa de Barros, que era a chefe do departamento na época, apoiou a proposta e incentivou-me a apresentar o projeto à CAPES, no âmbito dos acordos internacionais, com o COFECUB. Comecei logo a me informar e verifiquei que precisávamos de quatro professores doutores, no mínimo, de cada instituição participante. Nesse momento percebi com nitidez que sozinha não poderia fazer nada. Comecei, então, a conversar com a professora Esmeralda Vailati Negrão sobre a idéia de elaborar um projeto reunindo professores do DL, das áreas de sintaxe e de fonologia, e africanistas do laboratório francês com o objetivo de investigar a participação das línguas africanas na constituição do português brasileiro. É bom lembrar que a colega já estava um pouco envolvida com a lingüística africana, porque estava orientando a tese de doutoramento de Márcia Santos Duarte de Oliveira sobre o ibíbio. Recebi logo o apoio da professora Esmeralda, que se interessou pela idéia e colaborou com a escolha dos demais participantes brasileiros. Convidamos os professores Paulo Chagas de Souza, para tratar das questões de fonologia; Evani Viotti, para trabalhar, em parceria com a professora Esmeralda, com a sintaxe; e a professora Tania Maria Alkmim, da Unicamp. Posteriormente, foram associados ao projeto a Professora Márcia Santos Duarte de Oliveira, que tinha defendido a tese e ingressara como docente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, e o professor Didier Demolin, que estava no DL, em 2006, como professor visitante.

Depois de um ano de preparação, apresentei o projeto à CAPES. Ele foi aceito e passou a vigorar a partir de março de 2005, projeto 511/05, sob o título “A participação das

línguas africanas na constituição do português brasileiro”. Em 2007 ele foi renovado por mais dois anos, devendo encerrar-se em dezembro de 2008 (199).

O projeto envolve, então, dois centros de investigação: o Departamento de Lingüística da Universidade de São Paulo (USP) e o Laboratório de pesquisas do CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique) – LLACAN (Langage, Langues et Cultures de l’Afrique Noire), na França. Bernard Caron era o coordenador do lado francês, na primeira etapa do projeto e eu coordeno do lado brasileiro.

Do lado francês, a equipe é formada pelos pesquisadores Bernard Caron, Diretor do LLACAN; Emilio Bonvini, Yves Moñino, responsável pelo grupo de pesquisa ‘Contatos de Línguas’; Nicolas Quint, Jean-Louis Rougé, da Universidade de Orleans, e Paulette Roulon-Doko. Atualmente, coordena o projeto, do lado francês, a professora Martine Vanhove. O professor Bernard Caron deixou a coordenação do projeto no final de 2006, porque assumiu um posto de trabalho na Nigéria.

O objetivo geral do projeto é investigar a participação das línguas africanas na constituição do português brasileiro; mais especificamente, a meta é: (i) identificar os eventuais traços lingüísticos que podem ser atribuídos ao contato com as línguas africanas que aqui aportaram no período da colonização e (ii) destacar semelhanças ou diferenças tipológicas das línguas em contato.

Os dois núcleos, francês e brasileiro, estão articulados por temas comuns de investigação. Cada um desses núcleos desenvolve um conjunto de tarefas em torno de uma das direções de trabalho: léxico, fonologia, sintaxe e semântica. A investigação segue uma perspectiva sincrônica, complementada, quando necessário, por uma visão diacrônica dos fatos estudados. As questões analisadas têm um tratamento próprio, segundo a posição teórica adotada pelo grupo de pesquisadores, na relação com seu objeto de investigação. A equipe brasileira da área da sintaxe trabalha, preferencialmente, com a fundamentação teórica gerativista; os pesquisadores brasileiros de fonologia seguem os princípios da fonologia não linear e/ou da teoria da otimalidade.

O material de análise é constituído por documentos de língua escrita e de língua oral, incluindo narrativas, contos, histórias, para fins de análise lingüística e para caracterizar práticas culturais das comunidades observadas.



O grupo de pesquisadores do PB trabalha na coleta de materiais e na descrição do léxico, da fonologia, da sintaxe e da semântica de aspectos do PB que podem ser aproximados das línguas africanas (LAs). A equipe africanista se empenha na descrição de tópicos cruciais da morfologia, da fonologia, sintaxe e da semântica das LAs selecionadas, bem como dos crioulos africanos de base portuguesa, com ênfase em aspectos destacados no PB para comparação.

Além do projeto propriamente dito o acordo prevê a formação e capacitação de estudantes. O desenvolvimento do projeto de pesquisa e o intercâmbio de pesquisadores franceses e brasileiros devem produzir um conhecimento especializado indispensável para a formação dos jovens pesquisadores da área de lingüística africana. A realização de estágios no laboratório de pesquisa francês, sob a forma de bolsa de estudos (sanduíche), participa de forma substancial para que se atinja a meta proposta, ou seja, formar e capacitar estudiosos nos domínios do estudo do contato de línguas e de línguas africanas. Almeja-se consolidar uma oferta de cursos de pós-graduação ministrados por professores visitantes do LLACAN, até que se atinja uma relativa autonomia nas diversas áreas de estudo das línguas africanas.

## Missões de trabalho realizadas

Foram aprovadas duas missões de trabalho por ano, de cada equipe do projeto.

### Missões França - Brasil

**Bernard Caron**, diretor de pesquisas no CNRS – Llacan, coordenador francês do projeto, esteve em missão em São-Paulo, de 20 de março a 12 de abril de 2005.

Sua missão consistiu basicamente na realização de cinco seminários de três horas cada um, sobre a tipologia e a classificação genética das línguas africanas, de que participaram os membros do projeto e os estudantes de pós-graduação envolvidos na pesquisa de lingüística africana. O professor, a convite das universidades locais, proferiu uma conferência em Campinas e outra no Rio de Janeiro sobre temas relativos ao projeto. Uma sessão de trabalho (3 horas) foi organizada para atender os alunos de pós-graduação. Além disso foi realizada uma sessão de trabalho, no final da missão, com a equipe

brasileira do projeto para fazer um balanço das atividades e para distribuir o trabalho entre os diferentes membros das duas equipes.

A conclusão a que chegaram os membros do projeto, após os seminários e as discussões, foi que a diversidade tipológica e genética das línguas africanas obriga a uma grande prudência ao tratar de sua “influência” sobre o português do Brasil. Deve-se identificar precisamente as línguas africanas envolvidas no contato, sua história e os contatos que elas puderam estabelecer entre elas e com as línguas européias antes de chegar na América.

As equipes ficaram assim constituídas, após as inclusões realizadas em julho (professores Márcia Santos Duarte de Oliveira e Didier Demolin) :

Margarida Maria Taddoni Petter, Emilio Bonvini, Jean-Louis Rougé e Tania Maria Alkmin: lexicologia/lexicografia.

Yves Moñino, Didier Demolin e Paulo Chagas de Souza: fonologia.

Márcia Oliveira e Nicolas Quint: sistemas pronominais.

Evani Viotti, Esmeralda Vailati Negrão e Bernard Caron: a sintaxe dos verbos ergativos.

**Yves Moñino** esteve em missão em São Paulo, de 2 a 23 de outubro de 2005. Durante a missão, o professor proferiu três conferências, duas na USP e outra em Campinas, na Unicamp, a convite da professora Tania Alkmin. Participou do “I Colóquio do Projeto CAPES-COFECUB” organizado pelos membros brasileiros do projeto, proferindo a palestra: "Le rôle du contact de langues dans la formation du créole palenquero".

Durante o Encontro dos alunos de Pós-graduação em Lingüística (ENAPOL) organizado pelos estudantes membros do GELA (Grupo de estudos de línguas africanas), o MINIENAPOL, proferiu a conferência "Características lingüísticas e sociolingüísticas das línguas especiais na África Negra".

Além dessas atividades, o professor participou de muitos encontros com os pesquisadores do projeto e, principalmente, atendeu muitos alunos do Departamento de Lingüística da USP.

**Emilio Bonvini** esteve em São Paulo de 02 a 21 de abril de 2006. O professor proferiu três palestras, duas na Universidade de São Paulo e uma na Unicamp, abordando o domínio do léxico, mais especificamente o da semântica. Manteve encontros com a equipe

do projeto e com as pesquisadoras que trabalham com a mesma temática (Tania Maria Alkmim e eu). Atendeu, também, estudantes de pós-graduação que trabalham com línguas africanas, membros do GELA (Grupo de Estudos de Línguas Africanas) da USP. Esse grupo mereceu ainda uma palestra suplementar em que o professor tratou da tradição oral africana e afro-brasileira, outra área de suas pesquisas.

O público alvo foram os pesquisadores do projeto, estudantes das duas universidades e professores interessados na temática. As palestras tiveram como temas:

- 1- “De um continente a outro: a translação de termos africanos para o Brasil”;
- 2- “Léxicos e transferência semântica: da sedimentação à inovação”.

Na primeira conferência o professor contextualizou, no espaço e no tempo, a presença de palavras de origem africana no português brasileiro; na segunda, foi feita uma avaliação do alcance e da especificidade desse léxico.

A discussão proposta pelo especialista, nas duas palestras, tratou das seguintes questões: (i) existência e identidade de uma “semântica africana”, específica ao continente, em relação a eventuais “universais”; (ii) avaliação dessa especificidade à luz da distinção entre “vocabulário de base” e “vocabulário de especialidade”; (iii) identificação do eventual desvio semântico atestado no Brasil, no nível do termo emprestado, tanto no nível do vocabulário de base quanto no dos vocabulários de especialidade; (iv) interrogação sobre a “transferência semântica” operada e sobre a oportunidade de se falar em “semântica brasileira”.

Essas palestras constituíram o tema de um dos capítulos publicados na obra *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*.

**Jean-Louis Rougé** esteve em São Paulo de 15 de agosto a 06 de setembro de 2006. Durante a missão, o professor proferiu duas conferências e ministrou um curso sobre “Interações e Crioulização”, que teve a participação de professores, muitos estudantes da universidade, pesquisadores de línguas africanas e outros interessados na questão do contato de línguas.

Além dessas atividades, o professor participou de muitos encontros com os pesquisadores do projeto e, principalmente, atendeu muitos alunos do Departamento de Lingüística da USP.

Na primeira conferência, o professor abordou a questão da (in)existência de criouliização no Brasil. Comparou a situação brasileira à de São Tomé, onde se desenvolveu um crioulo, mas onde também se encontra uma variedade de português não-crioulo, falada pelos tongas, filhos de angolanos e moçambicanos que chegaram à ilha no final do século XIX. O tema dessa conferência foi publicado como um capítulo da obra *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*.

A segunda conferência abordou a questão do léxico português na África. Sua apresentação fundamentou-se em farta bibliografia e na sua obra *Dictionnaire étymologique des créoles portugais d'Afrique*, Harmattan, 2004.

**Nicolas Quint** esteve em São Paulo de 01 a 20 de abril. O professor proferiu três palestras, trabalhou com a professora Márcia Oliveira, sua parceira no subprojeto que investiga os pronomes no português brasileiro em comparação com as línguas africanas e crioulos do português, participou de reuniões de trabalho com os demais membros brasileiros do projeto e atendeu estudantes.

A primeira conferência proferida teve como tema “Estudos morfossintáticos – de base tipológica – dos crioulos: flexão verbal (tempo-modo-aspecto), princípio da parcimônia”. Nesse trabalho o professor, especialista no crioulo cabo-verdiano, abordou questões fundamentais que sempre são evocadas quando se pretende afirmar que o português brasileiro (PB) resulta de um processo de criouliização.

A segunda conferência teve como tema a “Apresentação das línguas cordofânicas”. Essa atividade dirigiu-se principalmente aos participantes do projeto e aos estudantes de lingüística africana. Nessa palestra o professor fez uma exposição geral sobre as línguas do Sul-Cordofão e apresentou algumas particularidades de uma língua cordofânica: o coalibe, língua que está descrevendo há alguns anos e sobre a qual publicou um estudo fonológico.

A terceira conferência ocorreu no quadro do MINIENAPOL do GELA – Grupo de Estudos de Línguas Africanas, encontro dos estudantes de pós-graduação que se realiza anualmente, com o objetivo de apresentar as pesquisas em andamento da área de lingüística africana. O professor fez a conferência de abertura, sobre o tema “As principais abordagens sobre a origem da estrutura morfossintática dos crioulos, com especial atenção aos crioulos afro-europeus”.

Numa das reuniões da equipe do projeto, o professor Nicolas apresentou o trabalho de pesquisa que desenvolve com a professora Márcia Oliveira, sobre a “Síntaxe pronominal do português do Brasil- comparação com os crioulos e com as línguas neolatinas”. Tendo em vista o interesse desse tópico da pesquisa, o texto foi publicado no livro *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*.

**Paulette Roulon-Doko** esteve em São Paulo de 19/09 a 09/10/2007. A professora ministrou, como atividade principal de sua missão no Brasil, um curso de pós-graduação, com a duração de duas semanas, sobre “A pesquisa etnolinguística”, proferiu uma conferência na Unicamp e participou de reuniões de trabalho com a equipe brasileira, além de ter atendido todos os estudantes que solicitaram sua apreciação sobre as pesquisas que estavam desenvolvendo.

As aulas tiveram um público de quarenta alunos, incluindo estudantes de outras cidades e estados, o que confirma a oportunidade de se ter proposto o referido curso. Como o público era bastante heterogêneo, fiz a tradução consecutiva das aulas da professora. Além de apresentar as questões fundamentais da área, Paulette Roulon-Doko ilustrou todas suas aulas com muitos exemplos do gbaia, língua da República Centro-Africana da qual ela é uma grande especialista, como comprovam suas inúmeras publicações. O interesse do curso para o projeto ficou bastante evidente, quando a professora tratou da literatura oral e dos contos gbaia em particular. A partir de suas orientações elaboramos um projeto de pesquisa sobre as narrativas orais brasileiras, de acordo com a programação prevista para a continuidade do projeto. Decidimos, a professora Tania Maria Alkmim, a professora Paulette Roulon-Doko e eu, trabalhar com os contos de animais, buscando elaborar uma tipologia desses contos, a partir de coletâneas conhecidas, para uma posterior comparação com os contos africanos.

## Missões Brasil – França

As missões realizadas em Paris têm um caráter bem diferente daquelas efetuadas em São Paulo. No LLACAN não há estudantes vinculados ao projeto e o número de pesquisadores envolvidos nessa pesquisa é relativamente pequeno. As missões brasileiras consistem em: (i) apresentar conferências onde se abordam temas do projeto, com o

objetivo de colocar os colegas a par de nossa realidade lingüística, muitas vezes; (ii) discutir com os parceiros franceses o desenvolvimento da pesquisa e (iii) realizar pesquisa bibliográfica. No período de 2005 a 2007 foram realizadas cinco missões, a segunda missão de 2007 foi transferida para 2008, em razão da reposição de aulas em função da greve na FFLCH.

Fui a primeira a realizar uma missão no LLACAN, de 03 a 22 de junho de 2005. Esse período foi dedicado a palestras, reuniões com a equipe francesa e encontros com o professor Emilio Bonvini para organizar a pesquisa sobre o léxico de origem africana no português brasileiro no quadro do projeto. Proferi uma conferência no LLACAN sobre o tema “De l’africanisme au ‘brésilianisme’: les parcours ded l’intégration des termes d’origine africaine dans le portugais brésilien” e outra na EHESS – Ecole de Hautes Etudes en Sciences Sociales sobre o tema “Les langues cultuelles d’origine africaine au Brésil : marque d’identité et foyer de résistance”, por solicitação do coordenador francês, professor Bernard Caron. Essa palestra está, também, relacionada à pesquisa que realizo no Laboratório de Estudos sobre a Intolerância (LEI) e foi posteriormente apresentada no Brasil, no quadro das atividades do LEI.

Minha estada em Paris serviu, sobretudo, para realizar reuniões de trabalho com o professor Bonvini e discutir questões gerais do desenvolvimento de nossa pesquisa no quadro do projeto CAPES/COFECUB.

**Esmeralda Vailati Negrão** esteve em missão em Paris, de 1 a 17 de dezembro de 2005. A professora Esmeralda Vailati Negrão proferiu duas conferências durante sua estada no laboratório francês. A primeira, no LLACAN, sobre “Brazilian Portuguese as a discourse oriented language” e a segunda, no Cercle de Linguistique de l’INALCO sobre “Diathesis Alternation in Brazilian Portuguese”. A segunda conferência refere-se à investigação que a professora desenvolve com Evani Viotti e que resultou no capítulo publicado no livro *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*, “Estratégias de impessoalização no português brasileiro”.

Duas reuniões de trabalho foram organizadas. A primeira contou com os membros franceses do projeto para verificar o estágio de desenvolvimento da colaboração francesa e tratar de tópicos de sintaxe comparada das línguas africanas e o PB. A segunda reunião, entre o professor Bernard Caron e a professora Esmeralda Vailati Negrão, foi consagrada

ao projeto de publicação comum sobre os verbos ergativos em português brasileiro e nas línguas africanas. Infelizmente, não foi possível publicar um artigo em co-autoria com o pesquisador francês, como tinha sido planejado desde a primeira missão francesa no Brasil. Esse fato não impediu que as duas colegas desenvolvessem uma pesquisa inédita sobre a sintaxe de algumas formas de impessoalização utilizadas no português contemporâneo, que possui uma estrutura semelhante à encontrada no quimbundo, língua descrita como desprovida de construções passivas.

**Tania Maria Alkmim** realizou a missão em Paris de 02 a 21 de maio de 2006. Durante esse período foram desenvolvidas as seguintes atividades: duas conferências intituladas “Os escravos no Brasil e a língua portuguesa: aspectos históricos e sociolinguísticos” e “Quilombos e mocambos: um panorama da resistência dos escravos no Brasil” .

A primeira conferência focalizou a questão da relação dos escravos com a língua portuguesa. Na segunda conferência, a professora apresentou um quadro histórico em que se destacou a presença generalizada no território brasileiro de comunidades constituídas por negros fugitivos – os quilombos e mocambos. As informações históricas assinalam que a grande maioria dos quilombos e mocambos constituiu-se no entorno dos espaços e núcleos urbanos, e também das fazendas. Mais do que isso, os dados históricos mostram que as comunidades de fugitivos mantiveram relações constantes e contínuas com a sociedade, particularmente através de trocas comerciais. Nesse contexto, discutiu-se o papel da língua portuguesa. Em outras palavras, as redes sociais estabelecidas entre quilombos/mocambos deve ter passado pelo uso e difusão da língua portuguesa. Além dessas atividades a professora realizou reuniões de trabalho com membros do projeto, coordenadas pelo professor Bernard Caron.

**Paulo Chagas de Souza** esteve no LLACAN de 03 a 20 de dezembro de 2006. Desenvolveu as atividades: pesquisa na Biblioteca do LLACAN; encontro com o professor Nicolas Quint, que pesquisa o crioulo falado no Cabo Verde, no qual se encontram fenômenos semelhantes aos encontrados no português do Brasil; palestra com o título *La Phonologie du Portugais Brésilien comparé à celles des Langues Négro-Africaines*, e

encontros com os demais pesquisadores do projeto, com a presença da nova coordenadora francesa, Martine Vanhove.

A conferência do professor tratou, principalmente, da questão da sílaba, a partir da comparação o português com as línguas africanas transplantadas para o Brasil. Observou a epêntese vocálica em sílabas formadas por duas consoantes e vogal (CCV) no PB e em LAs. Embora esse fenômeno não seja uma prova da influência das línguas negro-africanas no português brasileiro, o professor argumentou que esse fato demonstra uma espécie de convergência, isto é, certas possibilidades da fonologia do português brasileiro poderiam ter sido reforçadas por características semelhantes presentes nas línguas africanas com as quais entrou em contato, todas com o padrão silábico CV (consoante-vogal).

**Márcia Santos Duarte de Oliveira** realizou sua missão em Paris de 11/06 a 03/07/2007. A missão da professora teve como principal objetivo desenvolver trabalho de pesquisa em conjunto com o pesquisador Nicolas Quint. Os dois professores formam um subgrupo de trabalho que visa a investigar possíveis relações entre o sistema pronominal do português do Brasil – área do sudeste do Brasil – com línguas africanas, especificamente a língua ibíbio (Nigéria) e o cabo-verdiano (Cabo Verde), línguas de especialidade dos pesquisadores envolvidos. O ibíbio e o caboverdiano interessam à investigação do português brasileiro em dois pontos específicos: (i) cabo-verdiano – uma língua crioula de base portuguesa que pode auxiliar no entendimento do PB relacionado ao fenômeno de contato; (ii) ibíbio – uma língua que pode ter participado na constituição do multilingüismo formador da variante brasileira do português.

Durante a permanência no Laboratório do LLACAN, Márcia Oliveira desenvolveu as seguintes atividades: (i) trabalho pessoal de documentação e de pesquisa em biblioteca; (ii) encontros de trabalho com pesquisadores do LLACAN, em especial, Nicolas Quint; (iii) elaboração e apresentação de duas conferências; (iv) participação em seminários de doutorandos ligados ao LLACAN. As conferências abordaram os temas: “Comparação entre a sintaxe pronominal do português do Brasil e das Línguas Africanas: o traço semântico [+HUMANO]” e “Categorias de Tempo e Aspecto na Língua Ibíbio (Nigéria)”.



## Missões de estudo

Um aspecto da maior relevância do projeto CAPES/COFECUB é a formação dos estudantes de pós-graduação. Fomos beneficiados por uma missão de estudos por ano, cumpridas sob a forma de bolsa-sanduíche, com a duração de um ano cada uma. Até o momento foram realizadas três missões dessa espécie.

**Elizabeth Umbelino de Barros** foi a primeira estudante a realizar missão de estudos no LLACAN, em 2005, sob a supervisão do professor Emilio Bonvini. Ela iniciou seu estágio após ter sido aprovada no exame de qualificação. Tenho observado essa prática para todos os bolsistas, porque julgo que a qualificação do projeto contribui para um direcionamento mais claro da proposta de trabalho, tornando mais produtivo o estágio de pesquisas no LLACAN. A estudante desenvolveu uma pesquisa sobre “Línguas e Linguagens nos candomblés de nação angola”. A orientação do professor Bonvini foi fundamental para a estruturação da tese e aprofundamento das pesquisas sobre línguas bantas presentes em candomblés angola. Por outro lado, o convívio com os pesquisadores franceses, a participação em seminários de pesquisa e o acesso à biblioteca do laboratório e de outros centros de estudos colaboraram para o amadurecimento intelectual da estudante e permitiram um aprofundamento maior do trabalho. Sua tese foi defendida em 30 de março de 2007.

**Cleonice Cândida Gomes** realizou sua missão de estudos em 2006, sob a supervisão da professora Stéphane Robert, que a orientou em co-tutela, no LLACAN. A pesquisa da estudante trata da morfologia verbal do balanta, língua do tronco nigero-congolês, da família oeste-atlântica, falada no Senegal e na Guiné-Bissau. Essa língua apresenta uma morfologia de foco marcada na estrutura do verbo, fato comum a outras línguas da região, como o uolofe, língua estudada pela co-orientadora francesa, no quadro teórico de Antoine Culioli. O estágio em Paris foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa da estudante, porque o laboratório francês proporcionou à aluna uma viagem de campo a Dacar, no Senegal, por dois meses, para complementar sua coleta de dados. Nesse período Cleonice foi hospedada por uma família balanta, e teve sua primeira experiência no continente africano. A estudante também recebeu auxílio para participar de um seminário

em Roma, sobre a morfologia verbal, ministrado pelo professor Denis Creissels. A tese deve ser depositada até o final de junho.

**Sidnei Barreto Nogueira** realizou sua missão de estudos no LLACAN no ano de 2007, sob a supervisão do professor Pascal Boyeldieu. O projeto do estudante trata da relação entre a palavra falada e o canto dos candomblés de nação queto, buscando verificar a relação entre os tons da língua e a melodia dos cânticos. Com a orientação do professor Boyeldieu, foi possível recolocar o problema da comparação entre os tons do iorubá falado na África, de um lado, e o nagô cantado no Brasil, pela introdução de uma nova variável – o estudo dos cantos iorubás na África.

Além da orientação especializada do professor Boyeldieu e do contato com outros pesquisadores africanistas e etnomusicólogos, Sidnei teve acesso a bibliotecas e a novas ferramentas de pesquisa, como programas de análise lingüística especializados na identificação das alturas musicais (tons), que colaboraram no tratamento dos dados dos cantos iorubás em comparação com os tons da língua africana. Sua tese deve ser depositada em agosto.

#### A importância do Projeto CAPES/COFECUB

O projeto CAPES/ COFECUB vem colaborando decisivamente para a implantação da área de pesquisa em lingüística africana, porque, além de permitir que as equipes de especialistas franceses e brasileiros discutam o tema da participação das línguas africanas na constituição do PB, oferece a oportunidade de completar a formação de estudantes brasileiros num centro africanista francês de excelência.

Os estudantes que foram contemplados com a bolsa-sanduíche tiveram um aproveitamento excelente do estágio no LLACAN. Beneficiaram-se da supervisão especializada de um orientador africanista e puderam entrar em contato com pesquisadores que trabalham com diferentes línguas, com modelos teóricos também diversos. Os estudantes puderam ver como se faz pesquisa séria sobre línguas africanas, com dados inéditos, obtidos em pesquisa de campo na África. Além da troca de experiências com pesquisadores, os estudantes tiveram acesso a documentos inexistentes no Brasil, puderam consultar bibliotecas e visitar museus onde se conserva grande parte da arte africana. Uma estudante, como mencionei acima, teve até a oportunidade de fazer pesquisa de campo no

Senegal, algo que seria muito difícil conseguir contando com a agência de fomento à pesquisa que financia o projeto de doutorado da aluna.

A relevância do projeto e a perspectiva de desenvolvê-lo adequadamente foram argumentos decisivos para conquistar a participação de colegas do departamento, pesquisadores de outras áreas da lingüística, como as professoras Esmeralda Vailati Negrão e Evani Viotti, da sintaxe, e o professor Paulo Chagas de Souza, da fonologia. Creio que consegui convencê-los de que a contribuição que dariam ao projeto era o conhecimento especializado que detinham e que o conhecimento das línguas africanas seria a contrapartida que os africanistas ofereceriam. É importante destacar que o projeto que era, inicialmente, de uma área de pesquisa, a lingüística africana, tornou-se um projeto de várias áreas do departamento. Até o momento, a integração dos membros brasileiros e desses com os franceses tem produzido resultados positivos. Os colegas brasileiros que foram em missão à França tiveram a oportunidade de discutir seus trabalhos com a equipe do laboratório francês, trouxeram novas hipóteses de investigação e voltaram entusiasmados com o nível dos pesquisadores franceses e com as facilidades que o LLACAN oferece a seus membros. Das missões francesas no Brasil, realizadas na primeira parte do projeto, de 2005 a 2007, foram marcantes os contatos com Emilio Bonvini, Jean-Louis Rougé e Nicolas Quint. As palestras e as reuniões de trabalho com o professor Bonvini fomentaram a necessidade e o desejo de conhecer melhor a história do contato do português com as línguas africanas. As discussões com os crioulistas Jean-Louis Rougé e Nicolas Quint foram fundamentais para convencer os colegas de que o PB não apresenta vestígios de processos de criouliização ou de descriouliização.

A partir da terceira missão francesa, a do professor Bonvini, a idéia de uma publicação conjunta foi tomando contornos mais nítidos. Era imperioso divulgar o que estávamos descobrindo. Assim, cada subgrupo ficou encarregado de apresentar um resumo de artigo, baseado nas conferências e pesquisas realizadas, para se organizar o livro. As propostas recebidas abordavam quatro grandes questões: a história do contato, a criouliização, o léxico e a sintaxe. Logo percebi que havia um encadeamento de tópicos interessante, que mostrava muito bem a interação dos temas desenvolvidos no projeto. O primeiro capítulo teria de ser o do professor Bonvini, pois seria imprescindível situar historicamente a questão do contato do português com as línguas africanas. Nesse texto o

autor retoma e desenvolve, acrescentando dados inéditos, o trabalho que publicamos em co-autoria na Langages, em 1998, “Portuguais du Brésil et langues africaines”. O trabalho, que recebeu o título de “Línguas africanas e português falado no Brasil”, reitera posição contrária à hipótese da criouliização prévia do PB. Os capítulos seguintes seriam os trabalhos de Jean-Louis Rougé e Nicolas Quint, que continuam o debate sobre a criouliização e apresentam argumentos robustos contrários a ela. Jean-Louis Rougé, no capítulo “A inexistência de crioulo no Brasil” apresenta o português dos tongas de São Tomé e o compara com o PB, concluindo que as semelhanças observadas se devem à situação de aprendizado do português, bastante próxima, visto que o modelo das plantações de cacau e de café de São Tomé tinha sido importado do Brasil. Nesses ambientes, os falantes estavam suficientemente expostos à língua portuguesa, não sendo necessário construir um outro sistema lingüístico. Nicolas Quint, no capítulo “A realização do sujeito em português do Brasil: deriva *versus* criouliização” compara a perda das desinências número-pessoais dos verbos numa série de línguas românicas com as marcas morfológicas de número e de pessoa no crioulo cabo-verdiano, para evidenciar que a redução da flexão verbal e o aumento do preenchimento da posição de sujeito no PB devem ser atribuídos a uma deriva românica. O capítulo escrito por Bernard Caron, “As línguas vernáculas urbanas na África: o caso do *sheng*”, analisa uma situação africana: o aparecimento de novas línguas urbanas, oriundas do contato de línguas africanas e européias. Por tratar de um caso de contato de línguas e por mostrar que essa nova língua, o *sheng*, não é um crioulo, foi apresentado depois dos textos dos crioulistas.

O léxico de origem africana, sempre invocado como testemunho da presença africana no PB, mereceria dois capítulos no livro. O primeiro, escrito pelo professor Bonvini, “Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil”, analisa a história da integração dos termos de origem africana pela língua portuguesa e avalia a contribuição semântica, e não apenas lexical, de línguas africanas no vocabulário do português brasileiro. Tania Alkmim e eu, no segundo capítulo sobre o léxico, “Palavras da África no Brasil de ontem e de hoje”, estudamos os termos de origem africana em uso hoje, no Brasil; observamos seu registro desde o século XIX e procuramos demonstrar a estabilidade e o dinamismo de sua utilização. Por fim, viria o capítulo sobre a sintaxe, “Estratégias de impessoalização no português brasileiro”. As autoras, Esmeralda Vailati

Negrão e Evani Viotti, abordam um aspecto inédito nos estudos sobre o contato do PB com as línguas africanas: certas formas de impessoalização e de reorganização dos argumentos nas sentenças. Constroem uma explicação que remete a uma estrutura semelhante em quimbundo e formulam a hipótese de que as formas de impessoalização do PB analisadas derivem do contato com a língua africana.

A preparação dessa obra contou com o apoio efetivo de José Luiz Fiorin que, mesmo não sendo membro do projeto, aceitou organizá-la comigo. Sua participação foi importante, na tradução e na revisão dos textos, e fundamental na discussão de um tema controverso: a grafia de nomes de línguas e povos africanos. Com seu vasto conhecimento dos fenômenos discursivos, Fiorin esclareceu-nos o que ocorre quando se usa uma linguagem politicamente correta, com cuidados excessivos: o que se pretende esconder acaba por ser revelado, e o preconceito fica explícito, como no caso do uso de expressões como *afro-descendente*, *cidadão de tipo negróide*. Assim, decidimos grafar os nomes de línguas e povos africanos da mesma forma como são escritos todos os demais, de acordo com as convenções da língua portuguesa, com iniciais minúsculas e observando a concordância de gênero e número. Decidimos, também, aporuguesar todos os nomes de línguas africanas, para tratá-las de forma igualitária e respeitosa. Para orientar o leitor, apresentamos uma lista com os nomes de línguas, famílias e grupos lingüísticos em português, acompanhados de designações encontradas na literatura africanista. Por fim, vale destacar dois fatos: os melhores momentos do prefácio do livro foram escritos pelo Fiorin e a publicação se concretizou porque foi ele que apresentou o projeto de publicação à Editora Contexto e convenceu o editor sobre a importância de nosso trabalho. A referência completa do livro é:

FIORIN, José Luiz e PETTER, Margarida (orgs.). (2008). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Contexto.(250).

Espero que esse livro se torne obra de consulta obrigatória para todos os pesquisadores que buscam referências sobre as línguas africanas e seu contato com o português no Brasil. Creio que essa obra cumpre a tarefa de fornecer informações corretas e atualizadas, e colabora para que se interrompa o ciclo de repetição de literatura ultrapassada

e de falsos conceitos sobre as línguas africanas. Como me sinto responsável por essa tarefa, lamento ter demorado para publicar um trabalho com esse objetivo.

Há alguns anos pensei em escrever um livro sobre as línguas africanas, pois estava preocupada com tantos disparates que lia e ouvia; sentia-me culpada por ser omissa. Comentei a idéia do livro com o Fiorin, que logo me apoiou. Decidi conversar com outros colegas e aos poucos foi amadurecendo o projeto de uma publicação que contemplasse um universo mais amplo de línguas. A coleção viria a ser denominada “Línguas do mundo” e teria como alvo os estudantes de graduação em Letras, buscando atingir, também, um público mais amplo. Fariam parte da publicação: o professor Waldemar Ferreira Netto, escrevendo sobre línguas indígenas; os professores Evani Viotti e Leland McCleary, que tratariam das línguas de sinais, e Paulo Chagas de Souza, que abordaria as línguas européias e asiáticas. Os diferentes temas seriam abordados dentro de um tratamento uniforme, revelando posição consensual dos autores, que se propuseram a apresentar as características internas das línguas, como: genealogia, classificação, fonologia, morfologia e sintaxe, da mesma forma que discutiriam aspectos externos, referentes à sócio-história desses universos lingüísticos. Apresentei o projeto à Editora Humanitas, que o aprovou. Infelizmente, por razões diversas, os autores tiveram de interromper a redação dos livros para dedicar-se a outras atividades e não puderam respeitar o prazo acordado com a editora. No entanto, estamos dispostos a retomar os trabalhos. Quem sabe no próximo ano consiga retomar as conversas com os colegas e incentivá-los a terminarmos o livro.

### Desdobramentos e perspectivas do Projeto CAPES/COFECUB

Neste ano encerra-se o segundo biênio do referido projeto. Temos planos de continuar as pesquisas iniciadas, mas também prevemos começar novas investigações. Nesse quadro, a missão da professora Paulette Roulon-Doko, estudiosa da literatura oral africana e lingüista preocupada com questões etnolingüísticas, realizada no segundo semestre de 2007, deu o impulso inicial para uma nova etapa de estudos de um subgrupo do projeto: a análise comparativa de narrativas orais brasileiras e africanas. Tania Alkmim, André Bueno e eu trabalharemos nessa investigação com a professora francesa. Os demais subgrupos vão prosseguir na análise de tópicos previstos e em novos aspectos desvendados pela pesquisa já feita.

Planeja-se, como uma extensão ulterior e normal do projeto que se encerra neste ano, apresentar uma nova proposta à CAPES/COFECUB, desta feita para realizar o estudo comparativo da influência das línguas africanas (i) nos crioulos de base portuguesa falados na África e (ii) no português falado na África, para se proceder a uma real comparação deste último com o português falado no Brasil. Somente após essa comparação poder-se-á formular uma hipótese plausível sobre a participação das línguas africanas na constituição do português brasileiro. Necessitamos, para a nova empreitada, integrar pesquisadores das variedades africanas de português, externos ao LLACAN, onde não há especialistas em línguas de Angola e Moçambique. Já tenho feito alguns contatos com pesquisadores desses países, esperando que eles participem do novo empreendimento.

O encaminhamento natural do projeto CAPES/COFECUB já vinha-me instigando a estudar o português de Angola e de Moçambique para verificar se nessas regiões, onde também não se tinham desenvolvido línguas crioulas, haveria aspectos próximos do português brasileiro. Pouco a pouco, incentivada pelo professor Bonvini, comecei a considerar a possibilidade de elaborar um trabalho sobre esses estudos para apresentar como tese em um concurso de livre-docência. O grande problema que percebia, e ainda sinto, é a falta de um *corpus* constituído em função de objetivos e perspectiva teórica definidos. Enfrentei o desafio de trabalhar com dados alheios, mesmo sabendo do risco que corria. Concluí que para constituir um *corpus* adequado seria necessário o envolvimento de uma equipe, e mais tempo, evidentemente. Os primeiros resultados de minha pesquisa, em que descrevo os fenômenos observados em dados localizados em artigos e livros publicados, foram expostos em dois encontros. Nesses trabalhos chamo a atenção para o fato de que as situações de contato do português com as línguas bantas, no Brasil, em Angola e em Moçambique, produziram resultados semelhantes nos níveis fonológico, lexical e morfossintático, de tal sorte que é permitido defender a existência de um *continuum* afro-brasileiro de português. Os textos apresentados, que serão publicados em breve, foram os seguintes:

Título: “Uma hipótese explicativa do contato do português com as línguas africanas” (171).

Evento: IV Encontro da Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares

Local e data: Universidade Federal de Goiás, 18 a 20 de outubro de 2006.

Título: “O *continuum* afro-brasileiro de português” (172)

Evento: Colóquio “Caminhos da Língua Portuguesa: África-Brasil”

Local e data: Universidade Estadual de Campinas, 6 a 9 de novembro de 2006.

Encontrei na proposta teórica de Myers-Scotton (2002) para a explicação do contato de línguas um modelo adequado para minha análise. Decidi, então, partir do estudo do léxico – morfemas de conteúdo, os primeiros a serem adquiridos numa situação de aquisição ou de contato de línguas, segundo a autora –, e observar sua integração morfológica e sintática nas variedades africanas e americana de português. Parte desse estudo foi apresentada numa palestra que proferi na UNICAMP, a convite do GT de Teoria da Gramática da ANPOLL. O trabalho suscitou discussões interessantes e chamou a atenção, creio, pela novidade da temática para um público formado de sintaticistas gerativistas. A referência completa do trabalho é a seguinte:

Título: “O léxico como ponto de convergência do contato do português com as línguas africanas” (182)

Evento: Encontro do GT de Teoria de Gramática da ANPOLL

Local e data: UNICAMP/ 28 de setembro de 2007.

Acredito que a tese que apresento, ao colocar a questão do português brasileiro numa esfera diferente da estudada, sob um ponto de vista teórico ainda inexplorado no Brasil, oferece um quadro propício para o desenvolvimento das pesquisas do novo projeto CAPES/COFECUB que pretendemos apresentar e que terá como tarefa inicial a constituição de um *corpus* adequado aos objetivos almejados.



## WOCAL (World Congress Of African Linguistics)

Tomei conhecimento da existência do WOCAL em 2000 e resolvi inscrever-me para participar do encontro que seria realizado naquele mesmo ano, em Lomé, no Togo. Era o terceiro da série. Desde então venho participando regularmente dos congressos que se realizam a cada três anos, na África e em outro continente, alternadamente. O *Congresso Mundial de Lingüística Africana* reúne especialistas em lingüística africana, com o objetivo de estimular a pesquisa e difundir as descobertas sobre as línguas africanas nos cinco continentes. É um fórum de discussões sobre questões de descrição de línguas, teorias lingüísticas, planejamento lingüístico e promoção de línguas africanas. Os trabalhos apresentados são submetidos a uma seleção e são publicados sob a forma de livro, em Colônia, pela editora Rüdiger Köppe Verlag. As publicações do congresso destinam-se não só aos círculos acadêmicos, mas também fornecem informações ao público em geral sobre o reconhecimento de que as línguas africanas são recursos indispensáveis para o desenvolvimento individual, social, cultural, político e econômico de seus falantes.

Em agosto deste ano vamos realizar na USP uma edição especial do congresso, o 6<sup>th</sup> SPECIAL WOCAL. É preciso contar um pouco da história de minhas participações no congresso para entender como isso foi possível e perceber melhor a importância do evento para nossas pesquisas em lingüística africana e sobre o contato de línguas africanas com o português no Brasil.

No congresso de Lomé encontrei alguns professores do LLACAN: Paulette Roulon-Doko, Bernard Caron, Yves Moñino, Henri Touneux, alguns já meus conhecidos e outros que viria a conhecer no estágio de pós-doutorado. O que mais me fascinou no congresso foi o número de lingüistas africanos e estrangeiros presentes: americanos, alemães, poloneses, coreanos, japoneses. Nenhum português, espanhol ou latino-americano; eu era a única brasileira, latino-americana e falante de português. Procurei estabelecer contato com os professores locais, da Universidade do Benim (embora situada no Togo), com vistas a propor um acordo com a USP. Minha proposta foi bem acolhida no momento, mas não obtive resposta às minutas de convênio que enviei aos professores africanos em nome de nossa universidade. De qualquer forma, os contatos pessoais foram importantes; conheci o professor Lébéné Philippe Bolouvi, chefe do departamento de lingüística na época, que

tinha estado no Brasil e havia publicado o livro *Nouveau Dictionnaire Etymologique Afro-Brésilien*, em 1994. A obra era totalmente desconhecida entre nós e foi um bom presente que recebi, porque o autor, ao analisar os termos de origem eve, fon e iorubá, oferece um estudo etimológico e histórico valioso, feito por quem conhece a realidade africana. Sobre a história brasileira às vezes ele comete alguns equívocos mas, no geral, seu trabalho tem servido de material de apoio bastante útil para mim e para meus estudantes.

Em 2003, o congresso foi realizado nos Estados Unidos, na Universidade de Rutgers, em New Brunswick. Nessa ocasião fui convidada pelo professor Bernd Heine, ex-presidente do congresso, e Herman Batibo, atual presidente, para fazer parte do “comitê” do WOCAL, o *Standing Committee*, que é composto por doze membros, com mandato de nove anos, e que tem como função importante difundir, promover o congresso e colaborar com os comitês organizadores locais. Fiquei contente e honrada com o convite inesperado. Minha inclusão no comitê foi aprovada pelos demais membros, pois correspondia aos ideais do grupo: vinha de um continente (América Latina) que não tinha representantes – o congresso pretende ser mundial, com membros de todos os continentes ou países, se possível –, e revelava dinamismo e interesse pelo congresso – dele participava pela segunda vez consecutiva.

A primeira reunião de que participei como membro do comitê, realizada no final do encontro em Rutgers, tinha dois itens importantes na pauta: avaliar o congresso que terminava e decidir o local de realização do próximo encontro, em 2006, na África. Havia um país candidato, a Etiópia. Nas deliberações sobre as vantagens e desvantagens de tal opção, o professor Yves Moñino adiantou a discussão e lançou a idéia de realizar o encontro de 2009 no Brasil, visto que seria a vez do congresso fora da África. A escolha da Etiópia como sede do congresso de 2006 foi logo acolhida, e a proposta do Brasil para 2009, embora tenha sido bem recebida, ficou para ser referendada na reunião da Etiópia.

A idéia de organizar um congresso de lingüística africana no Brasil me assustou um pouco, mas me animou a trabalhar mais para mostrar que em São Paulo também se faz pesquisa sobre línguas africanas. Ao apresentar à CAPES o projeto de pesquisa no âmbito dos convênios CAPES/COFECUB incluí entre os resultados esperados do acordo a possibilidade de complementar a formação de especialistas para criar no Departamento de Lingüística da USP um centro de referência para os estudos de Lingüística Africana no país,

que pudesse organizar de forma competente o VI Congresso Mundial de Linguística Africana, em 2009.

Ao aproximar-se o congresso de Adis-Abeba, realizado em agosto de 2006, o presidente, Herman Batibo, informou-me de que havia outro país candidato a sede do congresso de 2009 e que, portanto, eu deveria estar preparada para o debate. Conversei com a professora Esmeralda Vailati Negrão sobre o caso e ela, prontamente, me ajudou a organizar a defesa. Ela me ajudou a escrever um texto, em inglês, expondo as condições do departamento e da universidade, e explicando a importância do congresso para os estudos de linguística africana no Brasil. Reuni diversos materiais de divulgação da USP para comprovar a importância de nossa universidade no contexto brasileiro e fui para a Etiópia, confiante de que seríamos os escolhidos.

Não foi fácil expor nossas razões, de ordem científica, diante da concorrente, a Alemanha, representada pelo secretário do congresso, Matthias Brenzinger, que foi logo de início apresentando os recursos de que dispunha, fundos da União Européia e outros, considerados decisivos para o êxito da organização do congresso. Na réplica, disse que tínhamos, em termos financeiros, pouco para oferecer, mas que poderíamos acolher muito bem os participantes, pois estávamos ávidos para receber especialistas em linguística africana.

O comitê ficou num impasse diante das duas propostas e decidiu realizar dois encontros, um em 2008, em São Paulo, que seria uma edição especial, e outro em 2009, em Colônia. Desde então venho trabalhando, com o grande apoio de colegas do departamento, para que nosso congresso seja bem sucedido. O tema do encontro, *Explorando a conexão de línguas africanas nas Américas*, focaliza plenamente as investigações que estamos desenvolvendo no departamento e dá oportunidade de abertura para os demais países da América, colocando nossa universidade como centro regional de pesquisas africanistas.

Espero que a realização do congresso venha coroar os esforços de tantos anos na luta pela implantação da área de linguística africana na USP e promova essa pesquisa no Brasil.

## 8. Atividades Administrativas

Ao longo de minha carreira universitária desempenhei várias funções administrativas. Mesmo não tendo um talento administrativo destacado, empenhei-me em fazer o melhor que pude, porque sinto que é meu dever colaborar com a gestão do departamento e da universidade. Relaciono, a seguir, as funções exercidas no departamento, na faculdade e em associações científicas.

1- No âmbito do departamento e da faculdade:

- de 09/06/1995 a 30/06/1997, fui vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Linguística. Foi um grande aprendizado trabalhar com o coordenador, professor José Luiz Fiorin. Na divisão de tarefas, fiquei com o setor financeiro. Na época, os programas eram responsáveis diretos pela administração dos recursos da CAPES e do CNPq. Embora fosse a parte menos acadêmica, aprendi como o dinheiro pode ser o grande estimulador da pesquisa. Acho que não cometi nenhum erro na contabilidade, porque até hoje não fomos chamados para prestar contas de mau uso de verbas públicas;

- de 24/8/1998 a 2/8/2000, fui vice-chefe de departamento, numa das gestões da professora Diana Luz Pessoa de Barros. Sinto que não fiz muito nessa atividade, porque não havia como dividir a tarefa da chefia e a Diana estava sempre presente e atuante;

- de 28/9/2001 a 27/9/2003, fui coordenadora do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Linguística. Foi a tarefa mais importante que desempenhei, no âmbito do departamento. Depois da reorganização da pós-graduação realizada pelo Fiorin, não havia grandes mudanças a fazer. Dei continuidade à rotina, com bastante empenho, porque não queria prejudicar nossa boa avaliação na CAPES. Cuidei dos prazos para defesa de teses e dissertações, das bolsas dos estudantes e colaborei para o sucesso dos encontros de alunos, o ENAPOL, uma das grandes conquistas do programa, criado pela professora Esmeralda Vailati Negrão. Implantei, com o auxílio de um orientando da professora Diana, Nilton Hernandes, o *site* do DL, que se tornou referência na Faculdade de Filosofia, Letras e

Ciências Humanas da USP e o Boletim do DL, impresso que deixou de ser reproduzido pelo custo, pela dificuldade de manutenção e por se ter verificado que a internet cumpria bem a função de informar. Os projetos do *site* e do boletim eram do doutorando e da professora Diana; minha tarefa foi oferecer as condições necessárias à implantação e ao funcionamento dos novos meios de informação do DL. A partir da instalação do *site*, criou-se o posto de monitor, estudante selecionado por concurso que é responsável pela alimentação e atualização do *site*;

- de março de 2001 a abril de 2005, fui representante do Programa de Lingüística na CPG – Comissão de Pós-Graduação – da FFLCH. Tinha a responsabilidade de comparecer às reuniões mensais, emitir pareceres sobre questões acadêmicas dos diferentes programas da faculdade e participar das discussões dos problemas da pós-graduação. A redação de pareceres tomava bastante tempo, mas a participação nas reuniões era bastante instrutiva e interessante. Como me dei bem nessa função, mesmo deixando a coordenação do programa, em 2003, aceitei continuar sua representante;

- de novembro de 2003 a novembro de 2005, fui vice-presidente da CPG, acumulando a função de representante do programa. Foi muito bom trabalhar com o presidente, professor Sérgio Adorno. Em algumas ocasiões tive o prazer de substituí-lo na condução das reuniões da CPG e na participação de reuniões na Pró-Reitoria de Pós-Graduação. Conheci, então, a Pró-Reitora de Pós-Graduação da USP, professora Suely Vilela, que é hoje a reitora da Universidade. Aprendi muito sobre o funcionamento da pós-graduação na USP, observando os problemas e as soluções encontradas em outras unidades;

- desde abril de 2007 sou vice-diretora do Centro de Estudos Africanos (CEA), um centro intradepartamental/intraunidade, cujo conselho é composto por um representante de cada um dos departamentos da FFLCH/USP. Pela primeira vez, desde sua criação, em 1965, o CEA tem na diretoria um docente de Letras. Comecei a atuar no Centro ministrando uma das aulas do curso de difusão cultural “Introdução aos estudos de África” que vem sendo oferecido, desde 2003, a todos os interessados, embora tenha como público-alvo os professores dos cursos fundamental e médio das redes pública e particular de ensino. Tenho

ministrado uma das catorze aulas que compõem o curso, abordando as línguas africanas, na aula “Unidade e diversidade lingüística” (189). Ainda estou observando o funcionamento do Centro e planejando o que fazer para integrar outros departamentos de Letras de forma mais efetiva.

2- No âmbito de associações científicas:

- de julho de 1996 a julho de 1998 fui vice-presidente da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Lingüística). Colaborei com o presidente, professor Eduardo Guimarães, na organização dos encontros. Não tive grandes problemas para resolver, porque o professor Eduardo assumiu inteiramente todas as funções administrativas e acadêmicas;

- de outubro de 2004 a outubro de 2008 sou presidente da ABECS - Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares. A ABECS foi fundada em 10 de outubro de 2001, na Universidade de Brasília, por iniciativa do professor Hildo Couto, durante a realização do Primeiro Encontro de Estudos Crioulos e Similares. Como se afirma no artigo 5º do estatuto, "o objetivo da ABECS é congregar os estudiosos de línguas crioulas e de pidgins bem como de situações semelhantes, tais como contato de línguas, morte de língua, coineização, línguas de sinais, aquisição de L1, aprendizagem de L2 e outras". Efetivamente, o que se tem feito é organizar um encontro por biênio. A Associação tem, também, um outro objetivo: dar apoio institucional à *Papia Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*. Em 2004 aceitei o convite para organizar o 3º Encontro da ABECS na USP. Com o apoio da CAPES e do CNPq trouxe para o evento três crioulistas estrangeiros: a professora Angela Bartens, da Universidade de Helsinque, e os professores Jean-Louis Rougé e Nicolas Quint, do LLACAN, que contribuiram para abrilhantar o evento, que teve muitos participantes de todo o Brasil, pesquisadores do contato de línguas, principalmente. Ao final do encontro, “tornei-me” presidente da Associação, porque essa vinha sendo a prática desde os colóquios anteriores: quem organizava o evento passava a ser presidente da ABECS no biênio seguinte. Em Goiânia, no 4º Encontro, realizado em 2006, na Universidade Federal de Goiás, resolveram deixar de lado o costume e prorrogaram meu mandato. No próximo encontro, a ser realizado em Florianópolis, em outubro deste ano, na

Universidade Federal de Santa Catarina, espero passar a presidência para o organizador, o professor Gilvan Müller.

Desempenhei também outras funções de menor responsabilidade, como as representações no conselho do departamento, na Comissão de Cultura e Extensão – de 16/10/2000 a 06/04/2003 – (123) e na biblioteca – de 1994 a 1999 (122). Não lamento o tempo oferecido para a instituição, porque sei que é um dever e porque tenho sempre aprendido, mas tenho de reconhecer que essas tarefas tomaram boa parte do meu tempo de pesquisa.

## 9. Publicações

Relaciono os trabalhos que publiquei, a maior parte deles já comentados ao longo do memorial.

### Organização de livros

NUNES, J. H. e PETTER, M. M. T. (orgs.). (2002). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo/Campinas: Humanitas/Pontes (254).

FIORIN, José Luiz e PETTER, Margarida (orgs.). (2008). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Contexto.(250).

### Capítulos de livros

PETTER, M. M. T. (1998). “Les communautés afro-brésiliennes isolées: le cas du Cafundó”. In: CARON: Bernard (org.). *Proceedings of the XVth International Congress of Linguistics 20-25 July 1997* . Amsterdã: Pergamon, Optmedia (CD-ROM). (ISBN 08-08-043-438X) (244).

PETTER, M. M. T. (1999). “A linguagem do Cafundó: crioulo ou anticrioulo?”. In: ZIMMERMAN, Klaus (org.). *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*. Frankfurt am Main: Vervuert; Madri: Iberoamericana, v. 1, p. 101-118 (246).

PETTER, M. M. T. (2001). “Africanismos no Português do Brasil”. In: ORLANDI, Eni P. (org.). *História das Idéias Lingüísticas: Construção do saber metalingüístico e constituição da Língua Nacional*, 1 ed.Campinas: Pontes, Cáceres: UNEMAT Editora, p. 223-234 (232).

PETTER, M. M. T. (2002). “Termos de origem africana no léxico do português do Brasil”. In: NUNES, J. H. e PETTER, M. M. T. (orgs.). *História do saber lexical e constituição*



- de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Pontes, p. 123-146 (234).
- PETTER, M. M. T. (2002). “Linguagem, língua, lingüística”. In: FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à lingüística: I. objetos teóricos*. 1 ed. São Paulo: Contexto, p. 11-24 (220).
- PETTER, M. M. T. (2003). “Morfologia”. In: FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à Lingüística: II- Princípios de análise*. 1 ed. São Paulo: Contexto, p. 59-79 (221).
- PETTER, M. M. T. (2003). “Langues africaines au Brésil: le cas des langues secrètes”. In: LEBIKAZA, Kézié Kyenzi (org.). *Actes du 3e. Congrès Mondial de Linguistique Africaine Lomé 2000*. Colônia: Rüdiger Köppe Verlag. (ISBN 978-3-89645-335-8).
- PETTER, M. M. T. (2004). “Contact des langues au Brésil: les langues africaines et le portugais brésilien”. In: AKINLABI, Akinbiyi e ADESOLA, Oluseye (orgs.). *Proceedings of the 4th World Congress of African Linguistics -New Brunswick 2003*, v.1.Colônia: Rüdiger Köppe Verlag, p. 234-245 (238).
- PETTER, M. M. T. (2006). “Línguas Africanas no Brasil”. In: CARDOSO, Suzana *et alii* (orgs.). *Quinhentos Anos de História Lingüística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, p. 117-142 (240).
- PETTER, M. M. T. (2007). “Revista Ilustrada: un document sur le langage des Noirs à la fin du XIXe siècle”. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de e GUIMARÃES, Eduardo (orgs.). *History of Linguistics 2002: selected papers from the Nineth International Conference on the History of the Language Sciences, 27-30 -08- 2002*. São Paulo, Campinas, Amsterdã: John Benjamins, v.110 , p. 87-92 (241).
- PETTER, M. M. T. e ALKMIM, Tania Maria (2008). “Palavras da África no Brasil de ontem e de hoje”. In: FIORIN, J. L. e PETTER, M. (orgs.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. v.1,1 ed. São Paulo: Contexto, p. 145-177 (250).

Textos em anais /revistas (resultado de participação em congressos)

PETTER, Margarida Maria Taddoni (1992). Léxicos especializados em línguas africanas. *Estudos Lingüísticos- XXI Anais de Seminários do GEL*, Jaú.v. 1: 1101-1108 (227).

PETTER, Margarida Maria Taddoni (1993). O texto da literatura oral negro-africana. *Estudos Lingüísticos XXII Anais de Seminários do GEL*. Ribeirão Preto, v.1, p. 313-320 (228).

PETTER, Margarida Maria Taddoni (1993). Perspectivas para o estudo de línguas africanas no Brasil. *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*, v. 1, p. 325-332 (230).

PETTER, Margarida Maria Taddoni (1994). Tradição oral, oralidade, memória e escrita. *Estudos Lingüísticos- XXIII Anais de Seminários do GEL*, São Paulo, v.1. p.135-142 (229).

PETTER, M. M. T. (1995). A contribuição das comunidades negras isoladas para a caracterização do português brasileiro. *Estudos Lingüísticos do GEL*, v. XXIV, p. 543 – 549 (242).

PETTER, M. M. T. (1996). Sobre a concordância verbal no Vale do Ribeira. *Atas do I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística*. Salvador: Universidade Federal da Bahia (252).

PETTER, M. M. T. (1998). A presença de línguas africanas no português do Brasil. *Estudos lingüísticos do GEL*, v. XXVII, p. 777-783 (236).

PETTER, M. M. T. (2000). Talvez sejam africanismos. *Estudos Lingüísticos do GEL*, v.XXIX, p. 713 – 718 (231).

- PETTER, M. M. T. (2001). Seriam traços de línguas africanas no português do Brasil. *Estudos Lingüísticos do GEL - Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo*, v.XXX, p.67 - 72.
- PETTER, M. M. T. (2002). Africanismos no dicionário Aurélio século XXI. *Estudos Lingüísticos do GEL*, v.XXXI, p. 76 – 81 (233).
- PETTER, M. M. T., HONÓRIO, M. A., FERREIRA, M., NUNES, J. H. (2002). A constituição do léxico nacional - problemas de línguas em contato. *Estudos Lingüísticos*, v. XXXI, p. 106 – 112 (233).
- PETTER, M. M. T. (2003). Palavras de origem africana nos dicionários Houaiss e Novo Aurélio. *Papia Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, Brasília: UnB, 13, p.107 – 114 (235).
- PETTER, M. M. T. (2003). A fala da comunidade do Cangume: alguns traços fonéticos específicos. *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística (ABRALIN)*, v. 2, p. 359 – 361 (224).
- PETTER, Margarida Maria Taddoni (2004). A negação em algumas línguas do grupo banto. *Estudos Lingüísticos- XXXIII Seminários do GEL*, Taubaté, p.268-273.

#### Artigos em periódicos

- PETTER, M. M. T. e CARENO. M.F. (1994). Observação sobre o uso da estrutura negativa. *Papia Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, 2 (3), p. 98 – 108 (243).
- PETTER, M. M. T. (1996). Resenha do livro *O crioulo português da Guiné-Bissau*. *Revista da ANPOLL*, 2, p.229-233 (248).

- PETTER, M. M. T. (1996). O lingüista e as políticas lingüísticas. *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*. Maceió: Imprensa Universitária, 19 (1): 175-185 (251).
- BONVINI, E., PETTER, M. M. T. (1998). Langues africaines et portugais du Brésil. *Langages*, 130, p. 68-83 (237).
- PETTER, M. M. T. (1998). Línguas especiais, línguas secretas: na África e no Brasil. *Revista da ANPOLL*, 4, p. 185 – 202 (245).
- PETTER, M. M. T. (2000). Resenha do livro 'Cafundó: a África no Brasil: língua e sociedade. VOGT, C & FRY, P. *Papia Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*. Brasília: UnB, 10, p. 100 – 103 (247).
- PETTER, M. M. T., ZANONI, D. (2005). Quilombos do Vale do Ribeira: variação e mudança na concordância de gênero e de número. *Papia Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*. Brasília: UnB, 15, p. 61-71 (225).
- PETTER, M. M. T. (2005). Línguas africanas no Brasil. *Gragoatá*, Niterói: EdUFF, v.19, p. 193 – 227 (239).

## 10. PARTICIPAÇÃO EM COMISSÕES JULGADORAS DE CONCURSOS E PROCESSOS SELETIVOS

### PARTICIPAÇÃO EM DE PROCESSO SELETIVO PARA CONTRATAÇÃO DE PROFESSOR DOUTOR

Candidatos: Sílvia Fernandes de Oliveira, Aldo Luiz Bizzocchi, Sonia Maria Lazzarini Cyrino, Jairo Galindo, Mirta Maria Groppi Asplanato de Varalla, Cláudio Luiz Nogueira Guimarães dos Santos e Wânia Milanez (108)

Nenhum candidato foi aprovado

Cargo - área: Professor Doutor – área de Descrição Lingüística

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter, Esmeralda Vailati Negrão, Maria Helena de Moura Neves, Maria Luiza Braga e Ingedore Villaça Koch

Data: 15, 16 e 17 de dezembro de 1997

Candidata: Ana Lúcia de Paula Muller (114)

Candidata aprovada: Ana Lúcia de Paula Muller

Cargo – área: Professor Doutor – área de Teoria Gramatical

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter, Esmeralda Vailati Negrão, Carlos Franchi, Maria Lúcia Pinheiro Lobato e Maria Helena de Moura Neves

Data: 23 a 25 de fevereiro de 2000

Candidatos: Evani de Carvalho Viotti, Valdir Heitor Barzotto e Luciana Raccanello Storto

Candidato aprovado: Evani de Carvalho Viotti (116)

Cargo – área: Professor Doutor – área de Lingüística Descritiva

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter, Ana Lúcia de Paula Muller, Lúcia Maria Pinheiro Lobato, Maria Helena de Moura Neves e Maria Bernadete Marques Abaurre

Data: 04 a 06 de junho de 2001

Candidatos: José Nicolau Gregorin Filho, Elizabete Aparecida Damasceno e Souza, Frantomé Bezerra Pacheco, Osvando José de Moraes, Eliane Camargo e Luciana Raccanello Storto (118)

Candidato aprovado: Luciana Raccanello Storto

Cargo – área: Professor Doutor – área de Lingüística Descritiva

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter, Evani de Carvalho Viotti Yone Leite, Maria Helena de Moura Neves e Margarida Basílio.

Data: 02 a 04 de dezembro de 2002

Candidatos: Marcos Araújo Bagno, Frantomé Bezerra Pacheco e Jairo Galindo (119)

Nenhum candidato foi aprovado

Cargo – área: Professor Doutor – área de Morfologia

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter, José Luiz Fiorin, Maria Helena de Moura Neves, Luiz Carlos de Assis Rocha e Maria Carlota Amaral Paixão Rosa.

Data: 24 a 26 de março de 2003

Candidato: Paulo Chagas de Souza (121)

Candidato aprovado: Paulo Chagas de Souza

Cargo – área: Professor Doutor – área de Fonologia

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter, Raquel Santana Santos, Leda Bisol, Gladis Massini-Cagliari e Gisela Collischonn

Data: 11 a 13 de maio de 2004

PARTICIPAÇÃO EM DE PROCESSO SELETIVO PARA CONTRATAÇÃO DE PROFESSOR  
ASSISTENTE

Candidatos: Paulo Chagas de Souza, Sebastião Elias Milani, Marcello Modesto dos Santos, Susan Klein Franchetti, Helena de Souza Britto e Ana Paula Scher (109)

Candidato selecionado: Ana Paula Scher

Cargo – área: Professor Assistente – área de Descrição Lingüística

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter, Ana Lúcia de Paula Muller, Maria Helena de Moura Neves, Leda Bisol e Lúcia Maria Pinheiro Lobato

Data: 31 de março, 01 e 02 de abril de 1998

Candidatos: Anna Christina Bentes da Silva, Edson Luiz de Oliveira, Ronald Beline Mendes, Sanderléia Roberta Longhin, Elza Sabino da Silva Bueno, Onaide Schwartz Correa de Mendonça, Claudia do Prado Maia Ricardo, Maria Célia Pereira Lima Hernandez, Ângela Maria Ribeiro França, Olga Ferreira Coelho e Maria das Graças de Alencar (112)

Candidato aprovado: Ronald Beline Mendes

Cargo – área: Professor Assistente – área de Sociolingüística

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter, José Luiz Fiorin, Maria Eugênia Lamoglia Duarte, Maria Helena de Moura Neves e Roberto Gomes Camacho

Data: 12, 13 e 14 de abril de 1999

Candidatos: Neide Hissae Nagae e Gracie Rie Okata (115)

Candidatos aprovados: Neide Hissae Nagae e Gracie Rie Okata

Cargo – área: Professor Assistente – área de Língua e Literatura Japonesa

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter, Tae Suzuki e Maria Augusta da Costa Vieira

Data: 23 e 24 de março de 2000

SELEÇÃO DE DOCENTE NA CATEGORIA PROFESSOR AUXILIAR DE ENSINO - CLARO  
TEMPORÁRIO

Candidatos: Érica Reviglio Illovitz, Flávia de Castro Alves, Nilton Hernandes, Luciano Novaes Vidon, Maria Viviane do A. V. C. Pinto e Paulo Rogério Stella (110)

Candidato aprovado: Paulo Rogério Stella

Cargo – área: Professor Assistente Temporário – área de Lingüística Geral

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter, Maria Aparecida Correia Torres de Moraes e Maria Valéria Aderson de Mello Vargas

Data: 30 de novembro a 01 de dezembro de 1998

Candidatas: Angélica de Oliveira, Olga Ferreira Coelho, Vera Lúcia Crevin Favarati (111)

Candidata aprovada: Olga Ferreira Coelho

Cargo – área: Professor Assistente Temporário – área de Lingüística Geral

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter, Maria Aparecida Correia Torres de Moraes e Maria Valéria Aderson de Mello Vargas

Data: 1º de dezembro de 1998

Candidatos: Antonio Vicente Seraphim Pietroforte e Olga Ferreira Coelho (113)

Candidato aprovado: Antonio Vicente Seraphim Pietroforte

Cargo – área: Professor Assistente Temporário – área de Lingüística Geral

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter, Maria Valéria Aderson de Mello Vargas e Maria Aparecida Corrêa Torres de Moraes

Data: 01 e 02 de fevereiro de 2000

Candidatos: Wilma Terezinha Liberato Gerab, Sheila Hallai, Eugênio Pagotti, Caio Alexandre Bezarias, Lúcia Helena Ferreira Mariana Estevam e Claudia Damião Lopes de Almeida Silveira (117)

Candidato aprovado: Wilma Terezinha Liberato Gerab

Cargo – área: Professor Auxiliar de Ensino – área de Filologia e Língua Portuguesa



Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter, Maria Adélia Ferreira Mauro e Marli Quadros Leite

Data: 23 e 24 de outubro de 2002

Candidata: Cibele Naidhig de Souza Carrascossi (120)

Candidata aprovada: Cibele Naidhig de Souza Carrascossi

Cargo – área: Professor Auxiliar de Ensino – área de Filologia e Língua Portuguesa

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter, Maria Adélia Ferreira Mauro e Maria Lúcia da Cunha Victorio de Oliveira Andrade

Data: 21 a 23 de outubro de 2003

## 11. PARTICIPAÇÃO EM BANCAS EXAMINADORAS

### EXAMES DE QUALIFICAÇÃO DE MESTRADO

Candidato: Luiz Carlos dos Santos (01)

Orientador: Prof. Dr. Fábio Rubens da Rocha Leite

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Fernando Augusto Albuquerque Mourão

Data: 16 de setembro de 1992

Candidato: Sikiru Salami (02)

Orientador: Prof. Dr. Fábio Rubens da Rocha Leite

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Liana Maria Sálvia Trindade

Data: 29 de setembro de 1992

Candidato: Adélia Maria Mariano da Silva (03)

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Fiorin

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Helena Hatsue Nagamine Brandão

Data: 28 de junho de 1993

Candidato: Bamba Mahomed (04)

Orientador: Prof. Dr. Izidoro Blikstein

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Hudinilson Urbano

Data: 14 de dezembro de 1995

Candidato: Evane Belguelman Kramer (05)

Orientador: Prof. Dr. Izidoro Blikstein

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Nancy Rozenchan

Data: 21 de março de 1996

Candidato: Olga Ferreira Coelho (06)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cristina Fernandes Salles Altman

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Ângela Cecília de Souza Rodrigues

Data: 13 de dezembro de 1996

Candidato: Luciana Gimenes Parada dos Santos (07)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cristina Fernandes Salles Altman

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Waldemar Ferreira Netto

Data: 18 de junho de 1997

Candidato: Lígia Maria Campos Imaguire (08)

Orientador: Prof. Dr. Edgard José Casaes

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Irenilde Pereira dos Santos

Data: 15 de outubro de 1997

Candidato: Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti (09)

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Fiorin

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Waldemar Ferreira Netto

Data: 20 de outubro de 1997

Candidato: José Roberto de Andrade (10)

Orientador: Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Erasmo D'Almeida Magalhães

Data: 02 de junho de 1998

Candidato: Ângela Maria Ribeiro França (11)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cristina Fernandes Salles Altman

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Carlos Alberto da Fonseca

Data: 17 de junho de 1998

Candidato: Flávia de Castro Alves (12)

Orientador: Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Angel Corbera Mori

Data: 21 de agosto de 1998

Candidato: Margareti Hitomi Nacamura Menezes (13)

Orientador: Profª Drª Waldemar Ferreira Netto

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Neide Therezinha Maia González

Data: 25 de agosto de 1998

Candidato: Ana Stela de Almeida Cunha (14)

Orientador: Profª Drª Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. José Luiz Fiorin e Izidoro Blikstein

Data: 06 de outubro de 1998

Candidato: Rosane Muñoz de Sá (15)

Orientador: Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Marymarcia Guedes

Data: 21 de maio de 1999

Candidato: Elizabete Umbelino de Barros (16)

Orientador: Profª Drª Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Fábio Rubens da Rocha Leite e Waldemar Ferreira Netto

Data: 29 de junho de 1999

Candidato: Renné Panduro Alegria (17)

Orientador: Profª Drª Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Irenilde Pereira dos Santos e Waldemar Ferreira Netto

Data: 17 de agosto de 1999

Candidato: Antonio Carlos Santana de Souza (18)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Waldemar Ferreira Netto e Maria Aparecida Correa Ribeiro Torres Morais

Data: 19 de novembro de 1999

Candidato: José Dalvo Santiago da Cruz (19)

Orientador: Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data: 20 de dezembro de 1999

Candidato: Renato Gomes de Carvalho (20)

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Fiorin

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Francisco Roberto Savioli

Data: 21 de fevereiro de 2000

Candidato: Erani Stutz do Valle Adamo (21)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cristina Fernandes Salles Altman

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e José Luiz Fiorin

Data: 25 de abril de 2000

Candidato: Vânia Érika Parada da Silva (22)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cristina Fernandes Salles Altman

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Eduardo de Almeida Navarro

Data: 22 de maio de 2000

Candidato: Silvia Margarete Cunha Souza (23)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Emílio Bonvini e Waldemar Ferreira Netto

Data: 14 de setembro de 2000

Candidato: Sidnei Barreto Nogueira (24)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Paulo Chagas de Souza e Waldemar Ferreira Netto

Data: 30 de outubro de 2000

Candidato: Lílian Abran dos Santos (25)

Orientador: Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Paulo Chagas de Souza

Data: 23 de agosto de 2001

Candidato: Shirlei Lica Ichisato Hashimoto (26)

Orientador: Profa. Dra. Tae Suzuki

Examinadores: Margarida Maria Taddoni Petter e Maria Adélia de Mauro

Data: 13 de fevereiro de 2003

Candidato: Jacqueline Moreira (27)

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Fiorin

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Marcos Fernando Lopes

Data: 17 de outubro de 2003

Candidato: Assouan Lea Honorine Wadja (28)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Neide Therezinha Maia González e Maria Aparecida Torres  
Morais

Data: 01 de dezembro de 2003

Candidato: Deize Crespim Pereira (29)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angela Rodrigues

Examinadores: Maria Aparecida Torres de Moraes e Margarida Maria Taddoni Petter

Data: 14 de abril de 2004

Candidato: Bruno Okoudowa (30)

Orientador: Profª Drª Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Raquel Santana Santos e Didier Sheila Jean-Marie Demolin

Data: 25 de maio de 2004

Candidato: Francisco da Silva Xavier (31)

Orientador: Profª Drª Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Paulo Chagas de Souza e Waldemar Ferreira Netto

Data: 30 de agosto de 2004

Candidato: Dayane Cristina Pal (32)

Orientador: Profª Drª Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Ana Paula Scher e Maria Aparecida Correia Ribeiro Torres  
Morais

Data: 08 de dezembro de 2004

Candidato: Alexandre Marcelo Bueno (33)

Orientador: Profª Drª Diana Luz Pessoa de Barros

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Marli Quadros Leite

Data: 29 de setembro de 2005

Candidato: Juliana França Macek (34)

Orientador: Profª Drª Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Ronald Beline Mendes e Tânia Maria Alkmim

Data: 08 de dezembro de 2006

Candidato: Cristiane Benjamim Santos (35)

Orientador: Profª Drª Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Esmeralda Vailati Negrão e Maria Aparecida Correia Ribeiro  
Torres Morais

Data: 14 de dezembro de 2006

Candidato: Anatórcia Parenti Batista da Torre (36)

Orientador: Prof. Dr. José Gaston Hilgert

Examinadores: Profs. Drs. Diana Luz Pessoa de Barros e Margarida Maria Taddoni Petter

Data: 11 de abril de 2007



## Exames de QUALIFICAÇÃO DE DOUTORADO

Candidato: Antonio Francisco de Almeida Maciel (37)

Orientador: Prof. Dr. Antônio Suárez Abreu

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Maria Cristina Fernandes Salles Altman

Data: 20 de setembro de 1993

Candidato: Gesuina Domenica Ferretti (38)

Orientador: Prof. Dr. Izidoro Blikstein

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Maria Valéria Aderson de Mello Vargas

Data: 12 de junho de 1995

Candidato: Renata Maria Facuri Coelho Marchezan (39)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diana Luz Pessoa de Barros

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e José Luiz Fiorin

Data: 23 de junho de 1995

Candidato: Mariângela Lopes Bitar (40)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lélia Erbolato Melo

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Sheila Maria Leão Braga

Data: 24 de novembro de 1995

Candidato: Waldemar Álvaro Di Giacomo (41)

Orientador: Prof. Dr. Izidoro Blikstein

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Sérgio Bairon Sant'Anna

Data: 18 de abril de 1997

Candidato: Regina Helena Pires de Brito (42)

Orientador: Prof. Dr. Antônio Suárez Abreu

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Lélia Erbolato Melo

Data: 27 de outubro de 1997

Candidato: Sikiru Salami (43)

Orientador: Prof. Dr. Fábio Rubens da Rocha Leite

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Fernando Augusto de Albuquerque Mourão

Data: 02 de março de 1998

Candidato: Elmo José dos Santos (44)

Orientador: Prof. Dr. Izidoro Blikstein

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Maria Adélia Ferreira Mauro

Data: 03 de julho de 1998

Candidato: Tougbo Koffi (45)

Orientador: Prof. Dr. Izidoro Blikstein

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e José Luiz Fiorin

Data: 10 de fevereiro de 1999

Candidato: Márcia Santos Duarte de Oliveira (46)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Esmeralda Vailati Negrão

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Jairo Morais Nunes

Data: 04 de abril de 2002

Candidato: Ana Stela de Almeida Cunha (47)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Esmeralda Vailati Negrão e Waldemar Ferreira Netto

Data: 13 de junho de 2002

Candidato: Erani Stutz do Valle Adamo (48)

Orientador: Profª Drª Maria Cristina Fernandes Salles Altman

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Ângela Cecília de Souza Rodrigues

Data: 21 de junho de 2002

Candidato: Beatriz Protti Christino (49)

Orientador: Profª Drª Maria Cristina Fernandes Salles Altman

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Angel Corbera Mori

Data: 23 de setembro de 2004

Candidato: Vanda Bartalini Baruffaldi (50)

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Fiorin

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Norma Discini de Campos

Data: 14 de janeiro de 2005

Candidato: Ronald Beline Mendes (51)

Orientador: Profª Drª Maria Luiza Braga

Examinadores: Profs. Drs. Rodolfo Ilari e Margarida Maria Taddoni Petter

Data: 19 de fevereiro de 2005

Candidato: Rogério Vicente Ferreira (52)

Orientador: Prof. Dr. Angel Corbera

Examinadores: Profs. Drs. Waldemar Ferreira Netto e Margarida Maria Taddoni Petter

Data: 15 de abril de 2005

Candidato: Elizabete Umbelino de Barros (53)

Orientador: Profª Drª Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Marli Quadros Leite e Waldemar Ferreira Netto

Data: 30 de maio de 2005

Candidato: Cleonice Candida Gomes (54)

Orientador: Profª Drª Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Esmeralda Vailati Negrão e Ana Paula Scher

Data: 26 de junho de 2006

Candidato: Antonio Carlos Santana de Souza (55)

Orientador: Profª Drª Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Evani de Carvalho Viotti e Waldemar Ferreira Netto

Data: 14 de dezembro de 2006

Candidato: Sidnei Barreto Nogueira (56)

Orientador: Profª Drª Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Beatriz Raposo de Medeiros e Didier Sheila Jean-Marie Demolin

Data: 18 de dezembro de 2006

Candidato: César Costa Vitorino (57)

Orientadora: Profª Drª Tania Maria Alkmim

Examinadores: Profs. Drs. Sírio Possenti e Margarida Maria Taddoni Petter

Data: 19 de dezembro de 2007

## DEFESAS DE MESTRADO

Candidato: Sikiru Salami (58)

Orientador: Prof. Dr. Fábio Rubens da Rocha Leite

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Fernando Augusto Albuquerque Mourão

Data: 13 de abril de 1993

Candidato: Adélia Maria Mariano da Silva (59)

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Fiorin

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Arnaldo Cortina

Data: 04 de maio de 1995

Candidato: Raquel Szafir (60)

Orientador: Prof. Dr. Izidoro Blikstein

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Jaffa Rifka Berezin

Data: 03 de maio de 1996

Candidato: Komoe Gaston Yao (61)

Orientador: Prof. Dr. Fábio Rubens da Rocha Leite

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Liana Maria Sálvia Trindade

Data: 21 de março de 1997

Candidato: Guaciara Marques (62)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Liana Maria Sálvia Trindade

Data: 14 de maio de 1997

Candidato: Marcelo Módolo (63)

Orientador: Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Heitor Megale

Data: 02 de setembro de 1998

Candidato: Olga Ferreira Coelho (64)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cristina Fernandes Salles Altman

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Ângela Cecília de Souza Rodrigues

Data: 23 de setembro de 1998

Candidato: Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti (65)

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Fiorin

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Marina Evaristo Wenceslau

Data: 28 de outubro de 1998

Candidato: Ana Stela de Almeida Cunha (66)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Izidoro Blikstein e Ângela Cecília de Souza Rodrigues

Data: 09 de junho de 1999

Candidato: Rosane Muñoz de Sá (67)

Orientador: Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Angel Corbera Mori

Data: 15 de fevereiro de 2000

Candidato: Renné Panduro Alegria (68)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Irenilde Pereira dos Santos e Fábio Rubens da Rocha Leite

Data: 03 de maio de 2000

Candidato: João Batista Simon Ciaco (69)

Orientador: Prof. Dr. Izidoro Blikstein

Examinadores: Margarida Maria Taddoni Petter e Mário Aquino Alves

Data: 31 de agosto de 2000

Candidato: Antonio Carlos Santana de Souza (70)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Maria Aparecida Correa Rodrigues Torres Morais e Waldemar Ferreira Netto

Data: 24 de outubro de 2000

Candidato: Renato Gomes de Carvalho (71)

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Fiorin

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Francisco Roberto Savioli

Data: 31 de outubro de 2000

Candidato: Anay Oliveira dos Anjos (72)

Orientador: Prof. Dr. Izidoro Blikstein

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Valentim Aparecido Facioli

Data: 06 de novembro de 2000

Candidato: Elizabete Umbelino de Barros (73)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Waldemar Ferreira Netto e José Reginaldo Prandi

Data: 07 de março de 2001

Candidato: Sidnei Barreto Nogueira (74)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Kabengele Munanga e Waldemar Ferreira Netto

Data: 31 de maio de 2001

Candidato: Mônica Bomfim de Arruda (75)

Orientador: Prof. Dr. Izidoro Blikstein

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Mário Aquino Alves

Data: 28 de junho de 2001

Candidato: Maria de Lourdes Lima (76)

Orientador: Profª Drª Maria Aparecida Correia R. Torres Moraes

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Ângela Cecília de Souza Rodrigues

Data: 25 de abril de 2003

Candidato: Shirlei Lica Ichisato Hashimoto (77)

Orientador: Profª Drª Junko Ota

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter e Elza Taeko Doi

Data: 20 de agosto de 2004

Candidato: Assouan Lea Honorine Wdaja (78)

Orientador: Profª Drª Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Tânia Maria Alkmim e Neide Therezinha Maia Gonzalez

Data: 22 de outubro de 2004

Candidato: Francisco da Silva Xavier (79)

Orientador: Profª Drª Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Paulo Chagas de Souza e Angel Humberto Corbera Mori

Data: 16 de setembro de 2005

Candidato: Bruno Okoudowa (80)

Orientador: Profª Drª Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Didier Sheila Jean-Marie Demolin e Angel Humberto Corbera Mori

Data: 16 de setembro de 2005



Candidato: Dayane Cristina Pal (81)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Ana Paula Scher e Olga Ferreira Coelho

Data: 15 de dezembro de 2005

Candidato: Rafael Ferreira Coelho (82)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Maria Luiza Braga e Ronald Beline Mendes

Data: 01 de novembro de 2006

Candidato: Cristiane Benjamim Santos (83)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Tânia Maria Alkmim e Maria Aparecida Correa Ribeiro Torres  
Morais

Data: 07 de agosto de 2007

Candidato: Juliana França Macek (84)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Profs. Drs. Tânia Maria Alkmim e Ronald Beline Mendes

Data: 29 de agosto de 2007

## DEFESAS DE TESE

Candidato: Silvio Vieira de Andrade Filho (86)

Orientador: Prof. Dr. Izidoro Blikstein

Examinadores: Margarida Maria Taddoni Petter, Fábio Rubens da Rocha Leite, Ignácio Assis Silva e Alceu Dias Lima

Data: 09 de dezembro de 1993.

Candidato: Jarbas Vargas Nascimento (87)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Leonor Lopes Fávero

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter, José Luiz Fiorin, Anna Maria Marques Cintra e Ângela Vaz leão

Data: 16 de dezembro de 1994

Candidato: Ana Szpiczkowski (88)

Orientador: Prof. Dr. Izidoro Blikstein

Examinadores: Margarida Maria Taddoni Petter, Jaffa Rifka Berezin, John Robert Schmitz e Fernando José de Almeida

Data: 26 de novembro de 1996

Candidato: Renata Maria Facuri Coelho Marchezan (89)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diana Luz Pessoa de Barros

Examinadores: Margarida Maria Taddoni Petter, Luiz Augusto de Moraes Tatit, Edna Maria F. S. Nascimento e Arnaldo Cortina

Data: 28 de abril de 1997

Candidato: Waldemar Álvaro Di Giacomo (90)

Orientador: Prof. Dr. Izidoro Blikstein

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter, Lídia Masumi Fukasawa Sérgio Bairon Sant'Anna e Guilherme R. Ruben

Data: 25 de junho de 1997

Candidato: Denise Dias Barros (91)

Orientador: Prof. Dr. Fábio Rubens da Rocha Leite

Examinadores: Margarida Maria Taddoni Petter, Liana Maria Sálvia Trindade, Paulo Duarte de Carvalho Amarante e Edgard de Assis Carvalho

Data: 09 de março de 1999

Candidato: José Marcelo Freitas de Luna (92)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Irenilde Pereira dos Santos

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter, Osmar de Souza, Maria Mercedes Saraiva Hackerott e Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos

Data: 06 de abril de 1999

Candidato: Sikiru Salami (93)

Orientador: Prof. Dr. Fábio Rubens da Rocha Leite

Examinadores: Margarida Maria Taddoni Petter, Fernando Mourão, Liana Trindade, Dilma de Melo Silva

Data: 18 de outubro de 1999

Candidato: Elmo José dos Santos (94)

Orientador: Prof. Dr. Izidoro Blikstein

Examinadores: Margarida Maria Taddoni Petter, Maria Cristina Fernandes Salles Altman, John Robert Schmitz e João Francisco Régis de Moraes

Data: 29 de outubro de 2001

Candidato: Ana Clotilde Thomé Willians (95)

Orientador: Prof. Dr. Izidoro Blikstein

Examinadores: Margarida Maria Taddoni Petter, Alceu Dias Lima e Hudinilson Urbano.

Data: 04 de julho de 2002

Candidato: Adriana Vieira Salinas (96)

Orientador: Izidoro Blikstein

Examinadores: Margarida Maria Taddoni Petter, José Luiz Fiorin, Mário Aquino Alves e Thomas Wood Júnior

Data: 20 de outubro de 2003

Candidato: Olga Ferreira Coelho (97)

Orientador: Profª Drª Maria Cristina Fernandes Salles Altman

Examinadores: Margarida Maria Taddoni Petter, Francisco da Silva Borba, Evanildo Cavalcante Bechara e Maurício Pedro da Silva

Data: 29 de outubro de 2003

Candidato: Ana Stela de Almeida Cunha (98)

Orientador: Profª Drª Margarida Maria Taddoni Petter

Examinadores: Prof. Drs. Izidoro Blikstein, Waldemar Ferreira Netto, Tânia Maria Alkmim e Maria Luiza Braga

Data: 24 de novembro de 2003

Candidato: Maria Cristina Vignoli Elias (99)

Orientador: Prof. Dr. Izidoro Blikstein

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter, Maria Adélia Ferreira Mauro, John Robert Schmitz e Mário Aquino Alves

Data: 29 de abril de 2004

Candidato: Márcia Santos Duarte de Oliveira (100)

Orientador: Profª Drª Esmeralda Vailati Negrão

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter, Paulo Chagas de Souza, Carlos Mioto e Jairo Morais Nunes

Data: 07 de maio de 2004

Candidato: Rosane de Sá Amado (101)

Orientador: Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter, Erasmo D'Almeida Magalhães, Ludoviko Carnasciali dos Santos e Lucy Seki

Data: 26 de outubro de 2004

Candidato: Ronald Beline Mendes (102)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luiza Braga

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter, Rodolfo Ilari, Gregory Riordan Guy, Luiz Carlos Travaglia

Data: 28 de fevereiro de 2005

Candidato: Rogério Vicente Ferreira (103)

Orientador: Prof. Dr. Angel Corbera Mori

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter, Luci Seki, Critina Martins Fargetti, David William Fleck

Data: 12 de agosto de 2005

Candidato: Vanda Bartalini Baruffaldi (104)

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Fiorin

Examinadores: Margarida Maria Taddoni Petter, Norma Discini de Campos, John Robert Schmitz e José Gaston Hilgert

Data: 21 de setembro de 2006

Candidato: Maria Aparecida Curupaná da Rocha Mello (105)

Orientador: Prof. Dr. Hildo Honório de Couto

Examinadores: Margarida Maria Taddoni Petter, José Olympio, Norma Lopes, Daniele Grannier

Data: 12 de dezembro de 2006

Candidato: Djiby Mane (106)

Orientador: Hildo Honório de Couto

Examinadores: Margarida Maria Taddoni Petter, José Olympio, Marta Scherre, Norma Lopes

Data: 13 de dezembro de 2006

Candidato: José Leonildo Lima (107)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tânia Maria Alkmim

Examinadores: Profs. Drs. Margarida Maria Taddoni Petter, Maria Clara Paixão de Sousa, Maria Laura Trindade Mayrink-Sabinson e Manoel Mourivaldo Santiago Almeida

Data: 23 de fevereiro de 2007

## 12. PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS CIENTÍFICOS

Evento: *XXXIX Seminário de Lingüística do GEL* (124)

Local: UNIFRAN – Franca, SP

Data: 07 e 08 de junho de 1991

Trabalho apresentado: “Léxicos especializados em línguas africanas”

Evento: *XL Seminário de Lingüística do GEL* (125)

Local: Fundação Educacional Dr. Raul Bauab – Jaú, SP.

Data: 04 a 06 de junho de 1992

Trabalho apresentado: no Grupo de Trabalho: “Descrição e documentação de línguas de tradição oral”

Evento: *44ª Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC* (126)

Local: São Paulo

Data: 12 a 17 de julho de 1992

Trabalho apresentado: “Perspectivas para o estudo de línguas africanas no Brasil”, na mesa-redonda “Da África para o Brasil: línguas e tradição oral”

Evento: *XLI Seminário de Lingüística do GEL* (127)

Local: Instituição Moura Lacerda, Ribeirão Preto, SP.

Data: 20, 21 e 22 de maio de 1993

Trabalho apresentado: no Grupo de Trabalho: “Descrição e documentação de línguas de tradição oral”

Evento: *I Encontro de Centros de Estudos Portugueses do Brasil* (128)

Local: Centro de Estudos Portugueses – FFLCH/USP

Data: 27 a 30 de setembro de 1993

Trabalho apresentado: “Línguas africanas na África e no Brasil”, na Mesa Redonda: Pontos para uma revisão do diálogo luso-afro-brasileiro

Evento: *XLII Seminário do GEL* (129)

Local: Universidade de São Paulo

Data: 21 de maio de 1994

Trabalho apresentado: coordenação de sessão de comunicação oral

Evento: *XLII Seminário do GEL* (130)

Local: Universidade de São Paulo

Data: 21 de maio de 1994

Trabalho apresentado: “A contribuição das comunidades negras isoladas para a caracterização do português brasileiro”

Evento: *Colóquio sobre crioulos de base portuguesa e espanhola* (131)

Local: Universidade de Brasília

Data: 03 a 06 de setembro de 1994

Trabalho apresentado: “Observações sobre o uso da estrutura negativa”

Evento: *I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística* (132)

Local: Universidade Federal da Bahia - Salvador

Data: 11 a 16 de setembro de 1994

Trabalho apresentado: “Sobre a concordância verbal no Vale do Ribeira”

Evento: *I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística* (133)

Local: Universidade Federal da Bahia - Salvador

Data: 11 a 16 de setembro de 1994

Trabalho apresentado: coordenação da mesa-redonda “A linguagem das comunidades indígenas e afro-brasileiras rurais: pontos para reflexão”

Evento: *XLIII Seminário do GEL* (134)

Local: Universidade de Ribeirão Preto – São Paulo

Data: 25 a 27 de maio de 1995

Trabalho apresentado: Comunicação: A linguagem do Cafundó

Evento: *XLIII Seminário do GELi* (134)



Local: Universidade de Ribeirão Preto – São Paulo

Data: 25 a 27 de maio de 1995

Trabalho apresentado: Coordenação da Sessão de Comunicação: Estudos de língua oral: trabalhos de Iniciação Científica – USP

Evento: *XLIII Seminário do GEL* (135)

Local: Universidade de Ribeirão Preto – São Paulo

Data: 25 a 27 de maio de 1995

Trabalho apresentado: Comunicação: O adjetivo em línguas negro-africanas

Evento: *XLIV Seminário do GEL* (136)

Local: Universidade de Taubaté – São Paulo

Data: 23 a 25 de maio de 1996

Trabalho apresentado: Coordenação da Sessão de Comunicação: Estudos de língua oral: trabalhos de Iniciação Científica – USP

Evento: *48ª Reunião Anual da SBPC* (137)

Local: PUC – São Paulo

Data: 07 a 12 de julho de 1996

Trabalho apresentado: O lingüista e as políticas lingüísticas

Evento: *XI Congresso Internacional da Asociación de Lingüística y filología de la América Latina* (138)

Local: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria – Las Palmas, Espanha

Data: 22 a 27 de julho de 1996

Trabalho apresentado: A concordância em gênero no dialeto rural da comunidade do Cafundó

Evento: *2º Colóquio Internacional sobre Lenguas Criollas de base Española y Portuguesa* (139)

Local: Ibero-Amerikanisches Institut – Berlin, Alemanha

Data: 07 a 11 de outubro de 1996

Trabalho apresentado: A linguagem do Cafundó: crioulo ou anti-crioulo?

Evento: *I Seminário para História do Português Brasileiro* (140)

Local: FFLCH-USP

Data: 16 a 18 de abril de 1997

Trabalho apresentado: debatedora do texto “História Social do Português do Brasil”

Evento: *XLV Seminário do GEL* (141)

Local: UNICAMP

Data: 22 a 24 de maio de 1997

Trabalho apresentado: “A presença de línguas africanas no português do Brasil”

Evento: *XII Encontro Nacional da ANPOLL* (142)

Local: IEL-UNICAMP

Data: 28 a 30 de maio de 1997

Evento: *XVIème Congrès International des Linguistes* (143)

Local: LLACAN – CNRS, Paris

Data: 20 a 25 de julho de 1997

Trabalho apresentado: “Les communautés afro-brésiliennes isolées: le cas du Cafundó”

Evento: *I Encontro Internacional do Projeto História das Idéias Lingüísticas* (144)

Local: IEL-UNICAMP

Data: 06 e 07 de novembro de 1997

Evento: *II Seminário para a História do Português Brasileiro* (145)

Local: Campos do Jordão – São Paulo

Data: 10 a 16 de maio de 1998

Trabalho apresentado: A variedade lingüística de negros e escravos “um tópico da História do Português no Brasil”

Evento: *XLVI Seminário do GEL* (146)

Local: Instituto de Biociência, Letras e Ciências Exatas da UNESP

Data: 25 a 27 de junho de 1998

Trabalho apresentado: Coordenadora da Comunicação Coordenada: “Línguas africanas e português do Brasil”

Evento: *Encontro do Projeto História das Idéias Lingüísticas no Brasil* (147)

Local: FFLCH-USP

Data: 23 e 24 de novembro de 1998

Evento: *II Congresso Nacional da ABRALIN* (148)

Local: UFSC – Santa Catarina

Data: 25 a 27 de fevereiro de 1999

Trabalho apresentado: “Africanismos no português do Brasil”

Evento: *XLVII Seminário do GEL* (149)

Local: Universidade do Sagrado Coração

Data: 27 a 29 de maio de 1999

Trabalho apresentado: “Talvez sejam africanismos...”

Evento: *XLVIII Seminário do GEL* (150)

Local: UNESP – Assis

Data: 18 a 21 de maio de 2000

Trabalho apresentado: “Seriam traços de Línguas Africanas no Português do Brasil”

Evento: *XV Encontro Nacional da ANPOLL* (151)

Local: Universidade Federal Fluminense – Niterói, RJ

Data: 04 a 07 de junho de 2000

Trabalho apresentado: “Estudos sobre o multilingüismo brasileiro: conquistas e perspectivas”

Evento: *3º Congresso Mundial de Lingüística Africana* (152)

Local: Université du Benin - Lomé (Togo)

Data: 21 a 26 de outubro de 2000

Trabalho apresentado: *Langues Africaines au Brésil: le cas des langues secrètes*

Evento: *II Congresso Internacional da ABRALIN* (153)

Local: Universidade Federal do Ceará

Data: 14 a 16 de março de 2001

Trabalho apresentado: “A fala da comunidade do Cangume: alguns traços fonéticos específicos”

Evento: *XLIX Seminário do GEL* (154)

Local: Fundação Eurípedes da Rocha – Marília, SP

Data: 24 a 26 de maio de 2001

Trabalho apresentado: Coordenadora e Expositora do GT: A constituição do léxico nacional – problemas de línguas em contato

Evento: *XLIX Seminário do GEL* (155)

Local: Fundação Eurípedes da Rocha – Marília, SP

Data: 24 a 26 de maio de 2001

Trabalho apresentado: Coordenadora da Sessão de Comunicação Coordenada: “Registro e documentação de Línguas Africanas no Brasil”

Evento: *XLIX Seminário do GEL* (156)

Local: Fundação Eurípedes da Rocha – Marília, SP

Data: 24 a 26 de maio de 2001

Trabalho apresentado: “Africanismos no Dicionário Aurélio Século XXI”

Evento: *50º Seminário do GEL* (157)

Local: FFLCH-USP

Data: 23 a 25 de maio de 2002

Trabalho apresentado: A constituição de um léxico brasileiro: diferentes abordagens

Evento: *50º Seminário do GEL* (158)

Local: FFLCH-USP

Data: 23 a 25 de maio de 2002

Trabalho apresentado: A integração de termos originários da África Ocidental no português do Brasil

Evento: *XVII Encontro Nacional da ANPOLL* (159)

Local: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Data: 24 a 28 de junho de 2002

Evento: *9th International Conference on the History of Language Sciences* (160)

Local: USP / IEL-UNICAMP

Data: 27 a 30 de agosto de 2002

Trabalho apresentado: “A revista ilustrada como documento da linguagem do negro no final do século XIX”

Evento: *II Encontro da Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares* (161)

Local: Universidade Federal de Minas Gerais

Data: 03 a 05 de outubro de 2002

Trabalho apresentado: “Palavras de origem africana nos dicionários Houaiss e Aurélio século XXI”

Evento: *III Congresso Internacional da ABRALIN* (162)

Local: Universidade Federal do Rio de Janeiro

Data: 13 a 15 de março de 2003

Trabalho apresentado: “A representação da variação lingüística em jornais ilustrados do século XIX”

Evento: *51º Seminário do GEL* (163)

Local: Universidade de Taubaté

Data: 22 a 24 de maio de 2003

Trabalho apresentado: “A negação em algumas línguas do grupo banto”

Evento: *III Encontro da Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares* (164)

Local: FFLCH-USP

Data: 13 a 15 de outubro de 2004

Trabalho apresentado: “Quilombos do Vale do Ribeira: variação e mudança na concordância de gênero e número”

Evento: *Intolerância e Solidariedade no Mundo Contemporâneo* (165)

Local: FFLCH-USP

Data: 28 de outubro de 2004

Trabalho apresentado: Moderadora da Mesa Redonda: “Tolerância ao Intolerável”

Evento: *53º Seminário do GEL* (166)

Local: Universidade Federal de São Carlos

Data: 28 a 30 de julho de 2005

Trabalho apresentado: “*Relatione del Reame di Congo*: fonte para o estudo do contato do português com línguas do grupo banto”

Evento: *Seminário do Laboratório de Estudos da Intolerância – Fronteira da Intolerância* (167)

Local: FFLCH-USP – São Paulo

Data: 24 de setembro de 2005

Trabalho apresentado: “Abordagens sobre a Intolerância”

Evento: *1º Colóquio do Projeto CAPES-COFECUB: “A participação das Línguas Africanas na Constituição do Português Brasileiro”* (168)

Local: FFLCH-USP – São Paulo

Data: 06 de outubro de 2005

Trabalho apresentado: “O léxico de origem africana no Português Brasileiro: evidência de contato lingüístico”

Evento: *11º Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa e 2º Congresso Internacional de Lusofonia do IP* (169)

Local: PUC-SP

Data: 27 a 29 de abril de 2006

Trabalho apresentado: “Línguas rituais de origem africana: marca de identidade e foco de resistência”, na mesa-redonda “Intolerância lingüística: algumas questões”

Evento: *5th World Congress of African Linguistics* (170)

Local: Addis Ababa University – Adis-Abeba, Etiópia

Data: 07 a 11 de agosto de 2006

Trabalho apresentado: ‘Les idéophones en dioula d’ Abidjan’

Evento: *IV Encontro da Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares – ABECS* (171)

Local: Universidade Federal de Goiás

Data: 18 a 20 de outubro de 2006

Trabalho apresentado: “Uma hipótese explicativa do contato entre o português e as línguas africanas”

Evento: *Colóquio: Caminhos da Língua Portuguesa: África – Brasil* (172)

Local: UNICAMP – Campinas

Data: 06 a 09 de novembro de 2006

Trabalho apresentado: “O *continuum* afro-brasileiro de português”, na mesa redonda: “O contato entre a língua portuguesa e as línguas africanas”

Evento: *Seminário Internacional Acolhendo as Línguas Africanas: Linguagem e Educação* (173)

Local: Universidade do Estado da Bahia

Data: 13 e 14 de novembro de 2006

Trabalho apresentado: “A pesquisa em línguas e culturas africanas no Brasil”

Evento: *I Simpósio Nacional sobre a Intolerância* (174)

Local: Casa de Cultura Japonesa – FFLCH/USP

Data: 15 a 21 de novembro de 2006

Trabalho apresentado: “Intolerância e preconceitos lingüísticos contra o negro”, na mesa-redonda: “DesCaminhos Identitários”

Evento: *III Colóquio Os Estudos Lexicais em diferentes perspectivas* (175)

Local: FFLCH-USP – São Paulo

Data: 06 e 07 de dezembro de 2007

Trabalho apresentado: “O léxico de origem africana no português brasileiro”



## PALESTRAS PROFERIDAS

Título: *O vestuário na África Negra – o caso Diulá* (176)

Local: FFLCH – USP (Centro de Estudos Africanos)

Data: 18 de novembro de 1993

Título: *A linguagem do vestuário dos povos mandenka da África Ocidental*” (177)

Local: Centro Universitário Maria Antônia

Data: 12 de outubro de 1996

Título: *Contribuição das comunidades afro-brasileiras rurais na constituição do português do Brasil* (178)

Local: FFLCH – USP (Centro de Estudos Africanos)

Data: 04 de dezembro de 1996

Título: *Panorama das minorias africanas* (Palestra proferida dentro do Seminário Acadêmico *Minorias Lingüísticas*) (179)

Local: FFLCH – USP - DLCV

Data: 20 de março de 1998

Título: *Les français d’Afrique* (180)

Local: Associação dos Professores de Francês do Estado de São Paulo

Data: 27 de março de 2004

Título: *Intolerância, preconceito e resistência* (181)

Local: PUC – SP

Data: 16 de março de 2005

Título: *O léxico como ponto de convergência do contato do português com as línguas africanas* (182)

Local: UNICAMP

Data: 27 e 28 de setembro de 2007

Título: *La diversité du français en Afrique* (183)

Local: Associação dos professores de francês do Estado de São Paulo

Data: 17 de março de 2007

## CURSOS MINISTRADOS

Curso de Pós-Graduação, durante o XII Instituto de Verão da ABRALIN (184)

Local: FFLCH – USP

Título: Descrição das Línguas de Tradição Oral

Data: 26 a 28 de janeiro e 02 a 05 de fevereiro de 1993

Curso de Graduação para alunos da FMUSP (185)

Local: FFLCH – USP

Título: Elementos de Lingüística I

Data: 1º semestre de 2002

Curso de Difusão Cultural (186)

Local: FFLCH – USP (Curso promovido pelo Centro de Estudos Africanos)

Título: África: Sociedades e Cultura

Data: 02 de outubro a 04 de dezembro de 2003 (carga horária: 40h)

Curso de Difusão Cultural: Introdução à Lingüística – Objetos Teóricos (187)

Local: FFLCH – USP

Título: “Linguagem, língua, lingüística”

Data: 03 de outubro a 05 de dezembro de 2003 (carga horária: 30h)

Tipo: Curso de Difusão Cultural (188)

Local: FFLCH – USP (Curso promovido pelo Centro de Estudos Africanos)

Título: Questões Lingüísticas na África

Data: 02 de outubro a 04 de dezembro de 2003.

Curso de extensão (189)

Local: FFLCH – USP (Curso promovido pelo Centro de Estudos Africanos)

Título: Unidade e Diversidade Lingüística

Data: 20 de março a 03 de julho de 2007

## Organização/Coordenação de cursos e eventos

Curso de Difusão Cultural: *Língua basca: aspectos lingüísticos, históricos e socioculturais* (190)

Local: FFLCH – USP

Participação: Supervisão

Data: 12 de abril a 07 de maio de 1999

Curso de Difusão Cultural: *Introdução ao Estudo de Kiswahili – módulo II* (191)

Local: FFLCH – USP

Participação: Coordenadora do curso

Data: 02 de agosto a 29 de novembro de 2006

Curso de Difusão Cultural: *Introdução ao Estudo de Kiswahili* (192)

Local: FFLCH – USP

Participação: Coordenadora do curso

Data: 07 de março a 20 de junho de 2007

Curso: “Seminários acadêmicos de lingüística descritiva” (193)

Local: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH/USP

Participação: co-organizadora

Datas: 27 e 28 de outubro de 1994

Evento: XII Encontro Nacional da ANPOLL (194)

Local: UNICAMP

Participação: Vice-Presidente

Data: 26 a 30 de maio de 1997

Evento: XIII Encontro Nacional da ANPOLL (195)

Local: UNICAMP

Participação: Comissão Organizadora

Data: 08 a 12 de junho de 1998

### 13. ATUAÇÃO COMO PARECERISTA

- análise das comunicações inscritas na *48ª Reunião Anual da SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência* (200)
- parecer técnico sobre os temas transversais do bloco Convívio Social e Ética, integrante da versão preliminar dos Parâmetro Curriculares Nacionais de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental – *APLL – Associação de Professores de Língua e Literatura* (201)
- análise das comunicações inscritas na *49ª Reunião Anual da SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência* (202)
- Comissão de Avaliação dos resumos de comunicação encaminhadas para a *5ª Reunião Especial da SBPC* (203)
- parecerista *ad hoc* dos trabalhos do *XXVII Seminário do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo* (204)
- Comissão de Avaliação dos resumos de comunicação encaminhadas para a *50ª Reunião Especial da SBPC* (205)
- parecerista no processo de análise dos Parâmetro Curriculares Nacionais de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental – *MEC – Ministério da Educação e do Desporto* (206)
- parecerista *ad hoc* dos trabalhos do *XLVI Seminário do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo* (207)
- Comissão de Avaliação dos resumos de comunicação encaminhadas para a *51ª Reunião Especial da SBPC* (208)

- parecerista *ad hoc* dos trabalhos do *XXIX Seminário do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo* (209)
- Comissão de Avaliação dos resumos de comunicação encaminhadas para a *52ª Reunião Especial da SBPC* (210)
- Comitê de avaliação dos trabalhos inscritos na *II International Conference on (Missionary-) Colonial Linguistics* (211)
- parecerista *ad hoc* dos trabalhos do *51º Seminário do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo* (212)
- parecerista *ad hoc* dos trabalhos do *52º Seminário do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo* (213)
- parecerista *ad hoc* dos trabalhos do *53º Seminário do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo* (214)
- parecerista da avaliação de cursos superiores do *Guia do Estudante – Editora Abril* (215)

## Palavras finais

Ao encerrar este memorial, um sentimento contraditório de falta e de excesso, angústia e satisfação toma conta de mim. Sinto que poderia ter feito mais e melhor, principalmente quanto à pesquisa individual e às publicações. Por outro lado, sei que fui ativa e dinâmica; trabalhei muito, priorizando sempre as atividades docentes. Para dar conta de tantas tarefas – orientação, aulas e pesquisa – dividi-me, quando precisaria multiplicar-me. Foi custoso amadurecer cientificamente e chegar até aqui. Mas foi prazeroso trabalhar no Departamento de Lingüística, ao lado de colegas que sempre me incentivaram e apoiaram.

O sentido do dever sempre me acompanhou. Compreendi que ir para Abidjan não era uma aventura; eu tinha a missão de trazer para nossa universidade o conhecimento das línguas africanas e deveria implantar essa área de estudos no departamento de lingüística. Não foi fácil nem rápido, mas creio que consegui criar um núcleo de pesquisas na área. Despertei o interesse de muitos estudantes para esses estudos. Formei um grupo solidário e comprometido com o estudo das línguas africanas. Mais recentemente, com o projeto CAPES/COFECUB, consegui conquistar para a área pesquisadores já formados, vários deles colegas do departamento, uma colega do DLCV e outra da Unicamp. Em agosto vamos sediar pela primeira vez no Brasil o congresso WOCAL. Esse evento será um passo importante para o reconhecimento de nosso departamento e de nossa universidade como um centro de referência em lingüística africana, no Brasil e na América Latina.

Penso ter aprendido com o professor Izidoro Blikstein e com outros professores a importância de estabelecer e estimular contatos entre colegas, entre alunos e entre instituições. *Construir pontes* tem sido meu lema, como professora, orientadora e pesquisadora.

Confesso que a sensação de que falta ainda muito para aprender me persegue, mas não estou desanimada, porque sei que estou no caminho do aprendizado.

São Paulo, março de 2008.